



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ANA PAULA DIAS CAMPOS MAGALHÃES

“A partilha do pão” como *um dar-se*

Educar para a partilha - um contributo da disciplina de
Educação Moral e Religiosa Católica sobre a unidade letiva
A partilha do pão do 6.º Ano do Ensino Básico

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2016

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO I – O PÃO COMO SÍMBOLO ANTROPOLÓGICO E TEOLÓGICO	5
1. Conceito de pão e a sua evolução histórica	5
2. Simbologia judaico-cristã do pão	10
2.1. Pão ázimo e pão com fermento	10
2.2. Jesus, o novo maná	12
2.3. A oração do Pai Nosso: “O pão nosso de cada dia”	14
2.4. Eucaristia, fonte de vida	20
2.4.1. Os nomes da Eucaristia	20
2.4.2. O domingo, dia da Eucaristia	21
2.5. A Páscoa como partilha e vida nova	25
3. Síntese	28
CAPÍTULO II – EDUCAR PARA A PARTILHA. CONTRIBUTOS DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA	30
1. Educar para a partilha	30
1.1. A educação não apenas como “fazer”, mas também como “ser” aberta à dimensão religiosa e espiritual	31
1.2. A verdadeira comunidade educativa construída com valores partilhados	37
1.3. Consequências da não partilha no contexto escolar	38
1.4. A importância de Educação Moral e Religiosa Católica nas nossas escolas	41
2. Contributo para a formação da personalidade	44
2.1. A escola e a família: dois contextos de desenvolvimento da personalidade	45
2.2. Colaboração entre escola/família/comunidade na educação das crianças	46
2.3. Obstáculos ao envolvimento parental	49
3. O perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica	51
4. Síntese	55
CAPÍTULO III – A UNIDADE LETIVA “A PARTILHA DO PÃO”. DISPOSITIVO PEDAGÓGICO E DIDÁTICO	57
1. Caracterização do contexto escolar	57
1.1. Descrição do agrupamento	57
1.2. Caracterização da turma	60

2. Planificação e lecionação da Unidade Letiva “A partilha do pão” do 6.º ano de escolaridade	61
2.1. <i>A planificação e a sua contextualização</i>	61
2.2. <i>A lecionação das aulas</i>	64
2.2.1. Aula 1 - A importância da alimentação no nosso dia-a-dia e na perspetiva cultural	65
2.2.2. Aula 2 - O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.....	67
2.2.3. Aula 3 - O comércio justo	69
2.2.4. Aula 4 - A fome e a distribuição injusta dos bens. As instituições vocacionadas para eliminação da fome	71
2.2.5. Aula 5 – Ser pão para os outros através da partilha	73
2.2.6. Aula 6 - A partilha como um dom de si	75
2.3. <i>Avaliação da unidade letiva lecionada</i>	96
3. Síntese	100
CONCLUSÃO	101
BIBLIOGRAFIA	104
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

O presente Relatório é realizado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, variante em Educação Moral e Religiosa Católica, inserido na Prática de Ensino Supervisionada. Tem como tema: “ ‘A partilha do pão’ como *um dar-se*”. Este Relatório encontra-se estruturado em três capítulos.

O pão desde a sua evolução como alimento acompanhou a Humanidade até aos nossos dias, independentemente das alterações e progressos na sua confeção, tornando-se um alimento indispensável para a sobrevivência do ser humano.

Abrir-se para partilhar o pão com os que precisam é o objetivo principal deste tema. Sem essa atitude de partilha, não podemos ser chamados discípulos de Cristo. Somos, portanto, convidados a partilhar aquilo que possuímos, do tempo e das capacidades que temos, do carinho e da esperança que recebemos com a fé. Deste modo, este dom que temos constitui o primeiro testemunho do Evangelho, a atitude nova para a construção de uma Igreja nova, de um mundo novo. Esta atitude modela-se e alimenta-se continuamente na Eucaristia, atualização da vida, morte e ressurreição de Jesus. Aí celebramos o dom total da sua vida oferecida por nós e para nós. Comendo o Seu pão e bebendo o Seu vinho, somos recriados à Sua imagem e tornamo-nos também dom para os que nos rodeiam e para o mundo.

Contudo, o pão possui um duplo sentido, sendo símbolo antropológico e teológico. No sentido teológico não se trata apenas de pão e peixe, do alimento necessário e quotidiano, mas de pão e vinho, sinal de um banquete, de uma festa. Trata-se, sobretudo, da simples subsistência elementar que se abre a outras dimensões do ser: a festa, a alegria, o convívio, a partilha daquilo que somos, evocamos e sonhamos. Jesus na Última Ceia com os discípulos, volta ao tema do pão, para revelar uma nova dimensão do gesto de partilhar e multiplicar os dons de Deus.

No entanto, vai mais além, pois aquilo que Jesus partilha não é alguma coisa, um recurso, ou capacidade, mas a sua própria vida. Como Ele não é apenas um homem, mas o Filho de Deus, esse ser divino também se torna dom para a humanidade. Foi esse ser humano e divino que Ele ofereceu e colocou ao serviço dos mais pobres e necessitados ao longo da vida, levando esse dom até às últimas consequências na sua morte e ressurreição. Ao dar-se a si mesmo em alimento para a nossa fome de vida, Jesus, como homem e Filho de Deus, nutre-nos de um modo novo, com um pão que alimenta para a vida eterna. Por isso, diz: “Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Se alguém comer deste pão viverá eternamente” (Jo 6,51). O que está em causa não é apenas um esforço novo de maior solidariedade, mas o alargamento da vida pessoal e comunitária, segundo os novos horizontes de Deus. É esse o dom que Jesus

partilha conosco, através da sua vida, morte e ressurreição. E tudo isso é o que celebramos na Eucaristia. Este será o assunto tratado no primeiro capítulo.

Dado que o pão é o fundamento da vida, da saúde, da educação, da solidariedade, do carinho, da esperança e símbolo da partilha, no segundo capítulo, iremos centrar-nos ao nível das escolas, dos próprios alunos e da comunidade, proporcionando desta forma, uma visão geral sobre o tema da partilha na escola.

Começa-se por abordar a educação não apenas como “fazer”, mas também como “ser” aberta à dimensão religiosa e espiritual. Verifica-se que, cada vez mais, existe uma procura de experiências para os jovens darem sentido e rumo às suas vidas com fé e esperança, como são exemplo os encontros de jovens, principalmente as Jornadas Mundiais da Juventude e Taizé. Após isto, passaremos a abordar a verdadeira comunidade educativa construída com base em valores partilhados, verificando-se as consequências que daí advêm e o contributo que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode trazer para as nossas escolas.

Sabemos que a escola, a família e a comunidade são três contextos predominantes no mundo do aluno e que a parceria entre elas pode constituir um poderoso instrumento para a melhoria da qualidade de aprendizagem, da imagem da escola e da dinamização da vida social. Como a educação da criança/jovem deve ser uma responsabilidade partilhada e complementada por todos os que a rodeiam, na segunda parte deste capítulo, faremos referência ao contributo para a formação da personalidade. Deste modo, debruçar-nos-emos sobre: a família e a escola, sendo estes dois contextos de desenvolvimento da personalidade; a colaboração existente entre escola/família/comunidade na educação das crianças e os obstáculos ao envolvimento parental, terminando com o perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). O professor de EMRC precisa de olhar para si e experimentar Deus na sua vida, para poder ajudar os alunos. Deve estar sempre atento e preocupado, encontrando-se disponível para apoiar.

No terceiro e último capítulo deste Relatório, entramos definitivamente no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada começando por caracterizar o contexto escolar, descrevendo o Agrupamento de Escolas de Mundão, e caracterizando a turma C do sexto ano de escolaridade, por ter sido nessa turma que foi desenvolvida a nossa Prática de Ensino Supervisionada.

Numa segunda parte deste capítulo, serão apresentadas as propostas de planificação e a lecionação da unidade letiva “A partilha do pão”, num total de seis aulas de quarenta e cinco minutos. Na parte final, será feita uma justificação das opções metodológicas, seguida de uma avaliação sobre as aprendizagens adquiridas ao longo da unidade lecionada.

CAPÍTULO I – O PÃO COMO SÍMBOLO ANTROPOLÓGICO E TEOLÓGICO

O pão foi sempre um dos alimentos indispensáveis à sobrevivência do ser humano. Representa os fios que nos atam à vida e que nos mantêm à flor da terra. Sendo obtido com a utilização de fermento está ligado à civilização ocidental há cerca de seis mil anos.

Neste primeiro capítulo abordaremos o duplo sentido do pão como símbolo antropológico e teológico. Não é somente do pão material que o ser humano se alimenta, mas é também do pão espiritual, correspondendo um importante significado simbólico-religioso.

Neste sentido, sabemos que o pão permeia toda a história do ser humano, principalmente pelo seu lado religioso. É o símbolo da vida, alimento do corpo e da alma, símbolo da partilha, do testemunho visível da arte da fraternidade. Foi sublimado na multiplicação dos pães, na Última Ceia, e até hoje, simboliza a fé, na celebração eucarística através da hóstia, representando o Corpo de Cristo.

1. Conceito de pão e a sua evolução histórica

A alimentação tem uma grande importância no nosso dia-a-dia. Esta surge como uma necessidade biológica para a população mundial, uma vez que é indispensável ao ser humano, à sobrevivência e saúde da pessoa, havendo por isso a necessidade da prática de uma alimentação equilibrada. Para além disto, a refeição está associada à festa, como lugar de confraternização e à experiência de encontro, sendo momentos essenciais na vida dos seres humanos.

Um dos alimentos mais populares no mundo é o pão, sendo produzido em quase todas as sociedades. O pão, no mundo ocidental, para além de apresentar um elevado valor nutricional, quando se trata do pão integral e de ser uma boa fonte de energia, é um alimento acessível a todas as classes socioeconómicas¹. Contudo, nas últimas décadas notou-se um decréscimo no seu consumo, devido a fatores como mudanças de hábitos alimentares, existindo a possibilidade de escolher outros substitutos, como os cereais de pequeno-almoço e o *fast food*.

De acordo com a opinião do romancista Heinrich Jacob, que também foi dramaturgo, e crítico literário e musical “aquilo a que nós chamamos propriamente pão não se consegue fazer com sorgo, aveia ou cevada. Assim, a história do pão assenta fundamentalmente no trigo e no centeio”².

¹ Cf. A. de OLIVEIRA, *Pão*, in João BIGOTTE CHORÃO (dir.), *Enciclopédia Verbo. Luso Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 2002, 53.

² Heinrich EDUARD JACOB, *6000 anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 53.

Ao longo do tempo, a sua produção foi-se alterando até chegar aos nossos dias. Este nem sempre teve o mesmo aspeto, nem foi sempre feito da mesma forma, sofrendo avanços tecnológicos, verificando-se uma adaptação às novas necessidades dos consumidores e a novos nichos de mercado. O pão é uma descoberta química, sendo “um produto obtido por cozedura no forno, feito a partir de uma massa de farinha que é aglutinada e levedada por um fermento ou outro agente semelhante”³.

Para o romancista Heinrich Jacob, o “pão assim obtido com a utilização de um fermento (...) está ligado à civilização ocidental há seis mil anos”⁴, onde foi difundido por várias civilizações da Antiguidade.

A origem do pão encontra-se ligada ao processo de sedentarização do ser humano, quando surgiu o desenvolvimento da agricultura, onde o trigo era um dos principais cereais desta atividade produtiva.

Os egípcios foram os primeiros a usaram fornos, sendo uma grande inovação para a história do pão⁵ e também foi-lhes atribuída a descoberta do acréscimo de líquido fermentado à massa do pão para torná-lo mais fofo e saboroso⁶, dando-lhe o aspeto que ainda hoje conhecemos. Na antiguidade, aos egípcios chamavam-nos de “comedores de pão” porque faziam do pão o alimento principal da refeição, mas também era uma unidade de medida, onde se pagavam os salários dos trabalhadores. Um trabalhador rural ganhava três pães e duas canecas de cerveja por dia de trabalho⁷. Este produto foi usado, durante muitos séculos, como moeda, por ser um produto de extrema necessidade à alimentação e os faraós também o utilizavam como meio de pagamento aos serviços realizados.

Através da Bíblia, sabemos que os hebreus e os egípcios se encontraram devido ao facto de terem ido buscar alimentos durante uma carestia na Palestina. Os hebreus “não podiam deixar de sentir espanto perante um povo que passava o dia todo ocupado com tudo o que dizia respeito à confeção do pão. O pão que agora aprendiam a produzir não era invenção sua. Se tivessem continuado a ser pastores nómadas nunca a teriam adoptado”⁸. Desta forma, o povo de Israel só conheceu o pão através do contacto com os egípcios, com quem os hebreus aprenderam melhores técnicas de fabricação e obtiveram a receita, surgindo as primeiras padarias em Jerusalém.

Os judeus também começaram a fabricar o seu pão na mesma época, porém não utilizavam fermentos, sendo um pão ázimo ou não fermentado que era usado nas celebrações

³ *Ibidem*, 53.

⁴ *Ibidem*, 54.

⁵ Cf. Margarida PEREIRA-MÜLLER, *Pão feito em casa*, Feitoria dos livros, 2011, 9.

⁶ Cf. *Ibidem*, 9-10.

⁷ Cf. Heinrich EDUARD JACOB, *6000 anos de ...*, *op. cit.*, 73.

⁸ *Ibidem*, 77.

religiosas⁹. Acreditavam que era “um auxiliar de memória”¹⁰ devido ao facto de Moisés recordar o povo da saída dos filhos de Israel do Egipto, sendo tão “apressada que não tiveram tempo de confeccionar completamente o pão”¹¹. Por isso, é que a Bíblia relata que os judeus não puderam esperar que os pães levedassem antes da fuga do Egipto, levando um pão de massa pesada e azeda. Este episódio é ainda lembrado hoje como a Páscoa judaica, ao comerem o pão ázimo, tal como acontecia com Javé que só se oferecia pão ázimo, sem fermento. “Comer pão levedado nas proximidades de Deus (...) era (...) ofender um princípio, uma lei natural religiosa, cuja violação tinha consequências prejudiciais para todo o povo”¹².

Também na Grécia e em Roma, o pão teve a sua história. Na Grécia ocorreu na mesma época que no Egipto, uma vez que havia sempre cereal à venda, já em Roma foi bem mais tarde (800 anos a.C.), porém com uma grande importância.

Na Grécia os terrenos não eram favoráveis à produção de cereais, pois o “cereal que aí crescia era em quantidade pouco abundante. Sobretudo cultivava-se cevada, ao passo que o trigo era quase sempre importado”¹³. A nível da terra, não se fazia uma utilização razoável, pelo facto de desconhecerem as vantagens da alternância de cultura. Só a partir do século V é que os Gregos começaram a desenvolver “um autêntico instinto de cultivo”¹⁴. Desta forma, eram considerados mestres no fabrico do pão, cuja origem atribuíam aos deuses, com mais de setenta variedades, sendo também usado como medicamento¹⁵.

Em Roma, o pão era cozido em casa de cada um¹⁶. Durante todo o império romano, os padeiros geralmente eram gregos, pois os romanos não gostavam de cozinhar. Só quando perceberam que o pão era tão saboroso, é que aprenderam a fabricá-lo na perfeição. “As formas em que se apresentava o pão eram ainda mais imaginosas do que as dos Egípcios”¹⁷. Havia, para além dos padeiros, pasteleiros e doceiros de diferentes tipos. “Os primeiros padeiros profissionais de Roma são posteriores ao ano de 168”¹⁸. No entanto, o pão era utilizado pelos imperadores para manter uma aparente satisfação da população, fazendo com que a atenção dos conflitos de poder e das condições de vida não tivessem grande

⁹ Cf. Manuel BUENO SÁNCHEZ, Manuel BUENO LOZANO, *Aceite, pan y vino. La trilogía de la dieta mediterránea*, Ilusbooks, Madrid, 2015, 87.

¹⁰ Heinrich EDUARD JACOB, *6000 anos de ...*, *op. cit.*, 80.

¹¹ *Ibidem*, 79.

¹² *Ibidem*, 83.

¹³ *Ibidem*, 91.

¹⁴ *Ibidem*, 94.

¹⁵ Cf. Manuel BUENO SÁNCHEZ, Manuel BUENO LOZANO, *Aceite, pan y vino ...*, *op. cit.*, 87-88.

¹⁶ Cf. A. de OLIVEIRA, *Pão*, in João BIGOTTE CHORÃO (dir.), *Enciclopédia Verbo ...*, *op. cit.*, 53.

¹⁷ Heinrich EDUARD JACOB, *6000 anos de ...*, *op. cit.*, 133.

¹⁸ *Ibidem*, 134.

interferência, por parte do povo. O hábito de consumir pão, devido à expansão do Império Romano, foi difundido por uma grande parte da Europa.

Contudo, a Idade Média foi um período da história onde não se verificaram grandes avanços na sociedade. As padarias acabaram e a produção de pão era feita artesanalmente em ambiente doméstico pelos camponeses, o qual era escuro e teria que se comer duro, acompanhando outros alimentos, como a carne e sopas. Assim, as pessoas voltaram a comer pão sem fermento.

Em oposição, os senhores feudais consumiam pães de trigo, com maior qualidade, que eram produzidos nas padarias dos castelos.

Em Portugal, consta-se que no ano de 1333 dada a situação económica e de fome que se vivia, à qual nem os ricos eram poupados, houve o aparecimento milagroso de alimentos encontrando-se este ligado à ação solidária para com as vítimas da carestia.

Os contos e lendas sobre o pão são imensos, os quais se encontram ligados à existência do Cristianismo. Desta forma, a “lenda das rosas”¹⁹ é uma das lendas mais conhecidas, onde a Rainha Santa Isabel, sendo relacionada com a ação fraterna de Jesus, ficou conhecida pela bondade que teve para com os mais necessitados e pobres, a quem distribuía os seus alimentos. Para atenuar a situação de fome que se vivia à altura, a rainha empenhou as suas jóias e mandou vir trigo de diversos lugares para abastecer o celeiro real, e assim distribuir o pão pelos mais pobres. “Santa Isabel, rainha de Portugal, nasceu em 1270 e faleceu em 1336. Era filha de Pedro III de Aragão e de Dona Constância da Sicília. Foi dada com doze anos em matrimónio ao rei D. Dinis de Portugal, que lhe deu total liberdade para praticar as suas devoções”²⁰. Diz-se que os pobres lhe chamavam mãe ainda em criança. A sua festividade é celebrada a 4 de Julho e o túmulo encontra-se na Igreja de Santa Clara, em Coimbra.

Nesta época encontram-se milagres semelhantes nas lendas biográficas de quase todos os Santos, à semelhança do que acontece com a Bíblia que faz referência a vários milagres que estão narrados com a multiplicação ou o aparecimento milagroso de alimentos²¹.

Com a Revolução Industrial, a produção do pão ganhou um forte impulso, tanto ao nível do aumento de terras para ser semeado o trigo, como ao nível do desenvolvimento de técnicas de moagem do cereal nos moinhos, até se chegar aos moinhos a vapor, surgidos em 1784.

Devido ao grande intercâmbio cultural que existe em todo o mundo, a fabricação do pão envolve diferentes métodos. Estes resultam numa variedade enorme de tipos e qualidades

¹⁹ Natércia ROCHA, *Contos e lendas de Portugal* in Cristina SÁ CARVALHO (coord.), *Estou Contigo, Manual do Aluno – EMRC, 6.º Ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015, 84.

²⁰ *Ibidem*, 85.

²¹ Cf. *Ibidem*, 84.

de pães. Cada povo, cada região do mundo tem o seu pão típico. A *baguette* da França, o *scone* da Inglaterra, o *parata* da Índia, entre outros. Para colmatar esta diversidade de pães, foi necessário implementar regras (legislações) para que houvesse uma boa produção com qualidade.

A legislação portuguesa (Portaria 425/98) menciona o pão reconhecido mundialmente, como um elemento fundamental na dieta alimentar da Humanidade. Este é um produto adquirido “da amassadura, fermentação e cozedura, em condições adequadas, das farinhas de trigo, centeio, triticale ou milho, estremes ou de mistura, de acordo com os tipos legalmente estabelecidos, água potável e fermento ou levedura, sendo ainda possível a utilização de sal e de outros ingredientes, incluindo aditivos, bem como auxiliares tecnológicos”²². Desta forma, poderão ser fabricados e comercializados os diferentes tipos de pão e pães especiais. Esta legislação serve para fixar as características a que devem obedecer as diversas qualidades de pão e os produtos afins do pão.

Sabemos que o pão, com o passar do tempo, foi-se tornando um alimento indispensável ao ser humano, estando presente nos hábitos dos diversos povos e também em diferentes momentos da história. Como relata o romancista Heinrich Jacob: “Nas padarias há pão que nos aquece. Em todas as cidades alemãs os padeiros ergueram as suas lojas, corajosamente, junto às ruínas. As lojas de artigos da moda, as lojas onde os novos-ricos podem ir comprar jóias ou automóveis ou louças decorativas, essas ficam tão longe das ruínas quanto possível. O pão, porém, instalou-se ao lado dos destroços”²³.

Apesar do pão estar difundido por todo o mundo, ainda hoje uma boa percentagem da população mundial não tem acesso a esse alimento.

Para concluirmos este ponto, a importância da alimentação é também revelada através do conhecimento que o povo popular português tem perante a grande variedade de provérbios. Este género literário apresenta imagens com um grande valor moral e expressões que se traduzem em ensinamentos e regras sociais. Serão aqui, em seguida, referenciados alguns deles relativos à temática do pão:

Casa em que não há pão todos ralham e ninguém tem razão.

Deus dá nozes a quem não tem dentes para as comer.

Dinheiro compra pão, mas não compra gratidão.

Em ano geado, não há pão dobrado.

Em Outubro sê prudente: guarda pão, guarda semente.

Janeiro molhado, se não cria o pão, cria o gado.

Maiο frio e Junho quente: bom pão, vinho valente.

²² *Série I-B, Portaria 425/98*, Texto disponível online em <http://publicos.pt/documento/id428627/portaria425/98>, consultado em 31-03-2016.

²³ Heinrich EDUARD JACOB, *6000 anos de ...*, op. cit., 574.

*Mais vale pão duro, que figo maduro.
Quem dá o pão, dá a educação.
Nem mesa sem pão, nem exército sem capitão.
Para a fome não há mau pão.
Para pão de quinze dias, fome de três semanas.
Quanto mais barato estiver o pão, melhor canta o coração²⁴.*

2. Simbologia judaico-cristã do pão

O pão é um alimento tão essencial, na nossa tradição alimentar, a nível mundial que se traduz ao nível simbólico de uma forma acentuada. É a sua condição de alimento essencial que torna o pão o símbolo do alimento por excelência tornando-se, no alimento com maior simbolismo no mundo, como foi referido anteriormente.

2.1. Pão ázimo e pão com fermento

O símbolo do pão, se o considerarmos desde o cultivo do cereal, passando pelos trabalhos de preparação da terra, da malha e ventilação do cereal, da moagem do grão, da moldagem da farinha, pela sua cozedura e fabrico do alimento em si, seriam muitas as lendas, as crenças e os símbolos que conduziriam a este alimento.

Na confeção do pão, sendo o fermento um resto de massa de pão feito anteriormente, deixando-se azedar, mistura-se na massa nova para a levedar que é preciso deixá-la repousar durante algum tempo. Este é um elemento essencial para dar maior gosto e tem como capacidade fazer crescer este alimento. O pão que dela resulta assume um melhor sabor. O pão obtido com a utilização de um fermento, “triunfou sobre todas as tentativas de o substituir por pastas de cereal ou por bolos de farinha sem levedação; à maneira dos povos mais primitivos – está ligado à civilização ocidental há seis mil anos”²⁵.

No entanto, “os povos nómadas, habituados a contínuas mudanças, por causa dos rebanhos, utilizavam o pão sem fermento”²⁶, ou seja, o pão ázimo. “O termo ‘ázimo’ deriva do hebraico *matzá*, traduzido para o latim *azymus* e o grego *azdumos*, e significa ‘sem

²⁴ Cf. *Lista de provérbios populares sobre o pão*, Texto disponível online em <http://portugalfoodstories.com/2013/10/22/lista-de-proverbios-pao/>, consultado em 31-03-2016.

²⁵ Heinrich EDUARD JACOB, *6000 anos de ...*, op. cit., 54.

²⁶ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006, 274.

fermento’²⁷. Este pão é “assado sem fermento, feito de farinha de trigo, ou de aveia, cevada ou centeio, e água”²⁸.

Na Bíblia, há explicações distintas acerca do fermento. No Antigo Testamento, designava as forças do mal, tendo como consequência a escravidão do povo de Israel no Egito, onde o povo comia este pão em ambiente de submissão, no qual era remetido o fermento e no Novo Testamento era considerada a ação ativa de Deus.

Os ázimos, aparecem, pelo contrário, com o significado oposto à decomposição e à corrupção. Isto averigua-se aquando à saída dos descendentes de Israel do Egito, episódio relatado na Bíblia Sagrada, mais especificamente no Livro do Êxodo, conhecido também pelas pragas lançadas por Deus sobre os egípcios para os obrigar a libertar os judeus. Durante os dias da celebração da Páscoa, os judeus comiam pão ázimo, como refere Moisés ao povo, na Páscoa da saída do Egito: “Nessa mesma noite, comer-se-á a carne assada ao fogo com pães sem fermento e as ervas amargas (...). Quando os comerdes, tereis os rins cingidos, as sandálias nos pés e o bordão na mão. Comê-lo-eis apressadamente, pois é a Páscoa do Senhor” (Ex 12,8.11). Com isto, os judeus recordam que os seus antepassados, na fuga do Egito, não tiveram tempo para deixar levedar a massa do pão, comendo o pão não fermentado (cf. Ex 12,39). Este pão ficou conhecido por pão ázimo, pão da pressa, “o pão da aflição” (cf. Dt 16,3),²⁹ pão da miséria ou pão da viagem.

Como se decanta nos textos do livro de Êxodo, não se pode negar que o culto influenciou na memória do povo a recordação da saída do cativeiro e a celebrar a vitória do Deus de Israel sobre os deuses pagãos do Egito.

Aliadas deste pão são as ervas amargas, que são plantas selvagens apanhadas do campo para lhe dar algum sabor (Ex 12,8). Dada a sua composição, o pão ázimo resistia mais tempo sem se estragar, por isso, era uma boa opção para uma viagem tão longa, como foi aquela que o povo hebreu realizou pelo deserto, dado não terem “tempo para levar outras provisões” (Ex 12,39).

Deste modo, só no século IX, os católicos ocidentais, conhecidos também por latinos, “adotaram o pão ázimo na Missa para acentuar o respeito ao pão eucarístico, diferenciando-o do pão da mesa familiar. As Igrejas cristãs do Oriente nunca admitiram o pão ázimo na Eucaristia”³⁰.

Na Carta aos Coríntios, o pão ázimo apresenta uma interpretação simbólica: “Purificai-vos do velho fermento para serdes uma nova massa, visto que sois pães ázimos.

²⁷ *Pão Ázimo*, Texto disponível online em <http://www.audacia.org/v2/article/pao-azimo/>, consultado em 31-03-2016.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ Herculano ALVES, *Símbolos na ...*, *op. cit.*, 144.

³⁰ *Pão Ázimo*, Texto disponível online ..., *op. cit.*.

Celebremos a festa, não com fermento velho nem com fermento de malícia e perversidade, mas com os pães ázimos da pureza e da verdade” (1 Cor 5,7-8).

Devido a esta ação, o pão ázimo ficou para sempre ligado à festa da Páscoa, sendo uma festa pastoril³¹, onde os judeus o consumiam ritualmente na Ceia Pascal, celebrada na Primavera, altura em que se terá dado o Êxodo. A Páscoa pertence a este momento histórico na vida de Israel, embora tenham sido apresentadas, mais tarde, com novas perspetivas e adornada com elementos secundários próprios, de situações e tempos diferentes.

Desta maneira, a Páscoa tornou-se na festa dos pães sem fermento (cf. Ex 13,6) e na festa dos primogénitos (cf. Ex 13,1-2). A Páscoa significava a passagem de um estado de escravidão para o de liberdade, promovida por ação divina. Para além disto, o pão ázimo é utilizado por Jesus Cristo na Última Ceia para que se torne o seu corpo. Na celebração eucarística, depois de se pronunciar a bênção sobre o pão, os cristãos honram a presença real do Senhor. Alimentando-se deste alimento eucarístico, cada crente reforça a comunhão com Cristo e com os irmãos, até se tornarem um só corpo³². O pão ázimo é distribuído, desta forma, no rito da comunhão da missa em forma de hóstia.

2.2. *Jesus, o novo maná*

Durante a travessia do deserto do Sinai, o povo hebreu fez a experiência do pão dado por Deus e de modo como o dá.

Este representa a compaixão de Deus para com o seu povo. A história da dádiva do Maná ao povo de Israel, quando da travessia do deserto a caminho da terra prometida, encontra-se em Ex 16.

Tal como o orvalho da manhã, assim caiu do céu o maná cobrindo a terra, sendo o suficiente para saciar e alimentar. Não se sabendo ao certo o que será, o Maná é uma substância “granulada, como saraiva caída na terra” (Ex 16,14), “provavelmente produzida pela secreção do tamarisco, (fruto da tamargueira). De acordo com o texto bíblico, parecia-se com semente de coentro, era branco e sabia a bolo de mel”³³.

Quando os hebreus viram o acampamento coberto com esta substância ficaram espantados e perguntaram “Que é isto?” (Ex 16,15) que em hebraico significa *man-hu*³⁴. Cada um podia apanhar o que necessitava, “uns recolheram mais, outros menos” (Ex 16,17). Mas

³¹ Cf. Alberto COLUNGA (coord.), *Bíblia Comentada I*, La Editorial Católica, Madrid, 1967, 441- 457.

³² Cf. *Pão* in Gianni AMBROSIO (coord.), *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004, 675.

³³ Cristina SÁ CARVALHO (coord.), *Estou Contigo, Manual do Aluno – EMRC, 6.º Ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015, 89.

³⁴ Cf. Ex 16,15 – nota de rodapé.

aqueles que faziam reservas porque não confiavam em Deus, esses viam o seu pão estragar-se com vermes e apodrecendo-se (cf. Ex 6,20). O nome maná provém “da pergunta feita pelos israelitas, apesar de o texto bíblico lhe chamar ‘alimento’ ou ‘pão’. O maná simboliza, portanto, o pão caído do céu para alimentar o povo”³⁵.

Desta forma, no Novo Testamento, Jesus, o alimento dos que nele acreditam, é identificado com o novo maná, o Pão de Deus descido do céu.³⁶ O maná é um tipo da Palavra de Deus, considerado o alimento que vem do céu para o sustento do seu povo.

Segundo o apóstolo S. João, o maná do deserto prefigurava a Eucaristia, aceite como o “verdadeiro pão do céu” (Jo 6,48) uma vez que Jesus disse: “Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4).

A “lembrança do maná do deserto recordará sempre a Israel que é do pão da Palavra de Deus que ele vive”³⁷. Por isso, Ele que nos deu a vida continua a acompanhar-nos em todos os momentos do nosso caminho. Depois de ter escolhido Abraão e de ter acompanhado Isaac e Jacob, continuou junto do povo libertando-o do Egipto, dando-lhes o maná como alimento nas dificuldades sentidas no deserto. Apesar disso, a maior expressão de amor que Deus teve perante a Humanidade, foi dar-lhes o seu próprio Filho, pois “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único” (Jo 3,16).

Num outro deserto, Jesus oferece também outro maná, multiplicando o pão para cinco mil homens: “Jesus tomou, então, os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e dava-os aos seus discípulos, para que eles os repartissem” (Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,1-14).

Daqui se depreende que, Jesus ama todos os que o rodeiam até ao mínimo pormenor. Nós como cristãos seremos alimentados com o Novo Pão descido do céu. Para além disso, dado que se o Povo hebreu comeu do maná e morreu, quem comer do Corpo de Jesus Cristo, viverá eternamente. A Eucaristia, isto é, o Corpo e Sangue de Jesus é um alimento que dá “um sentido novo e definitivo à bênção do pão e do cálice”³⁸. Com razão, Jesus pode dizer: “Eu Sou o pão vivo que desceu do Céu. Se alguém comer deste pão viverá eternamente” (Jo 6,51).

³⁵ Cristina SÁ CARVALHO (coord.), *Estou Contigo ...*, op. cit., 89.

³⁶ Cf. *Ibidem*.

³⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, n.º 1334.

³⁸ *Ibidem*.

2.3. A oração do Pai Nosso: “O pão nosso de cada dia”

O Pai Nosso é a nossa oração, mas também a oração de toda a comunidade. Parafraseando o Papa Francisco, na carta encíclica *Lumen Fidei*, o cristão perante o Pai Nosso “aprende a partilhar a própria experiência espiritual de Cristo e começa a ver com os olhos d’Ele. A partir d’Aquele que é Luz da Luz, do Filho Unigénito do Pai, também nós conhecemos a Deus e podemos inflamar outros no desejo de se aproximarem d’Ele”³⁹.

Os primeiros cristãos não tinham uma ligação muito próxima com o Pai Nosso, uma vez que esta é uma oração que contém traços originais, a nível formal. Na Enciclopédia do Cristianismo, *Christos*, segundo Bruno Maggioni “faltam completamente aquelas expressões que se encontram em todas as orações: peço-te, suplico-te, louvo-te, agradeço-te. Os pedidos do Pai-Nosso são secos, sem preâmbulos, sem adjectivos, todos no imperativo. O Pai-Nosso é uma oração cuidada até aos mínimos pormenores”⁴⁰.

O Pai Nosso é a oração própria do discípulo de Jesus, é a oração que Jesus nos ensinou, a oração dos filhos do Pai, sendo quase uma fotografia de espiritualidade e da vida de Jesus. No entanto, de acordo com o mesmo autor, Bruno Maggioni, “também um judeu a pode recitar sem dificuldade e, provavelmente, o mesmo poderia fazer também um crente de outras religiões. O Pai-Nosso é uma oração ecuménica. Podemos encontrar cada uma das expressões do Pai-Nosso no Antigo Testamento e na oração judaica, mas não todas juntas, nem com tal força”⁴¹.

A oração do Pai Nosso foi-nos transmitida pelos apóstolos, mantendo-se “até ao dia em que virmos o nosso Pai face a face, sem precisão de lhe fazer confiadamente estes pedidos de um povo peregrino”⁴². O Pai Nosso centra-se primeiro em Deus: exprime-se o anseio de que Deus seja glorificado por todos, que o seu Reino se torne presente nas nossas vidas. A seguir, centra-se no ser humano onde pede que haja pão para todos, que vivamos reconciliados e que Deus nos livre do poder do mal.

Na oração de Jesus, de acordo com as palavras do teólogo Manuel Matos, há dois aspetos que teremos que ter em conta, “encerra um altíssimo conteúdo de revelação do mistério trinitário (...) e evidencia uma notável pedagogia da oração, para ‘rezar como convém’ ”⁴³. É uma oração trinitária porque nos dirigimos ao Pai, fazendo-o como Jesus nos ensinou e unidos na comunhão do Espírito Santo. Desta forma, citando o mesmo teólogo

³⁹ FRANCISCO, Carta Encíclica, *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013) in *AAS* 105 (2013) n.º 46.

⁴⁰ Bruno MAGGIONI, *Pai-Nosso* in Gianni AMBROSIO (coord.), *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004, 673.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² Pedrosa FERREIRA, *A beleza da Oração*, Edição do Cavaleiro da Imaculada, Porto, 2013, 57.

⁴³ Manuel Alberto PEREIRA DE MATOS, *O Pai Nosso. A oração trinitária dos filhos de Deus*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007, 11.

Manuel Matos “A autenticidade da oração cristã, feita no espírito de filiação, terá de ser aferida pela semelhança com a oração do Filho, Jesus Cristo, no seu modo original de rezar ao Pai, no Espírito que é chamado o abraço de ambos”⁴⁴.

A verdade da oração filial só é atingida através do Espírito Santo quando entramos em adoração, louvor ou o clamamos como Abbá, Pai (Rm 8,15; Gl 4,6), tendo consciência de que somos seus filhos,⁴⁵ traduzindo os nossos desejos diante d’Ele. O termo “Abbá” é utilizado na oração que Jesus dirige a seu Pai, uma vez que é típico na linguagem familiar a criança chamar pai, utilizando papá ou querido pai, havendo uma intimidade mais próxima, uma invocação única e original, quer nos momentos de alegria e de exultação, quer nos transes de maior angústia ou agonia.

Por isso, é que o Papa Bento XVI explica que, o Pai Nosso compromete-se “com Deus e com os outros e até comigo próprio. Quando trato a Deus – Pai (Mãe), sinto-me filho ou filha? Quando digo – nosso considero o outro, os outros, meus irmãos? Esta é a oração da filiação e da fraternidade. Ousar dizer PAI NOSSO é arriscar na fascinante aventura da fé”⁴⁶.

No entanto, Jesus apresenta Deus como o “inconfundível e incomparável, o único a quem verdadeiramente é justo atribuir o nome de Pai”⁴⁷. Logo que se tenha conhecido o verdadeiro Deus, entende-se que só Ele é Pai verdadeiro, criador do céu e da terra, pois aos pais terrenos apenas lhes cabe uma paternidade analógica, uma vez que “todos vós sois irmãos” (Mt 23,8b). Só amamos o Filho porque amamos o Pai. Logo, Deus ama-nos porque é Pai e o Espírito derramou nos nossos corações o mesmo amor com que o Filho ama o Pai, visto que “amamos o Filho e acreditamos n’Ele como o enviado do Pai”⁴⁸. Desta forma, o Espírito Santo ensina, os filhos de Deus, a orar ao seu Pai através da Palavra de Deus, dando-nos Jesus as palavras da nossa oração filial⁴⁹.

Na oração de Jesus devemos aceitar a revelação da sua pessoa e encontrar novos conteúdos que serão divulgados pelo Espírito para que reze connosco e em nós. “A oração ao nosso Pai insere-se na missão misteriosa do Filho e do Espírito”⁵⁰. Desta forma, deveremos pedir tudo o que necessitamos e desejarmos em nome de Cristo para alcançarmos as bem-aventuranças. Assim, a oração de Jesus, tal como a oração feita de Jesus, tem um duplo aspeto

⁴⁴ *Ibidem*, 13.

⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 11.

⁴⁶ BENTO XVI, *Audiência Geral* de 3 de outubro de 2012, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121003.html, consultado em 12-02-2016.

⁴⁷ Manuel Alberto PEREIRA DE MATOS, *Interpretação Trinitária do Pai Nosso. O Espírito Santo e Espírito de Filiação à Luz do De Trinitate e de Outros Escritos de Santo Agostinho*, Universidade Católica Editora, Coimbra, 2004, 305.

⁴⁸ *Ibidem*, 306

⁴⁹ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., *op. cit.*, n.º 2766.

⁵⁰ *Ibidem*.

de revelação: divulga que “Ele é o Filho de Deus; e revela também que, no diálogo orante com Deus (à semelhança de como Jesus o faz), se experimenta já a bem-aventurança, como antecipação da vida eterna, destino último do homem”⁵¹. A vontade em Deus corresponde ao Espírito Santo, embora também se fale da vontade do Pai e da do Filho, sendo comum a ambos o Espírito Santo. Só peca contra o Espírito Santo, o ser humano que não aceita a vontade de Deus. Assim, ao rezar-se o Pai Nosso, não nos dirigimos só ao Pai, mas “também ao Filho, sob a fórmula do reino que vem, e, logicamente, ao Espírito Santo, implícito sob a vontade que se realiza”⁵². Pode-se dizer que o Pai Nosso tem uma dimensão trinitária, não só no sentido da tradição teológica e litúrgica que é dirigida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, mas também quando nos dirigimos consecutiva e conjuntamente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo⁵³.

O Pai Nosso, de acordo com a versão de S. Lucas (11,2-4), numa forma mais abreviada, e de S. Mateus (6,9-13), numa forma mais longa é o que se tornou na oração de todos os cristãos, uma vez que foi ensinada por Jesus aos discípulos. Tanto a ordem dos pedidos, como o seu significado são idênticos. Cada um escreveu o seu evangelho em diferentes comunidades, sendo iguais no seu fundamental. “Entre as duas versões não faltam as diferenças: sete pedidos em Mateus e cinco em Lucas; depois, existem algumas variantes dentro dos pedidos comuns do pão e do perdão”⁵⁴. Tanto a nível estrutural, como de conteúdo, existe uma nítida divisão no Pai Nosso em duas partes.

Nas palavras do Padre Pedrosa Ferreira, sacerdote salesiano e também conhecido pelas suas publicações destinadas aos agentes de pastoral catequética, S. Mateus apresenta a versão que consiste em sete petições, sendo “três relacionada com Deus (o seu nome, o seu Reino, a sua vontade) e quatro relacionadas connosco (o pão, as ofensas, a tentação, o mal)”⁵⁵.

Também no Catecismo da Igreja Católica são referenciadas “sete petições, que são sete bênçãos. As três primeiras, mais teológicas, atraem-nos para a glória do Pai; as quatro últimas, como caminhos para Ele, expõem a nossa miséria à sua graça”⁵⁶. No entanto, segundo o teólogo Manuel Matos, já não é feita assim a divisão. Este menciona que é constituído por seis petições, (sendo cinco em S. Lucas) a primeira parte constituída por três petições teológicas e a segunda parte de cariz antropológica, formada por outras três petições. Na última petição, o segundo inciso não é considerado uma petição, o que aumentaria para

⁵¹ Manuel Alberto PEREIRA DE MATOS, *Interpretação Trinitária do Pai Nosso ...*, op. cit., 304.

⁵² Manuel Alberto PEREIRA DE MATOS, *O Pai Nosso ...*, op. cit., 21.

⁵³ Cf. *Ibidem*.

⁵⁴ Bruno MAGGIONI, *Pai-Nosso ...*, op. cit., 672.

⁵⁵ Pedrosa FERREIRA, *A beleza da Oração ...*, op. cit., 57.

⁵⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., op. cit., n.º 2803.

sete, como é referenciado por outros comentadores, uma vez que este inciso apenas dá continuidade explicativa ao anterior⁵⁷.

Para o teólogo Manuel Matos, S. Mateus inseriu algumas ampliações, com o objetivo de ficar mais clara, sendo a fórmula de S. Lucas mais breve, como já foi referido anteriormente, a qual seria uma fórmula mais original⁵⁸.

Iremos, agora, debruçar-nos sobre o início da segunda parte do Pai Nosso, “*O pão nosso de cada dia*”, pois é esta a petição que nos interessa para este Relatório. Esta segunda parte é antropocêntrica, mas também teocêntrica, uma vez que está direcionada para a vida presente, apesar de ter uma expressão formal de cariz antropológica.

Esta oração-revelação faz referência ao pão quotidiano, símbolo do alimento essencial e necessário para a alimentação e sustento do nosso corpo: “dai-nos em cada dia o pão da nossa subsistência” (Lc 11,3). Assim, pedimos auxílio divino perante as dificuldades terrenas que temos, sendo o objetivo das três petições desta segunda parte. É sempre o “Pai o sujeito activo, o ‘TU’ subentendido em cada forma verbal (...) ‘dá-nos’, ‘perdoa’, ‘não nos deixeis cair, mas livrai-nos...’ ”⁵⁹, no qual emerge um conjunto verbal teocêntrico.

Das oito vezes que ocorre a repetição das flexões pronominais “*nós*”, no Pai-Nosso, “o pão *nosso... nos* dai; perdoai-*nos* as *nossas...*, como *nós* perdoamos... *nos* tem ofendido, não *nos* deixeis cair..., mas livrai-*nos...*”⁶⁰ confere uma coloração antropológica intensificada. Daí pedirmos todas as carências de que necessitamos no nosso dia a dia, quer sejam materiais, ou espirituais, visto que antes de nós as pedirmos, já o Pai as conhece, oferecendo-nos todos os bens. Mas como filhos teremos que lhas solicitar: “bem sabe o vosso Pai o que necessitais, antes de lho pedirdes” (Mt 6,8). Nós como pessoas carenciadas, débeis, deveremos confiar em Deus porque é o nosso Pai, e como Pai, ama-nos, tal como nos perdoa.

Nesta oração do Pai Nosso, a palavra pão é aquela que tem uma interpretação simplesmente literal e restritiva. Quando suplicamos pelo pão quotidiano, através de “o pão nosso de cada dia,” estabelece-se uma ligação entre a primeira e a segunda parte do Pai Nosso, através dos bens eternos e temporais. Desta forma, faz-se uma interpretação entre o pão corporal quotidiano e o pão espiritual através da Eucaristia, que também terá de ser quotidiano e indispensável até chegarmos ao reino do Céu⁶¹.

Para além disto, a Constituição Dogmática sobre a Revelação *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II diz que: “A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio

⁵⁷ Cf. Manuel Alberto PEREIRA DE MATOS, *O Pai Nosso ...*, *op. cit.*, 24.

⁵⁸ Cf. *Ibidem*.

⁵⁹ *Ibidem*, 53.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ Cf. *Ibidem*, 55.

Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na Sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo”⁶².

Este pão espiritual alimenta o espírito do crente, considerando ser um bom alimento da alma com os preceitos divinos, tal como alimenta e fortifica a unidade eclesial. Contudo, o pão quotidiano é ainda entendido como pão da justiça, dado que teremos de confiar no Senhor, uma vez que serão “bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”⁶³, não permitindo que fragilizem na sua luta, uma vez que serão alimentados por Deus com o pão da justiça.

Ao longo da Bíblia, o vocábulo pão é muito frequente. Este alimento é fruto do trabalho e da terra de muitas pessoas que laboraram para o ter. Desta forma é considerado o “pão de fadigas”: “Comerás o pão com o suor do teu rosto” (Gn 3,19), tendo ao longo dos séculos um sentido figurado como “pão de angústias” (Is 30,20); “pão do céu” (SI 105,40); “pão da vida” (Jo 6,35), como podemos constatar no ponto do *Pão ázimo e pão com fermento*. Mas o pão é um dom de Deus, uma vez que só Ele pode enviar do céu, a chuva para que a terra produza e dê fruto, sendo um sinal de bênção para os crentes.

Assim, “o pão é não só um dom do amor providente de Deus que, no deserto estéril, o dá ao seu povo em forma de maná, como será o sinal de abundância”⁶⁴. Deus revelando-se como Pai, chama o ser humano para viver em comunhão onde se afirma e se aperfeiçoa a partilha do pão e da vida. Quando o pão é partilhado por ser nosso, compreende-se que Deus que é o providente desse pão é realmente nosso Pai. Para isso, só alcança esta verdade quem oferece o seu obséquio religioso de fé a Deus e O acata como único e eterno Pai que não faz diferenciação de pessoas providenciando a todos o pão de cada dia.

O Papa Bento XVI comentou numa *Audiência Geral* o seguinte:

“olhando para o modelo que Jesus nos ensinou, o pai-nosso, nós vemos que a primeira palavra é ‘pai’ e a segunda é ‘nosso’. Por conseguinte, a resposta é clara: aprendo a rezar, alimento a minha oração, dirigindo-me a Deus como Pai e orando-com-outros rezando com a Igreja, aceitando a dádiva das suas palavras, que gradualmente se tornam familiares e ricas de sentido. O diálogo que Deus estabelece com cada um de nós, e nós com ele, na oração inclui sempre um ‘com’; não se pode rezar a Deus de modo individualista. Na prece litúrgica, principalmente na eucaristia, e - formados pela liturgia - em cada oração, não falamos unicamente como indivíduos, mas entramos no

⁶² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática. A Revelação Divina *Dei Verbum*, Editorial A.O., Braga, 1983, 21.

⁶³ Manuel Alberto PEREIRA DE MATOS, *O Pai Nosso ...*, op. cit., 57.

⁶⁴ *Ibidem*, 61.

‘nós’ da igreja que ora. E devemos transformar o nosso ‘eu’, entrando neste ‘nós’⁶⁵.

O alimento básico, no judaísmo é o pão, sendo quase o único sustento para os pobres. “O vocábulo pão, das trinta e oito vezes que os evangelhos o põem nos lábios de Jesus, tem frequentemente o sentido próprio e literal, como alimento corporal”⁶⁶, reforçando a confiança na oração. Assim, no Pai Nosso está presente, por um lado, o sentido literal e próprio do pão, quando Jesus fala, mas por outro lado, tem um sentido figurado e simbólico.

Jesus, através do pão fez o símbolo do alimento espiritual da Palavra e da Eucaristia, fazendo a distinção entre o ser humano, no qual ensina-o a viver do pão material e espiritual, ou seja, “de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4) e às outras criaturas deu-lhes o alimento natural.

Contudo, não deveremos preocupar-nos em obter o pão em exagero, uma vez que Jesus ensina-nos a pedir o pão necessário, dado que em primeiro lugar está “o reino de Deus e a sua justiça” (Lc 11,33).

A expressão “o pão nosso” apesar de ser a única em toda a literatura bíblica e judaica, é o pão da família, sendo também o dom gratuito e o fruto do doloroso trabalho da pessoa.

No entanto, existe o drama da fome no mundo, por falta de pão, que é revelado também nesta petição, que chama os cristãos a orarem com sinceridade para assumirem uma “responsabilidade efectiva em relação aos seus irmãos, tanto nos seus comportamentos pessoais como na solidariedade para com a família humana”⁶⁷, como se poderá verificar na parábola do pobre Lázaro (Lc 16,19-31).

Neste sentido, no mundo encontra-se, cada vez mais, a causa de todos os conflitos e pressões que insultam violentamente e também, de forma mortal, a vida, tal como a partilha do pão através da comunhão fraterna, no qual Deus se entrega gratuitamente à humanidade.

A virtude da partilha é feita através da pobreza das bem-aventuranças. A partilha do pão, tal como outros bens materiais e espirituais, entre os membros da família torna o ser humano compreensível ganhando sentido a sua vida, criando uma atividade interior e contínua do amor que leva a família a uma comunhão sempre mais profunda e ativa.

É necessário pedir hoje o pão de cada dia para que nos seja concedido, pois Jesus ensinou-nos a confiar na Providência, que alimenta as aves do céu e faz crescer os lírios do campo. Mas isto não pode ser desculpa para não trabalharmos, pois todas as pessoas devem-se

⁶⁵BENTO XVI, *Audiência Geral* de 3 de outubro de 2012, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121003.html, consultado em 12-02-2016.

⁶⁶ Manuel Alberto PEREIRA DE MATOS, *O Pai Nosso ...*, *op. cit.*, 62.

⁶⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., *op. cit.*, n.º 2831.

esforçar para que haja mais a partilha de riqueza. Só desta maneira poderemos ter o indispensável para a vida, para a nossa subsistência, isto é, os bens que necessitamos para se viver com dignidade, tais como: a habitação, o ensino, a assistência social e tudo o que é imprescindível para termos qualidade de vida.

O pão, quando é partilhado pelas pessoas reunidas à mesma mesa, como irmãos, suporta e produz um bom relacionamento fortificando a perseverança no amor até ao fim.

2.4. Eucaristia, fonte de vida

A palavra “Igreja” vem do grego “ekklésia” que significa “convocação”⁶⁸. Denomina todos os crentes do mundo inteiro batizados (Igreja universal) ou de uma diocese (Igreja diocesana) ou paróquia (Igreja paroquial). A palavra Igreja designa a comunidade dos fiéis, aplicando-se ao templo em que se reúne a comunidade.

Os cristãos realizam-se como Igreja nas reuniões constantes e, sobretudo, na reunião da Eucaristia. A oração feita por Jesus na Última Ceia, quando deu, aos seus discípulos, o pão e o vinho como seu Corpo e seu Sangue, para que o fizessem “em memória de Mim” (Lc 22,19) chama-se Eucaristia. São necessários os fiéis para celebrar a Eucaristia e, por sua vez, para formar e dinamizar a comunidade, saindo das nossas atividades diárias e celebrar unidos a nossa fé que é comum em Deus e em Cristo.

Ser cristão exige celebrar com os outros os mistérios da fé que são todos os sacramentos e, sobretudo, a Eucaristia dominical que atualiza a Páscoa de Cristo.

2.4.1. Os nomes da Eucaristia

O nome mais antigo que aparece no Novo Testamento é o de “Ceia do Senhor” que encontramos na primeira carta de S. Paulo aos Coríntios, escrita por volta do ano 54 da nossa era. “De origem paulina, teve atualidade na Reforma do século XVI e de novo foi posta em moda no movimento ecuménico. Também a emprega o Vaticano II”⁶⁹.

S. Paulo fala dos abusos que se cometem nesta comunidade por ocasião desta celebração e diz: “Isso não é comer a Ceia do Senhor” (1 Cor 11,20).

O livro dos Actos dos Apóstolos foi escrito mais tarde, pela década de oitenta. Neste livro, à Eucaristia chama-se “Fracção do Pão” (partir o pão) como expressão básica do gesto de Jesus quando abençoava e distribuía o pão como chefe de família: “Tomou o pão e, depois

⁶⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., *op. cit.*, n.º 751.

⁶⁹ Jesús ESPEJA, *Para Compreender os Sacramentos*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2003, 111.

de pronunciar a bênção, partiu-o e entregou-o aos discípulos dizendo” (Mc 14, 22). Assim aparece no relato dos discípulos de Emaús: “Reconheceram-nO ao partir do pão”, que representa uma tradição anterior à redação do livro dos Actos e aparece várias vezes neste livro para nomear a nova celebração da fé cristã (cf. Act 2, 42,46; 20,7,11).

Também muito antigo é o nome de “Eucaristia”. O termo deriva do grego *Eucharistía* e significa “acção de graças”⁷⁰. Tanto a palavra “eucharistein” (Lc 22,19; 1Co 11,24) como a palavra “eulogein” (Mt 26,26; Mc 14,22) recordam as bênções judaicas anunciando as obras de Deus através da criação, da redenção e da santificação⁷¹. Desta forma, “desde o princípio, significa toda a acção sacral e convivial celebrada pela Igreja na fidelidade ao mandamento do seu Senhor”⁷².

Foi este o nome que mais se propagou no Oriente e no Ocidente. Foi também o mais usado pelo Concílio Vaticano II e é o que mais se usa na atualidade. Houve outros nomes que sublinham o sentido de assembleia que se reúne, como “Colecta” que significa “reunião” ou a atualização da morte de Jesus Cristo com o termo “Sacrifício”. No entanto, no Ocidente o nome que se impôs foi o de “Missa” que significa “envio” e alude à despedida da celebração na qual se enviava os fiéis a viver a palavra.

2.4.2. O domingo, dia da Eucaristia

O Novo Testamento refere o domingo como “o primeiro dia da semana”, sendo o “memorial do primeiro dia da Criação e o “oitavo dia” em que Cristo, após o seu repouso do Grande Sábado, inaugura o Dia que o Senhor fez, o “dia que não conhece ocaso”⁷³.

Assim, os judeus celebravam o sábado como dia de descanso e de culto a Deus. Com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, que teve lugar no primeiro dia da semana (cf. Mt 28,1-6), os primeiros cristãos continuaram a frequentar as sinagogas ao sábado, mas ao mesmo tempo, compreenderam que Cristo era o único Salvador e com Ele surgia uma nova fé e um novo culto. Desta forma, não escolheram o sexto dia (sexta feira da sua morte), mas o primeiro dia, o dia da “Ressurreição de Cristo lembra a primeira Criação”⁷⁴, o dia do Senhor, o dia dos cristãos, “porque é o dia em que o Senhor subiu vitorioso para junto do Pai”⁷⁵, sendo celebrada a nova vida de Jesus e a nova fé da sua comunidade. O Papa Bento XVI indica que “para os cristãos,

⁷⁰ Cf. José CORDEIRO, *A Árvore do Pão*, Edição Diocese de Bragança-Mirandela, 2014, 77.

⁷¹ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., *op. cit.*, n.º 1328.

⁷² Luigi DELLA TORRE, *Eucaristia* in Gianni AMBROSIO (coord.), *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004, 335.

⁷³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., *op. cit.*, n.º 1343.

⁷⁴ *Ibidem*, n.º 2174.

⁷⁵ *Ibidem*, n.º 1343.

essa estrutura temporal parte do domingo, o dia da Ressurreição, em que Ele Se encontra connosco e nós com Ele. Aqui, novamente, o acto mais importante é, por assim dizer, o momento da união, porque Ele Se nos doa”⁷⁶.

Também os pagãos chamaram ao domingo, nos primeiros séculos, de “dia do sol”. Os cristãos, por sua vez, assumem esta definição: “porque hoje se levantou a luz do mundo, hoje apareceu o sol da justiça, cujos raios nos trazem a salvação”⁷⁷. Para os romanos, cada dia da semana tinha o nome de um deus ou planeta que conheciam: segunda-feira, *dia da Lua*; terça-feira, *dia de Marte*; quarta-feira, *dia de Mercúrio*; quinta-feira, *dia de Júpiter*; sexta-feira, *dia de Vénus*; sábado, *dia de Saturno* e por último, o *dia do Sol*. Ainda hoje, nos idiomas de raiz germânica chama-se ao domingo, “dia do Sol” (Sonntag, Sunday). Os cristãos entenderam este título do sol referido a Cristo como luz verdadeira de Deus.

O nome que se impôs foi o *dia do Senhor* que é a isso que se refere a palavra “domingo”, do latim “dies dominica” que significa propriamente “dia senhorial” e designa o dia em que a comunidade cristã celebra a Eucaristia como memorial do Senhor glorioso. A Eucaristia deve ser, de acordo com as palavras de Luigi Della Torre, na Enciclopédia do Cristianismo, *Christos*:

“compreendida como um memorial, uma vez sendo um termo bíblico com o qual se exprimem as ações rituais que referidas a um acontecimento salvífico passado, o tornam presente, para os que as celebram, com todas as suas potencialidades salvíficas. A Igreja Católica ensina que cada Eucaristia, sendo ‘memorial’ de um acontecimento sacrificial, é atualmente sacrifício: a Igreja toma-o como dom do Senhor e faz dele o seu sacrifício, convidando os fiéis a oferecerem-se a si mesmos em obediência e entrega a Deus Pai. A comunhão na Ceia do Senhor, tendo por alimento o pão eucarístico, a Eucaristia torna-se o fundamento e a fonte da união dos fiéis entre si e com Cristo”⁷⁸.

Joseph Ratzinger, Papa Emérito da Igreja Católica, confirma, deste modo, que a “Eucaristia é sacrifício, atualização do sacrifício da cruz de Jesus Cristo”⁷⁹, que provém de Deus. Jesus Cristo ao existir, viver, sofrer, amar, é obra do amor de Deus, no qual entregou o seu próprio Filho para nos dar o exemplo de salvação. Assim, é no sacrifício que “está o ponto culminante do culto cristão e a fonte de todos os sacramentos”⁸⁰, quando Jesus diz: “Quero misericórdia e não sacrifício”(Mt 9,13).

⁷⁶ BENTO XVI, *Luz do Mundo. O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos – Uma Conversa com Peter Seewald*, Lucerna, Cascais, 2010, 153.

⁷⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., *op. cit.*, n.º 1343.

⁷⁸ Luigi DELLA TORRE, *O significado da Eucaristia* ..., *op. cit.*, 337.

⁷⁹ Joseph RATZINGER, *La Eucaristía centro de la vida*, Edicep, Espanha, 2005, 48.

⁸⁰ Jesús ESPEJA, *Para Compreender os Sacramentos* ..., *op. cit.*, 104.

Desta forma, o domingo é o dia da assembleia litúrgica onde se reúnem todos os fiéis para escutarem a palavra de Deus e ao mesmo tempo, participarem na Eucaristia, agradecendo, uma vez que Jesus Cristo ressuscitou de entre os mortos⁸¹.

No entanto, surge-nos uma questão: Como conseguimos que a celebração eucarística seja o centro e fonte da nossa vida?

Nas palavras de Jesús Espeja, dominicano e catedrático de Teologia Dogmática, “a eucaristia, presença de Jesus Cristo e acção cultural por excelência, é a fonte da vida para a comunidade cristã”⁸², que é constituída por todos os batizados. “Com o Baptismo, os leigos são inseridos em Cristo, tornam-se participantes da sua vida e da sua missão segundo a sua peculiar identidade”⁸³. Para além de ser fonte, também é centro, no qual encontram na Eucaristia “as actividades e os passos dos cristãos, como indivíduos e como membros da sociedade”⁸⁴.

Por isso, “a Igreja pede a todos os cristãos que participem na Missa todos os domingos e festas de preceito e que comunhem, ao menos, pela Páscoa”⁸⁵. No entanto, o Catecismo da Igreja Católica aconselha e reforça a ideia anterior de que se deve receber a Eucaristia “aos domingos e dias festivos, ou ainda mais vezes, mesmo todos os dias”⁸⁶, uma vez que “receber a Eucaristia na comunhão traz consigo, como fruto principal, a união íntima com Cristo”⁸⁷, pois “Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele” (Jo 6,56).

Assim, não só a Igreja Católica, como a ortodoxia mundial, ensinam que só pertencendo à fé, se poderá participar na Eucaristia. Esta é o coração da Igreja, quer seja para o Novo Testamento, como para os textos dos Doutores da Igreja⁸⁸. Como refere o Bispo José Cordeiro, a “Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja”⁸⁹, pois a Eucaristia deverá ocupar o primeiro lugar na liturgia dos sacramentos, uma vez que em conexão com a Eucaristia, o domingo também é o dia dos sacramentos (Baptismo, Confirmação, Primeira Comunhão, Comunhão aos Doentes), dia da família e do descanso. O descanso também faz parte da santificação do domingo, uma vez que é uma expressão da dignidade, liberdade e humanidade que Deus dá ao ser humano, dado que não pode viver absolvido só pelo trabalho.

⁸¹ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., *op. cit.*, n.º 1167.

⁸² Jesús ESPEJA, *Para Compreender os Sacramentos* ..., *op. cit.*, 103.

⁸³ CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, Principia, Estoril, 2005, n.º 541.

⁸⁴ Jesús ESPEJA, *Para compreender os sacramentos* ..., *op. cit.*, 105.

⁸⁵ Luigi DELLA TORRE, *O significado da Eucaristia* ..., *op. cit.*, 337.

⁸⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., *op. cit.*, n.º 1389.

⁸⁷ *Ibidem*, n.º 1391.

⁸⁸ Cf. BENTO XVI, *Luz do Mundo. O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos* ..., *op. cit.*, 145.

⁸⁹ José CORDEIRO, *A Árvore do Pão* ..., *op. cit.*, 73.

Porém, cada pessoa deverá procurar ter tempo para ler a Palavra de Deus ou para orar pessoalmente. Por esta razão, “a eucaristia não é encarada como um qualquer ritual social onde as pessoas se encontram amigavelmente, mas sim como uma expressão do ser e estar no meio da Igreja. Assim sendo, ela não pode ser dissociada dessa condição de pertença”⁹⁰.

Não tem sentido os chamados católicos não praticantes recusarem participar na Eucaristia justificando-se com expressões de: “Eu já rezo em minha casa”, ou “para rezar não preciso de ir à missa”. Na Igreja deveremos fazê-lo junto com os nossos irmãos para celebrar a fé em comunidade; se não a celebramos, desvinculamo-nos da Igreja e acabamos por ficar sozinhos.

Todavia, esta celebração semanal deve-nos esvaziar e desvenenar de muitas hipocrisias que a nossa cabeça e o coração nos atingem durante a vida, tal como do materialismo dominante que existe ao nosso redor e das influências negativas dos meios de comunicação social. Assim, o domingo deve ser para um bom cristão, um dia de prestar culto a Deus, através da celebração da Eucaristia, a qual deve ser exigência da nossa fé e não ser fruto de costumes ou rotinas.

Porque é que os cristãos devem ir à missa? Segundo as palavras de António Marto, anterior Bispo da diocese de Viseu e atualmente Bispo da Diocese de Leiria-Fátima, “Só se irá à missa com gosto, espontaneidade e alegria quando se descobrir a beleza do dom específico e especial que nela nos é oferecido para dar sabor e beleza aos nossos dias e a toda a nossa vida”⁹¹. Para nós cristãos, a “Beleza é pois o Amor crucificado, entregue até à morte, revelação do coração divino que ama, com o seu amor de misericórdia e a sua ternura fiel”⁹².

Assim, como foi referido anteriormente, o domingo é o dia do Senhor e o cristão é chamado a consagrar-Lhe e a celebrar a comunhão neste dia. O cristão vai à missa, por um lado, não porque tem vontade ou porque lhe dá prazer, mas por fidelidade ao Seu Senhor e ao ser cristão. Por outro lado, o cristão, enquanto membro do povo de Deus e corpo de Cristo, tem responsabilidade na vida deste povo e deste corpo.

O cristão não deve privar os seus irmãos da sua presença ou da celebração da nossa fé quando dizemos: “Eu sou cristão à minha maneira”. Só há uma maneira de ser cristão e é à maneira de Jesus Cristo, onde o domingo nos educa o sentido de pertença à comunidade de Cristo. Os fiéis devem ter consciência de que é importante a participação completa na Eucaristia incluindo a comunhão sacramental. Dado que a “Eucaristia, pela sua própria natureza, exige a união entre aqueles que creem no Senhor Jesus”⁹³.

⁹⁰ Bento XVI, *Luz do Mundo. O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos ...*, op. cit., 145.

⁹¹ António MARTO, *Eucaristia e Beleza de Deus*, Fundação Jornal da Beira, Viseu, 2005, 9.

⁹² *Ibidem*, 15.

⁹³ Luigi DELLA TORRE, *O significado da Eucaristia ...*, op. cit., 337.

O Papa Emérito, Bento XVI refere que:

“Se é verdade - como nós cremos - que Cristo está presente na Eucaristia, ela é o acontecimento central. Não é só o acontecimento de um só dia, mas o de toda a história mundial, como força determinante da qual podem provir mudanças. Importante é que pertençam ao carácter da Eucaristia a Palavra e a Presença do Senhor. Que respondamos na nossa oração e que, dessa forma, o agir de Deus, o nosso acompanhamento e a nossa vontade de nos deixarmos mudar se cruzem, para que aconteça aquela mudança nas pessoas que é a condição mais importante para qualquer mudança verdadeiramente positiva no mundo.

Se quisermos que alguma coisa no mundo avance, só é possível à escala de Deus que vem até nós. Na eucaristia, os homens podem ser moldados de forma a criar algo novo. Por isso as grandes personagens que trouxeram revoluções do Bem ao longo de toda a História, foram santos, foram tocados por Deus e trouxeram ao mundo novos impulsos”⁹⁴.

Para que sejam fiéis testemunhas no mundo, Deus inova em Cristo, através da Eucaristia, a aliança com as suas comunidades, pois tanto a vida cristã, como a comunidade eclesial alimentam-se e encontram nela o “modelo” de vida fraterna, entregando-se ao serviço dos outros⁹⁵.

2.5. A Páscoa como partilha e vida nova

A Páscoa do Senhor era celebrada anualmente, sendo a principal de todas as festas judaicas. Na Última Ceia, todas as gestos e palavras de Jesus referentes às tradições remontam à Eucaristia. Como o texto mais antigo é o da primeira carta aos Coríntios, nela, São Paulo afirma que o pão que partimos e o cálice que bebemos são comunhão com Corpo e o sangue de Cristo (cf. 1 Cor 10,16). A Eucaristia é o principal do domingo cristão, porque neste dia Cristo ressuscitou. Desde as origens que os cristãos reúnem-se para celebrar a Eucaristia que torna presente a Páscoa de Cristo (a sua morte e ressurreição). Assim “a partir da sua concretização na Páscoa de Jesus e da infusão do Espírito Santo, o fim da história é antecipado, pregustado e o Reino de Deus entra no nosso tempo”⁹⁶.

Desta forma, a Eucaristia vai edificando a Igreja na sua reunião semanal. Por isso, deve ser celebrada com a máxima alegria, solenidade e participação.

Para o judaísmo, por diligência de Deus é o memorial da libertação do povo de Israel da escravidão do Egípto⁹⁷, uma vez que Deus recorda a sua obra salvadora em Cristo, dá-lhe a

⁹⁴ BENTO XVI, *Luz do mundo. O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos ...*, op. cit., 153.

⁹⁵ Cf. Luigi DELLA TORRE, *O significado da Eucaristia ...*, op. cit., 337.

⁹⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., op. cit., n.º 1168.

⁹⁷ Cf. Lisa CREMASCHI, *A Páscoa de Jesus e a Páscoa na Igreja* in Gianni AMBROSIO (coord.), *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004, 690.

sua eficácia e torna-a presente no sacramento, atualiza o seu mistério Pascal. A comunidade, por sua vez recorda o que Deus realizou, louva-O e O bendiz por isso. Para o cristianismo é a morte e a ressurreição de Cristo, no qual se torna um evento atual e presente⁹⁸.

A Páscoa não é unicamente uma festa como as outras, é a “ ‘festa das festa’, solenidade das solenidades’, tal como a eucaristia é o sacramento dos sacramentos”⁹⁹.

O termo Páscoa refere-se ao “verbo hebraico *pasach* (passar): JHWH passa em frente das casas dos Hebreus, isto é, poupa os hebreus e mata os egípcios (cf. Ex 12,11-12), mas talvez, na origem, se referisse ao ‘passar’ dos pastores nômadas da morada de inverno para os pastos primaveris”¹⁰⁰.

A festa da Páscoa, antigamente, no Antigo Testamento, praticava-se na Primavera, pelos pastores nômadas ou seminômadas, quando partiam em busca de novas pastagens para alimentarem os animais, constituindo um rito familiar. Este rito consistia na imolação dum cordeiro sem mancha, verdadeiro sacrifício, regido por leis próprias, diferentes das leis comuns dos sacrifícios hebraicos, sendo interpretado à luz dos acontecimentos do Êxodo.

“Quando o povo de Israel se estabeleceu na terra de Canaã, o rito de imolação do cordeiro sofreu a influência de um rito agrícola, durante o qual eram comidos os pães ázimos, isto é, não levedados, para indicar um novo ano, inaugurado pela primeira colheita. As duas festas inicialmente separadas fundiram-se numa única celebração”¹⁰¹.

Os ázimos tornaram-se num novo significado, tendo como o “pão da aflição” (Dt 16,3), como já foi referido anteriormente e o sangue do cordeiro foi um sinal de salvação para os hebreus.

Lisa Cremaschi, na Enciclopédia do Cristianismo, *Christos*, escreve que:

“o rito tornou-se memorial da libertação realizada por Deus que a faz reviver e orienta para a vinda de uma libertação final, da Páscoa definitiva. No judaísmo, depois da destruição do templo, não se fizeram mais sacrifícios. O *ceder* (ordem) pascal dispõe que, sobre a mesa, seja colocada uma travessa contendo três *mazzot* (pães ázimos); aipo e ervas amargas; uma pata de cordeiro; um ovo, o *charoset*, uma espécie de doce de fruta. Ao longo da refeição bebem-se quatro cálices de vinho, de modo a haver esperança para a libertação futura. A ceia é acompanhada pela recitação do *Haggadá* de Páscoa, sendo uma oração que conta as vicissitudes do povo hebreu desde Abraão à libertação do Egípto”¹⁰².

Jesus, tal como outro crente hebreu celebrou a festa da Páscoa, ao longo da sua vida, onde o Evangelho de João alude a várias celebrações da Páscoa (Jo 2,13-22; 6,1-4; 11,15).

⁹⁸ Cf. *Ibidem*, 690.

⁹⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA ..., *op. cit.*, n.º 1169.

¹⁰⁰ Lisa CREMASCHI, *A Páscoa de Jesus e a Páscoa na Igreja...*, *op. cit.*, 690.

¹⁰¹ *Ibidem*.

¹⁰² *Ibidem*.

Jesus perante a iminente ameaça de morte “antecipa a sua morte e ressurreição entregando-Se já naquela hora aos seus discípulos, no pão e no vinho, a Si próprio, ao seu corpo e sangue como novo maná”¹⁰³ (cf. Jo 6, 31-33). Assim, segundo a homilia do Papa Emérito, Bento XVI, num domingo de Páscoa relata que “o sentido deste seu sacrifício tinha-o antecipado Ele mesmo durante a Última Ceia, substituindo-Se – sob os sinais do pão e do vinho – aos alimentos rituais da refeição na Páscoa hebraica. Podemos assim afirmar com verdade que Jesus levou a cumprimento a tradição da antiga Páscoa e transformou-a na *sua* Páscoa”¹⁰⁴. Entregou-se pela salvação de todas as pessoas e quis fazer os Seus discípulos participantes deste mistério.

As palavras e os gestos de Jesus na Última Ceia, onde “Jesus se inclina aos pés dos Apóstolos para Lhos lavar”¹⁰⁵ são o resultado de toda a Sua vida e missão e a interpretação da Sua morte como entrega pela redenção do mundo. Neste gesto do lava pés “há a necessidade da pureza especial que deve reinar nos corações daqueles que se aproximam da Última Ceia. *É a pureza que só Ele pode levar aos seus corações*”¹⁰⁶.

Através da instituição da Eucaristia durante a Última Ceia, Jesus oferece a sua presença duradoura para que o fizéssemos, repetidamente, em Sua memória. “Eu sou o pão da vida; o que vem a Mim jamais terá fome e o que acredita em Mim jamais terá sede” (Jo 6,35). Assim, “quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna e Eu ressuscité-lo-ei no último dia” (Jo 6, 54). É desta maneira que a presença de Cristo na Eucaristia é uma presença verdadeira, real e substancial, que está para além da experiência dos sentidos, mas que pela fé podemos sentir.

“Por isso, a Eucaristia é penhor da futura glória, da vida eterna, é o sacramento da esperança e da alegria: pão dos peregrinos, alimento da esperança que não desilude e que os encoraja a prosseguir o seu caminho até àquele domingo (dia do Senhor) que não conhecerá ocaso, em que a humanidade entrará na bem-aventurança de Deus”¹⁰⁷.

Como testemunho de amor à Sua Igreja, a Última Ceia “não pode ser compreendida como momento casual e isolado da vida e da missão de Jesus”¹⁰⁸, pois “há muito que desejei comer esta Páscoa convosco antes da minha paixão” (Lc 22,15).

¹⁰³ BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005) in *AAS* 98 (2006) n.º 13.

¹⁰⁴ BENTO XVI, *Homilia do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor* de 12 de Abril de 2009, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090412_pasqua.html, consultado em 02-04-2016.

¹⁰⁵ JOÃO PAULO II, *Santa Missa “In Coena Domini” Homilia* de 3 de Abril de 1980, n.º2 http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800403_cena-domini.html, consultado em 10-02-2016.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ António MARTO, *Eucaristia e Beleza de Deus ...*, op. cit., 26.

¹⁰⁸ *Ibidem*, 18.

Sendo assim, o Seu testamento é a entrega total de si mesmo ao Pai pela salvação do mundo e esse sacrifício “é Ele mesmo”¹⁰⁹ que deverá ser aceite e eternizado na ressurreição para que permaneça sempre vivo e atual através da celebração do memorial que Ele nos deixou. Isto significa que Deus continua a realizar e a tornar presente, a salvação que operou no passado. Assim, Jesus ao prometer estar sempre presente perante a Sua Igreja “Todo o poder me foi dado no céu e na terra (...) Sabei que eu estarei convosco todos os dias até ao fim dos tempos,” (Mt 28,20) continua presente no coração dos crentes pela fé que nos une, na Palavra com que nos fala, nos sinais do Seu amor que são os sacramentos onde age através do Seu Espírito. Como nos diz o Santo Padre, Bento XVI, Deus “enviou o Filho unigénito ao mundo para redimir o homem. Quando morreu na cruz, Jesus - como indica o evangelista – ‘entregou o Espírito’ (cf. Jo 19, 30), prelúdio daquele dom do Espírito Santo que Ele havia de realizar depois da ressurreição (cf. Jo 20, 22)”¹¹⁰. Ainda hoje o Espírito Santo conduz a Igreja e a enriquece com os seus dons. É Ele quem realiza a comunhão dos crentes com Deus e a união dos crentes entre si e desperta nos batizados dons diversos chamando-os a participarem na vida e missão da Igreja.

Mas a presença máxima de Cristo à Igreja realiza-se na Eucaristia. Neste sentido, Jesus ressuscitou, não como pessoa isolada, mas como cabeça da humanidade, como primogénito de muitos irmãos. Para isso, a Sua Ressurreição é um acontecimento que transforma a nossa realidade, reconciliando o mundo e dando sentido, como futuro à vida humana. “Cristo, como verdadeiro Cordeiro, Se sacrificou a Si mesmo por nós, também nós, seus discípulos – graças a Ele e por meio d’Ele –, podemos e devemos ser ‘nova massa’, ‘pães ázimos’, livres de qualquer resíduo do velho fermento do pecado: nada de malícia ou perversidade no nosso coração”¹¹¹.

3. Síntese

Como verificámos neste primeiro capítulo, o pão não é apenas alimento básico, diário, mas é sinal de comunhão, fraternidade, de partilha e de vida. O alimento eucarístico, que deve ser acessível a todas as pessoas, é sinal de importância, nesta vida biológica, do pão quotidiano. Segundo o “contexto em que rezemos o Pai Nosso, assim emerge com mais força um determinado sentido do ‘pão nosso de cada dia’, sem excluir, não obstante, as outras aceções. Tal facto, convida-nos a entender e a integrar a riqueza dos diversos sentidos”¹¹²

¹⁰⁹ *Ibidem*, 19.

¹¹⁰ BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est ...*, *op. cit.*, n.º 19.

¹¹¹ BENTO XVI, *Homilia do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor ...*, *op. cit.*.

¹¹² Manuel Alberto PEREIRA DE MATOS, *O Pai Nosso ...*, *op. cit.*, 69.

referente a esse alimento que a paternal providência de Deus quer oferecer a todas as pessoas, corpo e espírito. Assim, o pão eucarístico é alimento e fonte de toda a vida.

Sabemos que viver o amor de Deus é ir ao encontro do outro e partilhar com ele a alegria de sermos amigos, dado que todos somos capazes de o fazer. Exemplo disso, temos Jesus que deu a sua vida por todos nós. Também na “Parábola dos talentos” (Mt, 25,14-29), Jesus mostra que todos nós podemos dar algo em favor dos outros, isto é, que usemos os nossos dons, dados por Deus ao serviço d’Ele e de todas as pessoas. Para isso, não podemos ter medo de perder o que possuímos, mas ter coragem de arriscar com toda a nossa força e o nosso querer, para tentarmos conseguir ainda mais espalhar o Amor que Deus tem por todos nós.

CAPÍTULO II – EDUCAR PARA A PARTILHA. CONTRIBUTOS DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Também na escola, esse Amor que Deus tem por todos nós terá que ser difundido, indo ao encontro daquele que precisa, partilhando o que somos e temos. A colaboração entre escola família e comunidade tem sido um dos temas objeto de atenção, quer da administração central, quer das próprias escolas. Centrando-nos ao nível das escolas, dos próprios alunos e da comunidade, este segundo capítulo proporciona uma visão geral sobre a partilha na escola, no qual se encontra em constante mudança, trazendo, por vezes, algumas consequências.

Assim sendo, começaremos por abordar a educação não apenas como “fazer”, mas também como “ser” aberta à dimensão religiosa e espiritual, passando, em seguida, para a verdadeira comunidade educativa construída com valores partilhados, verificando-se as consequências que daí advêm e qual o contributo de Educação Moral e Religiosa Católica nas nossas escolas.

Como a educação da criança/ jovem deve ser uma responsabilidade partilhada por pais, professores e toda a comunidade, em que é possível definir um conjunto de deveres e obrigações de uns e de outros, perfeitamente compatível e complementar, na segunda parte deste capítulo, faremos referência ao contributo para a formação da personalidade, tal como o perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica.

1. Educar para a partilha

Darlei Zanon ao escrever a parábola “Os dois potes”, menciona que “há diversas maneiras de usarmos os nossos dons. Podemos guardá-los connosco, intactos, sempre novos, ou usá-los para levar vida às pessoas. Usando os nossos dons em favor dos outros, desgastar-nos-emos, mas a nossa vida terá muito mais sentido. O nosso sentimento de realização será enorme. A nossa felicidade também”¹¹³. Assim, é necessário fazer-se um grande esforço para nos sentirmos protegidos e experimentarmos que há algo que nos transforma. O mesmo autor refere ainda que, “a sensação de darmos um pouco de nós para recebermos um pouco do outro compensa o esforço. É preciso deixarmos o nosso mundo para ganharmos um mundo maior”¹¹⁴.

¹¹³ Darlei ZANON, *Parábolas sobre a Fé*, Paulus Editora, Lisboa, 2008, 62.

¹¹⁴ *Ibidem*.

Neste sentido, “a educação e, por conseguinte, a escola, deve estar atenta a todas as dimensões constitutivas da pessoa, de modo a poderem ser trabalhadas em ordem à personalização do educando”¹¹⁵.

1.1. A educação não apenas como “fazer”, mas também como “ser” aberta à dimensão religiosa e espiritual

Todo o ser humano tem direito à educação e formação da sua personalidade bem como, através de uma educação que abarca todas as áreas do saber, se introduzir e participar numa determinada cultura e sociedade. O Papa Bento XVI, na sua Carta Encíclica *Caritas in Veritate* menciona que “com o termo ‘educação’, não se pretende referir apenas à instrução escolar ou à formação para o trabalho — ambas, causas importantes de desenvolvimento — mas à formação completa da pessoa. A este propósito, deve-se sublinhar um aspecto do problema: para educar, é preciso saber quem é a pessoa humana, conhecer a sua natureza”¹¹⁶.

Olhando para as sociedades e para as suas culturas, reconhecemos o seu passado a fim de construir o presente e preparar o futuro, ao mesmo tempo que nos realizamos como pessoas. Pois “esse processo de ensino nunca é uma pura transmissão de conhecimentos objectivos ou de destrezas práticas, mas é sempre acompanhado por um ideal de vida e de um projecto de sociedade”¹¹⁷.

Educar torna-se uma tarefa cada vez mais difícil, mas também mais necessária e urgente, sendo um processo contínuo e harmonioso. Para o Santo Padre Francisco, em *resposta às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia*, “educar não é uma profissão, mas uma atitude, um modo de ser; para educar é preciso sair de si mesmo e permanecer no meio dos jovens, acompanhá-los nas etapas do seu crescimento, pondo-se ao seu lado”¹¹⁸. Assim, educar não é a mesma coisa para a vida ou educar para um meio de vida. É muito importante sabermos que deveremos tornar os jovens capazes para viver de modo digno e útil à sociedade em que se está inserido, restaurando a proibição à violência.

A este propósito, as novas gerações têm que se preparar cada vez melhor para a profissão que desejam, tendo um futuro melhor. Para isso, é preciso torná-los “responsáveis”,

¹¹⁵ Juan FRANCISCO AMBROSIO, “A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública”, in *Communio*, XVIII, 5 (2001) 444.

¹¹⁶ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) in *AAS* 101 (2009) n.º 61.

¹¹⁷ Fernando SAVATER, *O Valor de Educar*, Editorial Presença, Lisboa, 1997, 112.

¹¹⁸ FRANCISCO, *Respostas às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia* de 7 de Junho de 2013, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole_gesuiti.html, consultado em 20-03-2016.

dando-lhes o sentido da partilha e de comunidade onde se exige sobretudo a qualidade, de modo a terem alegria no que fazem e seja reconhecido o seu valor no mercado de trabalho.

Segundo o político Jacques Delors, “à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele”¹¹⁹. Para o mesmo autor, os quatro pilares fundamentais no domínio da educação são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, no qual, se caracterizam por contemplar questões de relacionamento humano e cognitivas. Os dois primeiros pilares endereçam mais para o processo de produção de conhecimento, enquanto os outros dois encontram-se mais ligados à consciência e ao resgate do ser humano.

É necessário fornecer estes quatro pilares aos educandos para que progridam no seu desenvolvimento pessoal para aprender a aprender e aprender a fazer, contribuindo, desta forma, para um crescimento de uma sociedade mais justa.

O Papa Francisco reporta-se a três pilares que suportam a educação, conduzindo cada um a amar a vida e só se alcança a sua plenitude se as línguas da mente, do coração e das mãos for incentivada. É necessário levar cada um a “pensar o que se sente e o que se faz; sentir bem o que se pensa e o que se faz; e fazer bem o que se pensa e o que se sente”¹²⁰.

A verdadeira educação não ensina apenas a “fazer”, por meio de uma prática profissional fundamentada na ética. Assim, as “qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes”¹²¹ no qual o professor não se poderá basear só na transmissão de conteúdos, pois é preciso ir mais além e entender que a relação existente com os colegas e alunos é fundamental para a concretização de projetos. A educação, desta forma, também ensina a “ser”, desenvolvendo a autonomia da pessoa com princípios, valores e critérios, e entender que o seu papel é como agente transformador do mundo em que vive. Esta deve ser uma pessoa que lhe permita tornar mais humanas as suas relações com os outros e dar à sociedade um contributo de honradez, dignificando-a cada vez mais.

Por isso, também a Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), disciplina com uma dimensão religiosa e cívica, é um complemento indispensável neste processo educativo das crianças e dos jovens, que se preparam para uma vida responsável e digna. Ela não é uma aula de catequese, como muitas vezes se afirma, se bem que o objetivo de ambas é complementar e mutuamente enriquecedor, como poderemos conferir na Conferência Episcopal Portuguesa:

¹¹⁹ Jacques DELORS, *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, Cortez, São Paulo, 2000⁴, 89.

¹²⁰ FRANCISCO, *Escola, lugar de crescimento*, in *L'Osservatore Romano*, dia 15 de maio de 2014, 3.

¹²¹ Jacques DELORS, *Educação: um tesouro a descobrir, ..., op. cit.*, 94.

“A relação entre o ensino religioso escolar e a catequese é uma relação de distinção e complementaridade”¹²². Por vezes, esta confusão gera “uma maior sensibilidade de muitos pais por aquela em detrimento desta, com consequências negativas para a matrícula em EMRC”¹²³. A catequese, sendo ministrada nas paróquias, “tem em vista transmitir a Palavra de Deus que revela o Seu desígnio de salvação realizado em Jesus Cristo de modo a despertar a fé e a conversão ao Senhor e a viver em comunhão com Ele”¹²⁴. Já a disciplina de EMRC tem uma natureza diferente, relativamente às finalidades, aos destinatários e aos conteúdos. Aqui aprende-se a viver com os outros à luz de princípios e valores éticos próprios da Religião Cristã Católica e faz-se o diálogo da fé com a cultura e os saberes das outras disciplinas, de modo que a fé tenha cultura e a cultura tenha horizontes cristãos.

Assim sendo, a religião engloba crenças práticas que resultam de uma cultura concreta e do reconhecimento de uma realidade que nos ultrapassa. Esta realidade sobrenatural pode ser designada por Deus (ou deuses), por potência e por mistério¹²⁵ a qual envolve a pessoa no seu todo, sendo também integrada a definição de religião.

No decorrer da história verificamos que há uma necessidade religiosa constante, a qual pode resultar de uma das dimensões que constituem o ser humano.

É na relação interpessoal com a entidade sobrenatural que o ser humano acede ao mais alto nível da realidade que lhe é dada, pois a melhor prova da transcendência absoluta é o amor e o serviço aos outros¹²⁶. É esta prova que pode determinar se se trata de uma religião verdadeira ou ilusória.

Já a socióloga francesa, Hervieu-Léger, acha que o religioso anda a escapar da religião¹²⁷. Desta forma é preciso compreender o que é o religioso. Assim, reconhecemos que a procura do sagrado faz-se fora do campo da religião, sem a adesão às regras de uma determinada instituição¹²⁸.

O conceito de espiritualidade encontra-se condicionado pela cultura e pela filosofia próprias de cada época. A espiritualidade cristã tem origem num encontro pessoal com Deus, em Jesus Cristo, no Espírito que Ele trouxe à Igreja¹²⁹.

¹²² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2006, n. 8.

¹²³ *Ibidem*, n. 9.

¹²⁴ *Ibidem*.

¹²⁵ Cf. Juan MARTIN VELASCO, “Religião e dimensão humana de transcendência”, in *Communio*, 6 (1989/1) 6-7.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*, 14.

¹²⁷ Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, *O Peregrino e o Convertido – a religião em movimento*, Gradiva, Lisboa, 2005, 56.

¹²⁸ Cf. Andrés CANTERAS MURILLO, “Los nuevos modos de creer de los jóvenes: una interpretación sociológica”, in *Revista de Estudios de Juventud*, 53, (2001) 10.

¹²⁹ Cf. Luís ROCHA E MELO, *O Vento Sopra onde Quer - Notas de Espiritualidade*, Editorial A. O., Braga, 2001, 75.

Luís Rocha e Melo, conhecido pelas suas intervenções no domínio da espiritualidade, diz que o dinamismo criador que vem do Espírito Santo provoca, no ser humano que o acolheu, a transfiguração do seu ser profundo em constante processo de libertação, que é, em linguagem cristã, componente essencial da espiritualidade¹³⁰.

Desta forma, religiosidade e espiritualidade partilham a abertura ao sagrado. A diferença consiste no acontecimento de que tudo o que solicitamos à espiritualidade está mais focado em nós. Segundo Teresa Messias, Professora na Faculdade de Teologia da Universidade Católica, “agora a ‘espiritualidade’ está em ‘toda a parte’ porque o sujeito tem consciência que a sua sede está em si e na sua busca pelo fundamento e sentido da sua vida, individual e comunitária”¹³¹.

Assim, a espiritualidade orienta-nos para um procedimento mais pessoal, no qual a parte emocional-afetiva assume um papel de destaque, ao passo que a religiosidade caracteriza-se como institucional. Como sabemos, a tendência atual reside num afastamento face às instituições e às suas hierarquias.

As instituições e as tradições religiosas continuam a ter um papel importante na transmissão das crenças. Assistimos a um processo crescente de individualização do crer com a secularização, pelo qual a religião deixa de ser o aspeto cultural agregador, transferindo para uma das outras atividades desta mesma sociedade este fator coercitivo e identificador, ou seja, a religião é expulsa da sociedade, mas torna-se num sistema de significação¹³².

Na sociedade secularizada em que vivemos, aceitar uma crença não se traduz na adesão à instituição que sustenta essa crença ou esse gesto religioso. Isto acontece porque a tónica é colocada na funcionalidade e não na autoridade. Afinal, os indivíduos passaram a orientar-se tendo em conta o seu interesse pessoal e a capacidade de resposta da religião às suas inquietações¹³³. Desta forma, assistiu-se ao fim da articulação entre a experiência pessoal do crente e a experiência social da comunidade através da Igreja.

Segundo Alfredo Teixeira, Doutor em Antropologia Política e Professor Auxiliar na Universidade Católica Portuguesa, os estudos realizados sobre a religião nas culturas juvenis da Europa, demonstram que se tem registado um declive da crença num Deus pessoal e um acréscimo da crença numa força sobrenatural. Estes dados verificam-se em todos os países da Europa, à exceção da Itália¹³⁴.

¹³⁰ Cf. Luís ROCHA E MELO, “Que é a Espiritualidade”, in *Communio*, 11, 3 (maio-jun 1994), 201.

¹³¹ Teresa MESSIAS, “Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis”, in *Communio*, 29, 1 (janeiro 2012), 118.

¹³² Cf. Alfredo TEIXEIRA, *Não sabemos já donde a luz mana – ensaio sobre as identidades religiosas*, Paulinas, Lisboa, 2004, 17.

¹³³ Cf. *Ibidem*.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*.

As representações juvenis de Deus têm vindo a rejeitar as figuras da autoridade e a fortificar uma relação que se baseia na familiaridade e que se verifica em práticas orantes que associam a informalidade e a performatividade grupal¹³⁵.

Os jovens que participaram em peregrinações mundiais ou nas Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) nos últimos dez anos, de acordo com os trabalhos de campo realizados, revelam que se dirigem para um determinado local para viverem uma experiência excepcional. Refere o Papa Francisco, na Carta Encíclica *Lumen Fidei*:

“Jornadas Mundiais da Juventude, os jovens mostram a alegria da fé, o compromisso de viver uma fé cada vez mais sólida e generosa. Os jovens têm o desejo de uma vida grande; o encontro com Cristo, o deixar-se conquistar e guiar pelo seu amor alarga o horizonte da existência, dá-lhe uma esperança firme que não desilude. A fé não é um refúgio para gente sem coragem, mas a dilatação da vida: faz descobrir uma grande chamada — a vocação ao amor — e assegura que este amor é fiável, que vale a pena entregar-se a ele, porque o seu fundamento se encontra na fidelidade de Deus, que é mais forte do que toda a nossa fragilidade”¹³⁶.

Porém, nem todos os jovens são associados ao perfil de um católico praticante jovem. Muitos deles procuram a possibilidade de viverem uma experiência intensa e genuína¹³⁷.

A solidariedade e o entusiasmo vividos durante essa experiência culminam num processo de identificação religiosa. Trata-se de um processo acelerado de socialização no campo católico em que a componente afetiva tem um papel preponderante¹³⁸. A figura do “praticante regular” já não constitui a referência fundamental para se entender a religiosidade dos nossos dias. Esta caracteriza-se pela fluidez das crenças, pela desregulação dos processos de transmissão, pela individualização das formas de identificação religiosa, entre outras¹³⁹.

Podemos considerar dois tipos de religiosidade: a religiosidade estável do praticante regular que está ligado a uma forma de praticar o espaço e o tempo e a religiosidade modular do crente itinerante que depende do percurso de vida dos jovens. A participação em Taizé ou nas Jornadas Mundiais da Juventude trata-se de uma “prática religiosa modulada cuja intensidade e ritmo depende mais dos itinerários pessoais do indivíduo do que dos marcadores institucionais”¹⁴⁰. Os dois modelos de religiosidade aparecem misturados, de forma complexa, nas trajetórias individuais, não podendo ser encontrados em estado puro. Torna-se muito importante a presença carismática de um líder religioso, visto que promove um sentimento de pertença a um “nós”, ou seja, a uma espécie de territorialidade simbólica. Assim, tornam-se

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, 31.

¹³⁶ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013) in *AAS* 105 (2013) n.º 53.

¹³⁷ Cf. Alfredo TEIXEIRA, *Não sabemos já donde a luz mana ...*, op. cit., 55.

¹³⁸ Cf. *Ibidem*, 57.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*, 59.

¹⁴⁰ *Ibidem*, 64.

persistentes as referências ao “Papa peregrino” sendo este que simboliza a utopia de um cristianismo a nível mundial.

A relação existente entre alguns jovens e a religião acaba por resultar das suas próprias escolhas, enquanto outros constroem o seu caminho religioso vivido de maneira fragmentada. Estas escolhas devem-se a movimentos de massas mais ou menos pontuais ou a motivos de ordem emocional. É no domínio do privado que acontece a tendência para as escolhas religiosas, tais como os locais sagrados que os jovens visitam e os ritos que efetuam. Neste sentido, verifica-se cada vez mais o efeito da secularização.

Atualmente, presenciamos uma cultura de cariz individualista onde cada pessoa tem de seguir aquilo em que acredita, defendendo a tolerância. No entanto, os jovens valorizam bastante a dimensão afetivo-emocional, no qual têm tendência em manifestar um maior interesse por pequenos grupos, onde se expressam espontaneamente e demonstram um verdadeiro encanto pelas festividades, como exemplo as Jornadas Mundiais da Juventude e pelas experiências de massa. As festividades alcançam uma crescente importância nas suas práticas institucionais e no seio da paróquia. Consequentemente, surge a figura do “aderente festivo” que combina uma vida social e pessoal inteiramente secularizada com uma participação religiosa organizada de forma extraordinária. Esta figura corresponde, de um modo geral, aos jovens (e não só) que não vão à Igreja, nem frequentam a Eucaristia Dominical, mas que participam nas peregrinações a Taizé e nas Jornadas Mundiais da Juventude, encontrando, aí, a presença de Deus.

Neste sentido, os jovens sentem-se cada vez mais atraídos por algumas personalidades extraordinárias, assim como por personalidades cujo discurso tem afinidades com a cultura da subjetividade e da tolerância. De acordo com o estudo efetuado por Eduardo Duque¹⁴¹, com o quadro religioso da Europa, podemos constatar que houve uma diminuição da adesão às Igrejas e ao culto. No entanto, não quer dizer que haja uma indiferença pelo religioso, uma vez que os jovens desta geração mostram-se mais abertos às questões religiosas, definindo-se pela tolerância e pela permissividade moral. Já com a socióloga Helena Vilaça, assistimos a uma reconfiguração do universo religioso e do crer¹⁴². Estas experiências de sentido enchem as exigências dos jovens alcançando um papel importante no seu itinerário individual crente. Assim, as peregrinações associam elementos duma religiosidade socialmente herdada com elementos próprios do “sagrado moderno”¹⁴³.

¹⁴¹ Duque realizou um estudo sobre os jovens e a religião na sociedade atual, tendo como amostra a juventude de Braga. Cf. Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião na sociedade atual: comportamentos, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga*, Instituto Português da Juventude, Braga, 2007, 53.

¹⁴² Cf. Helena VILAÇA, “Recomposições dos rituais contemporâneos: a peregrinação”, in *Sociologia – Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto*, 17/18 (2007/08), 56.

¹⁴³ Cf. *Ibidem*, 65.

1.2. A verdadeira comunidade educativa construída com valores partilhados

Na sequência do que foi dito no ponto anterior, a cultura é apresentada como um sistema de valores partilhados que lhes conferem um sentido de missão. É através da cultura que permite às pessoas agir conjuntamente. Estudos efetuados mostraram que as organizações com sucesso concentravam os seus esforços na partilha de valores entre os seus membros. É nesta perspetiva que a escola tem:

“uma tarefa empenhativa a ser realizada. De facto, a presença nela de alunos, assim como de professores, provenientes de contextos culturais e religiosos diferentes exige um maior compromisso de discernimento e de acompanhamento. A elaboração de um projecto partilhado torna-se um apelo imprescindível que deve estimular a escola católica a qualificar-se como lugar de experiência eclesial. A sua força de conexão e as potencialidades de relacionamento derivam de um quadro de valores e de uma *comunhão de vida* radicados na própria pertença a Cristo e no reconhecimento dos valores evangélicos, assumidos como normas educativas, estímulos motivacionais e ao mesmo tempo metas finais do percurso escolar. Certamente o grau de participação poderá ser diversificado em virtude da própria história pessoal, mas isto exige dos educadores a disponibilidade para um compromisso de formação e autoformação permanente, em relação a uma escolha de valores culturais e de vida, que devem ser feitos presentes na comunidade educativa”¹⁴⁴.

A escola (organização) que educa deve ser construída na base da racionalidade, capacidade de se adaptar às necessidades, a permeabilidade ou abertura em relação aos outros e a colegialidade com a intenção de aniquilar o individualismo que, muitas vezes, se deve à fragmentação de espaços, horários e mecanismos de colaboração. Na “educação (...) não é por acaso que o primeiro e originário ambiente educativo é constituído pela comunidade natural da família. A escola, por sua vez, coloca-se ao lado da família como o espaço educativo comunitário, orgânico e intencional e apoia o seu empenho educativo, segundo a lógica da subsidiariedade”¹⁴⁵.

Ao entendermos as organizações educativas como sistemas de aprendizagem organizacional tem de se ter em conta a qualificação e autonomia dos seus profissionais e, em simultâneo, promover uma congruência organizacional e legitimar o trabalho em articulação, parceria, partilha e reflexão entre os docentes, evitando ao mesmo tempo, o individualismo que, ainda prevalece no interior das nossas escolas.

¹⁴⁴ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar juntos na escola católica missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos* de 8 de Setembro de 2007, Texto disponível online em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20070908_e_ducare-insieme_po.html, consultado em 02-02-2016.

¹⁴⁵ *Ibidem*, n.º 12.

A cultura é um “conjunto de valores partilhados pelas pessoas que trabalham numa organização e que se podia assim resumir o sentido da missão colectiva”¹⁴⁶. É a cultura que permite às pessoas compreender os significados partilhados e lhes possibilita agir conjuntamente no seio da organização. Pode-se dizer que a força da organização constrói-se através dos valores partilhados pelos membros da organização, ou seja, pelo desenvolvimento de uma cultura comum.

A professora Fátima Chorão atribui grande importância aos princípios e valores que a organização adota e defende e considera que a coerência dos comportamentos e atitudes dos atores está intimamente ligada ao conhecimento e identificação que possuem em relação aos mesmos. Para a autora são os “valores comuns que definem o carácter essencial da organização e lhe dão um sentido de identidade”¹⁴⁷. As pessoas, mesmo nas posições mais baixas, sabem o que devem fazer, na maioria das situações, porque os valores que as guiam são claros. Uma vez chegadas à vida adulta, as pessoas tem a maior parte dos valores firmemente enraizados, logo dependem essencialmente de outros critérios que não os de pertença à organização, por outro lado, as práticas organizacionais são aprendidas através da socialização no local de trabalho.

Na escola atual, dado as turmas serem muito heterogéneas, com alunos provenientes de várias culturas e de diferentes estratos sociais, é necessário que exista uma relação pedagógica entre professor-aluno de proximidade, de partilha e inclusão. É essencial que o professor perceba as causas e os motivos do mau comportamento dos seus alunos, podendo estes serem intrínsecos à escola ou motivados por fatores exteriores à mesma.

1.3. Consequências da não partilha no contexto escolar

A escola, na medida em que trabalha com pessoas que suportam uma carga social e cultural diversa, usufrui de certas especificidades que a diferencia das outras organizações, existindo desigualdades a nível económico. Neste caso, a escola deve ser uma organização produtiva onde se verifique trabalho cooperativo e espírito de equipa. Deveremos pensar na escola enquanto organização aprendente, que seja capaz de evoluir perante a mudança e os desafios que lhe são colocados.

¹⁴⁶ Yves BERTRAND, Patrick GUILLEMET, *Organizações: Uma abordagem sistémica*, Piaget, Lisboa, 1988, 117.

¹⁴⁷ Fátima CHORÃO, *Cultura Organizacional – Um paradigma de análise da realidade escolar*, G.E.F. Ministério da Educação Lisboa, 1992, 51.

Para que ganhe sustentabilidade e beneficie de um clima de organização, é imprescindível a partilha de conhecimentos, a troca de experiências, o trabalho colaborativo e a reflexão perante a aprendizagem organizacional.

No entanto, tem-se verificado, com o passar dos anos que esta tem vindo a tolerar modificações, quer seja a nível de estruturas, como das dimensões, sendo obrigada a adaptar-se às mudanças que foram sucedendo na sociedade. É desta maneira que tende a transformar-se numa organização com identidade própria.

Assim, “a escola poderá desenvolver-se, evoluir, reinventar-se, se tiver capacidade de corrigir os erros e os problemas de forma criativa e inovadora”¹⁴⁸. Desta forma, há necessidade/dever de marcar a diferença na escola, propondo, para isso, alicerces fortes nos quais o aluno possa consolidar a sua própria construção. Por outras palavras, a escola deve fornecer recursos para que os alunos retirem deles os elementos que os ajudarão a construir-se a si próprios.

Os conteúdos, as metodologias e as práticas didáticas devem ser pensados em função da construção da pessoa humana. A escola deve ser o principal centro de acolhimento das crianças e jovens, sobretudo daqueles que possuem uma cultura e religião diferentes. Só com uma pedagogia de encontro, de escuta e de comunicação é que os alunos poderão aprender a pensar em si próprios e nos outros. É necessária uma comunidade virtual em que os professores possam partilhar experiências e materiais. Mais unidos e com atividades mais diversas teremos oportunidade de fazer a diferença nas escolas.

Relativamente à disciplina de EMRC, uma das formas mais interessantes de aproximar os adolescentes será ajudá-los a tomar consciência da sua vida afetiva. Os docentes de EMRC deverão empenhar-se, de forma a promover a disciplina no contexto da sociedade atual, já que apesar de a sua existência estar “protegida” pelo Ministério da Educação, muitas das suas decisões vão no sentido de a marginalizar. Exemplo disso é o horário em que a disciplina é lecionada, sobretudo no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Os professores devem encarar as mudanças programáticas e didáticas com entusiasmo. Desta forma, este ensino estará mais vinculado aos diferentes estilos de vida das crianças e dos jovens, no qual devem ser educados “para a solidariedade e a disponibilidade a darem não simplesmente qualquer coisa, mas darem-se a si próprios”¹⁴⁹. Só a partilha de objetivos e de interesses poderá ajudar a estabelecer uma ligação mais forte entre docentes e discentes. Aos primeiros, cabe ajudar os alunos a desenvolverem um sentido crítico perante a vida concreta e promoverem valores e critérios religiosos, éticos e morais que estimulem em cada aluno

¹⁴⁸ Nazaré BARROS, *Violência nas escolas – Bullying*, Bertrand Editora, Lisboa, 2010, 124.

¹⁴⁹ BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005) in *AAS* 98 (2006) n.º 30.

questões que o levem a procurar novas práticas e novos modos de agir para que se construa uma sociedade mais justa e fraterna. Também todos os professores deverão, igualmente, esforçar-se por trabalhar em conjunto, no que diz respeito às metas a atingir e às competências a desenvolver, o que não invalida a necessidade de se adaptarem ao meio onde trabalham e aos alunos a quem lecionam. Tal consequência só poderá efetivamente ser alcançada se houver um investimento contínuo por parte dos docentes na sua formação científica e pedagógica, bem como uma abertura ao diálogo e à partilha de experiências, metodologias e materiais didáticos.

No entanto, isto não invalida que não possam ter perspetivas diferentes. O importante é que essa diversidade conduza à unidade. Torna-se igualmente necessária a renovação e a diversificação dos suportes didáticos, para ir de encontro às orientações programáticas e educativas. Os docentes devem estar preparados para dominar e utilizar as tecnologias de comunicação e informação, nomeadamente as plataformas, os quadros interativos e os blogues. Estes conhecimentos devem ser veiculados na formação inicial e contínua dos profissionais do ensino. Só com ferramentas atuais podemos trilhar um novo caminho para a escola.

Os professores devem promover, no dia a dia, hábitos de generosidade, de partilha e de respeito pelos outros. Estes valores, mais do que ensinados, devem ser vividos pelo docente, dado que só assim poderá transmiti-los verdadeiramente aos seus alunos. Caso isso não aconteça, poderá proporcionar a fatores de indisciplina, nomeadamente, a falta de interesse pelas disciplinas lecionadas; dificuldade em acompanhar conteúdos abordados por falta de bases ou por dificuldades de aprendizagem; excessiva permissividade ou demasiado autoritarismo por parte do professor; aulas pouco motivadoras; dificuldades de relacionamento professor/alunos ou alunos/alunos, bem como, as aulas a decorrer em salas de aula sem condições e turmas demasiado grandes.

“Por isso, a compreensão dos fenómenos de (in)disciplina não se pode desligar da relação triangular professor-aluno-saber, relação que tantos autores têm sublinhado, e das variáveis políticas, sociológicas, psicológicas, pedagógicas que a influenciam”¹⁵⁰. A indisciplina pode ser resultante do processo de interação professor-aluno, que possuem expectativas, perceções e opiniões distintas, onde ambos podem apreender as situações de formas diferentes, podendo existir um desencontro de expectativas.

Na mesma linha de pensamento, a Nota Pastoral da Comissão Episcopal da Educação Cristã (CEEC) para a Semana Nacional da Educação Cristã de 2008 afirma que “é necessário

¹⁵⁰ Maria ESTRELA, *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*, Porto Editora, Porto, 2002, 77.

que os educadores acreditem naquilo que ensinam e vivam de acordo com o que recomendam aos seus educandos”¹⁵¹.

A organização escolar deve ter uma boa administração e gestão para poder proporcionar um ambiente acolhedor, participativo entre todos os elementos da comunidade educativa (professores, alunos, funcionários e encarregados de educação). Se existir um bom clima de escola, este favorecerá a colaboração e o trabalho em equipa entre todos e conduzirá a um maior rendimento.

1.4. A importância de Educação Moral e Religiosa Católica nas nossas escolas

A Educação Moral e Religiosa Católica assume um papel muito importante, não apenas na educação integral dos jovens, mas também na escola e na própria sociedade.

A Igreja Católica é a responsável pela orientação do ensino de EMRC, competindo-lhe a elaboração e a revisão dos programas, a elaboração, a edição e a divulgação de manuais e de outros instrumentos de trabalho, bem como a apresentação dos candidatos a professores. O Estado defende a inclusão da disciplina de EMRC nos currículos dos ensinos básico e secundário devido a diversos fatores, entre os quais se destaca: o dever do Estado de proteger a família, o respeito pelo direito à liberdade religiosa, o direito dos pais de escolherem o género de educação a dar aos filhos, o reconhecimento do contributo da EMRC para a formação pessoal e social dos alunos e a consideração da especial representatividade da população católica do país. Todavia, sabemos que no presente, a religião católica já não assume um papel tão preponderante na sociedade portuguesa como outrora.

Deste modo, a Educação Moral e Religiosa Católica, sendo uma disciplina curricular plenamente inserida no sistema educativo, “responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”¹⁵². Assim, vê-se a braços com as mesmas responsabilidades que as outras disciplinas, as quais acrescem de importância se tivermos em conta a missão conferida à Igreja nestes domínios. Para além disso, possui um carácter facultativo, abrangendo os ensinos básico e secundário (do 1º ao 12º ano de escolaridade)¹⁵³, aspeto que acaba por constituir um dos desafios sérios com que se vê confrontada na atualidade. Também é importante ter em conta que o papel da escola reside na construção da comunidade humana e não da comunidade de fé. Todavia, a Igreja tem um papel importante a

¹⁵¹ CEEC, *Palavra de Deus verdade que dá sentido*, Ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2008, nº 4.

¹⁵² Lei nº 46/86 de 14 outubro, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Artigo 2.º, 4.

¹⁵³ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa ...*, *op. cit.*, n.º 2.

desempenhar nesta instituição. A EMRC tem o dever de “clarificar (...) para onde vamos, com quem vamos e por que caminhos, onde e em quê ou quem radicamos as nossas convicções e ancoramos a nossa esperança, que ser humano queremos ajudar a formar”¹⁵⁴.

A identidade da EMRC reside no facto dela ser uma educação moral baseada na cultura cristã, sem visar a educação da fé. Este aspeto ajuda não só a distinguir a disciplina de EMRC e catequese, como revela, da parte das entidades responsáveis da Igreja, a consciência de estarmos perante uma realidade já totalmente assumida.

A tónica situa-se na educação para os valores humanos e cristãos, apesar de se destacar o contributo da EMRC para a elaboração de um projeto de vida com sentido. Assim, quer a identidade, quer a finalidade da disciplina estão intimamente ligadas à transmissão dos valores evangélicos.

O ponto de partida da disciplina é sempre a educação como “percurso da personalização e não apenas da socialização e da formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa”¹⁵⁵, que deve contribuir para o seu desenvolvimento integral e por conseguinte, para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Em 2006, a Conferência Episcopal Portuguesa publicou o documento *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, no qual se reconheceu que “o contributo da EMRC para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens, parte do reconhecimento da componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade”¹⁵⁶.

Com este passo, é possível afirmar que “a EMRC é oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas: com fé católica ou outra, em situação de procura, indiferentes ou descrentes. Esta diversidade corresponde à situação das famílias que solicitam o apoio da EMRC”¹⁵⁷.

Este documento da Conferência Episcopal Portuguesa clarifica melhor a distinção entre catequese e EMRC, uma vez que afirma que existe entre elas, simultaneamente, uma relação de distinção e de complementaridade, como já foi referenciado neste capítulo, no ponto 1.1. Enquanto a primeira visa educar crentes, a segunda “situada na escola, a EMRC insere-se nas suas finalidades, utiliza os seus métodos e tem uma especificidade própria: o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes”¹⁵⁸.

¹⁵⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2008, nº 25.

¹⁵⁵ *Ibidem*, n. 5.

¹⁵⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa ...*, *op. cit.*, n. 6.

¹⁵⁷ *Ibidem*.

¹⁵⁸ *Ibidem*, n.º8.

No referido texto são apresentadas onze finalidades para a disciplina. Fala-se abertamente da dimensão religiosa em quatro dessas finalidades. Algumas focam aquilo que é propriamente cristão, o que é significativo, dado que esta é a chave de leitura hermenêutica a partir da qual se trabalha a dimensão religiosa na EMRC. Assim:

“numa sociedade de informação fragmentada, desarticulada de sentidos parciais e parcelares e numa escola aberta e plural, emerge como necessidade fundamental o desenvolvimento de aptidões que ajudem o aluno a ser capaz de lidar com a mudança de perspectivas e com a percepção diferenciada da realidade que facilitem a integração dessas mesmas perspectivas e que promovam a construção, através de complexas decisões de sentido, de um determinado projecto de vida”¹⁵⁹.

É por este motivo que o Ensino Religioso Católico dedica uma enorme atenção aos valores, sob o ponto de vista da sua fundamentação religiosa, consciente de que poderá ajudar os alunos a formar a sua identidade no que tem de específico. Neste sentido, a principal tarefa da EMRC é precisamente a de proporcionar a reflexão sobre questões fulcrais da vida e sobre valores “facilitando uma qualificada interpretação da vida e do mundo, através de uma apropriada hermenêutica religiosa-teológica”¹⁶⁰. Trata-se, assim, de educação religiosa feita a partir de uma religião concreta, o que não se deve confundir com o ensino da religião católica.

Aliás, a EMRC procura ajudar os alunos a trilhar o seu percurso de crescimento e formação pessoal, mediante um conhecimento e encontro com a experiência e a vivência da fé cristã católica, sem contudo deixar o processo educativo específico da escola, bem como a liberdade e a consciência de cada aluno.

No entanto, refira-se também que, não obstante essa consciência de que o sentido da vida pode ser fundamentado a partir do religioso, a religião não pode ser considerada como a única dadora de sentido. Por outro lado, nem sequer faz sentido falar de valores religiosos, mas sim da fundamentação religiosa que pode ser dada a esses valores.

O que se pretende, portanto, é desenvolver a competência religiosa, a qual constitui, na verdade, o horizonte onde se encontra, a especificidade e a originalidade da proposta cristã difundida pela EMRC, numa releitura da existência à luz do acontecimento de Jesus Cristo.

Uma vez que a dimensão da religiosidade e da transcendência constitui uma chave de leitura do mundo, ela implica, necessariamente, o desenvolvimento de atitudes e de comportamentos que a explicitam e desenvolvem. Nessa linha, D. António Marcelino afirma que “a dimensão religiosa não se impõe, porque ela existe dentro de nós, qualquer que seja o

¹⁵⁹ Marco GOMES, “Competências em Educação Moral e Religiosa Católica e desenvolvimento de capacidades e atitudes”, in *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2005, 108.

¹⁶⁰ *Ibidem*.

seu modo de expressão, como um grito e uma exigência que não se pode calar nem ludibriar”¹⁶¹.

Ao desenvolver pedagogicamente a competência religiosa (concretizada em atitudes e comportamentos), a disciplina de EMRC pretende fornecer as ferramentas necessárias para que cada jovem possa percorrer, com segurança, o complexo mundo em que vivemos.

Assim, a escola só pode proporcionar aos alunos uma formação integral, integrante e integradora, razão pela qual “a EMRC tem, na escola, um papel decisivo e fundamental, permitindo, assim, que os alunos possam, cada vez mais, afirmar a sua humanidade e não somente a sua existência”¹⁶². E mesmo tratando-se de um grande desafio, a verdade é que ele decorre de uma exigência intrínseca à própria verdade e atualidade da EMRC.

Todavia, a maioria das escolas públicas ainda não reconhece todas as potencialidades desta disciplina ou área curricular disciplinar.

A educação cristã é “uma proposta, nunca é uma imposição. É um caminhar em conjunto, onde se experimenta aquela máxima de sabedoria divina: ‘a felicidade está mais em dar do que em receber’ (Act 20,35)”¹⁶³. Esta citação resume bem o que se pretende (ou deve pretender) com a presença da EMRC na escola.

2. Contributo para a formação da personalidade

Perante as profundas mudanças que a escola tem experimentado nas últimas décadas, a crescente sobrecarga da escola e dos professores com cada vez mais atribuições de cariz social e a enorme diversidade que habita a escola deste tempo, refletir sobre a colaboração escola família, é refletir sobre uma importante questão da atualidade.

Na colaboração que existe entre escola-família é preciso ter presente que a família é a primeira instituição responsável pela educação das crianças e jovens. A família constitui o primeiro lugar de toda a educação; contudo, com as mudanças que vêm ocorrendo de forma vertiginosa na sociedade, as famílias vão delegando nas escolas muitas das que eram as suas funções tradicionais. Daí que cada vez mais, a escola sinta a necessidade de chamar a família à vida escolar.

Tendo em conta que alguns autores dão conta da existência de algumas ambiguidades e de falta de consenso na utilização da terminologia referente à relação escola-família,

¹⁶¹ António MARCELINO, “Educação Moral e Religiosa nas Escolas Católicas”, in *Pastoral Catequética. Revista de Catequese e Educação*, nº 5, SNEC, Lisboa, 2006, 87.

¹⁶² Marco GOMES, “Competências em Educação Moral e Religiosa Católica e ...”, *op. cit.*, 113.

¹⁶³ Jaime MILTON, “Interdisciplinaridade e Transversalidade em Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica*, nº 8, SNEC, Lisboa, 2007, 25.

organizamos este ponto começando por abordar a relação existente entre escola e família apresentando, em seguida, a colaboração entre escola/família/comunidade na educação das crianças, tanto em termos de atitudes como de aproveitamento. Por último, serão referenciados alguns dos obstáculos face a esse envolvimento parental.

2.1. *A escola e a família: dois contextos de desenvolvimento da personalidade*

“A sociedade constrói-se a partir da educação, a qual constitui a pedra base”¹⁶⁴, uma vez que, “aprender a educar é prevenir”¹⁶⁵. Segundo o Papa Francisco, na Carta Encíclica *Laudato Si*, “vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida”¹⁶⁶. Tanto a família, como a escola compartilham funções sociais, políticas e educacionais, contribuindo e influenciando a formação do cidadão. As interações que cada indivíduo estabelece com o meio envolvente, desde a sua nascença, têm a ver com o seu comportamento. O crescimento é um processo contínuo que passa por várias vivências de desenvolvimento e aprendizagem.

O ser humano no seu dia-a-dia estabelece limites nas ações, no contato que tem com as pessoas que o rodeiam, definindo-se por socialização. Ao longo da vida do indivíduo, os dois sistemas mais importantes de socialização são a família e a escola. O Papa Francisco considera que “a família é a primeira escola dos valores humanos, onde se aprende o bom uso da liberdade”¹⁶⁷, contribuindo para a manutenção da sociedade.

Contudo, verifica-se uma diversidade entre a família e a escola, uma vez que as crianças com a sua família são tratadas como indivíduos, no qual mantêm uma relação duradoura e emocional, enquanto na escola fazem parte de um grupo. O diálogo professor-aluno e aluno-professor é essencial. Entender o aluno é imprescindível para compreender os seus problemas e poder ajudá-lo a resolvê-los.

O psicólogo Tavares refere que “o desenvolvimento da criança é o resultado de interações complexas entre os diferentes sistemas ecológicos de que a criança é parte”¹⁶⁸, quer seja a família, a escola ou outras instituições. Neste sentido, todas as famílias têm aspetos contributivos para o desenvolvimento da criança, pois para o Papa Francisco, “A família é o

¹⁶⁴ Guillermo BALLEMATO, *Educar sem Gritar*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2009, 27.

¹⁶⁵ *Ibidem*.

¹⁶⁶ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si*, Editorial A.O., Braga (24 maio de 2015) 162.

¹⁶⁷ FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, Paulus Editora, Lisboa, 2016, 214.

¹⁶⁸ José TAVARES, *Dimensão pessoal e interpessoal na formação*, Cadernos Cidine, Aveiro, 1992, 54.

âmbito da socialização primária, porque é o primeiro lugar onde se aprende a relacionar-se com o outro, a escutar, partilhar, suportar, respeitar, ajudar, conviver¹⁶⁹”.

Quando há um envolvimento dos pais, as crianças apresentam maior aproveitamento e desenvolvem melhor as suas capacidades intelectuais e comportamentais. O Papa Francisco vem conferir isso na Carta Encíclica *Laudato Si*:

“A família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspectos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer ‘obrigado’ como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia”¹⁷⁰.

Por estes motivos, a escola deve estabelecer sempre um diálogo aberto, vivo e permanente com todos os intervenientes no processo de formação e orientação dos alunos. Como afirma o pedagogo Marques, os “pais que se envolvem na educação dos próprios filhos e que comunicam de forma positiva com os professores, tendem a encarar o professor com mais simpatia e apreço¹⁷¹”.

A colaboração das famílias na escola e vice-versa constitui um fator fundamental para o desenvolvimento das crianças.

2.2. Colaboração entre escola/família/comunidade na educação das crianças

Atualmente a relação existente entre escola, família e comunidade reveste-se de uma grande pertinência e utilidade no contexto da ação educativa, no qual cada uma delas deve assumir a sua responsabilidade. Nesta relação, no sentido de haver uma melhor inclusão das crianças, a comunicação cumpre um papel essencial no processo de interação entre estas instituições.

A importância e a complexidade desta relação deixa visível algumas hesitações. Por um lado, o primeiro lugar na educação das crianças e dos jovens compete à família, uma vez que as profundas mudanças que ocorreram na sociedade estimularam a tendência das famílias para encarregarem nas escolas, muitas das que eram as suas funções tradicionais. Contudo, a descontinuidade cultural e social entre estas duas instituições parece ser um fator de afastamento dos pais da escola e do acompanhamento parental. Por outro lado, transportaram-se para a escola expectativas e encargos sociais tão amplos e elevados, em domínios como a

¹⁶⁹ FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Lætitia*, ..., *op. cit.*, 216.

¹⁷⁰ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si*..., *op. cit.*, 162.

¹⁷¹ Ramiro MARQUES, *A direcção de turma, integração escolar e ligação ao meio*, Texto Editora, Lisboa, 1992, 61.

violência, o desenraizamento sociocultural, a toxicodependência, a sexualidade, entre outras, que ela sozinha não consegue abarcar, acabando por desgastar a imagem institucional da escola, por desmotivar os professores e provocar o insucesso.

A diversidade de práticas das relações escola-família conduziu a diversas sistematizações sobre as formas e as áreas de intervenção, o grau de participação e compromisso que se apresentam como tipologias.

Desta forma, há uma grande diferença entre as escolas que vivem voltadas para a comunidade e as escolas que se apoiam nesses recursos, os que utilizam para enriquecer o currículo e as experiências dos alunos e ajudam as famílias a conhecê-los e a utilizá-los. A colaboração com a comunidade ajuda os alunos a desenvolverem atividades extracurriculares e a terem oportunidade de trabalhar na comunidade.

Cada escola deve decidir qual o tipo ou tipos de parcerias que considera mais necessário ou vantajoso estabelecer com os restantes intervenientes do processo educativo para que exista, entre esses parceiros, uma verdadeira relação produtiva de aprendizagem.

A colaboração existente entre escola e família é de fazer melhorar os resultados académicos dos alunos. Um dos grandes objetivos da colaboração escola, família e comunidade é aumentar a motivação e o aproveitamento escolar. Desta forma, o psicólogo e pedagogo Urria diz que “deve ser criada uma Família Educativa, composta por pais, alunos e docentes. Não deve existir divórcio entre a escola e os pais”¹⁷², pois “cada um deve assumir a sua responsabilidade”¹⁷³.

Desta forma, quanto maior for o envolvimento das famílias na educação escolar das crianças, melhor será o desempenho escolar, tanto em termos de atitudes, como de aproveitamento. Hoje em dia os pais e os professores precisam de se ajudar mutuamente: os professores pelas dificuldades acrescidas e por, simultaneamente, verem diminuído o seu estatuto profissional e o apoio da comunidade; os pais por se confrontarem, cada vez mais, com situações de divórcio, desemprego, isolamento e problemas com os filhos.

Se a participação dos pais e encarregados de educação nos órgãos de decisão, tem efeitos pouco expressivos na melhoria do aproveitamento escolar dos alunos, há outras, que como diz o pedagogo Marques, “a comunicação e o apoio ao estudo, em casa, têm um impacto significativo na melhoria das aprendizagens”¹⁷⁴. O papel fundamental das famílias no apoio aos processos de escolarização dos filhos também é expresso pelo Doutor Professor Manuel Miguéns quando salienta que “a cooperação família-escola está, há muito, assinalada

¹⁷² Javier URRIA, *Educar com Bom Senso*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2010, 322.

¹⁷³ *Ibidem*.

¹⁷⁴ Ramiro MARQUES, *Educar com os Pais*, Coleção Ensinar e Aprender, Editorial Presença, Lisboa, 2001, 20.

como trave-mestra para o sucesso escolar”¹⁷⁵, sendo “uma das condições essenciais para que os processos de ensino aprendizagem sejam mais ricos e para que sejam melhores os resultados dos alunos”¹⁷⁶. Desta forma, “a família também ensina. Ensina com os hábitos que adquiriu, com os valores que pratica, com a linguagem que usa, com os exemplos que dá, com as regras que instituiu”¹⁷⁷. Assim, os pais devem ser os primeiros modelos a nível de comportamento, interação e estratégias para resolver problemas.

Face a esta realidade e a esta problemática, o pedagogo Marques menciona que “quando os pais colaboram com a escola, os professores beneficiam porque essa colaboração tem um impacto positivo na aprendizagem dos alunos. A escola também beneficia porque a sua imagem social sai reforçada. Os pais também têm vantagens porque melhoram as suas competências como educadores e aprendem a conhecer melhor os seus filhos”¹⁷⁸. Assim, o envolvimento entre a escola e a família não só beneficia o aproveitamento escolar, como também favorece a motivação do aluno em relação ao estudo e, ainda ajuda a família a desempenhar o seu papel enquanto educadora, para além disso, também melhora a imagem da escola e dos próprios professores.

Tendo em conta a sobrecarga que devasta atualmente a profissão docente, o pedagogo Marques, supracitado já anteriormente, menciona que os professores e pais “devem unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de um mesmo bem comum para os alunos”¹⁷⁹.

É neste contexto que, o Papa Francisco num dos seus discursos faz referência ao provérbio africano que diz “ ‘Para educar um filho é necessária uma aldeia’ . Para educar uma pessoa é preciso tudo isto”¹⁸⁰. Isto deixa antever que as responsabilidades educativas não devem estar apenas a cargo da escola. Assim, se é verdade que os pais e encarregados de educação têm adquirido ao longo do tempo uma maior visibilidade na escola e na própria legislação, a relação entre escola-família é uma realidade existente em todas as escolas.

Qualquer sistema educativo depende do sucesso das relações entre os seus intervenientes: professores, encarregados de educação, alunos, comunidade e poder político. É a partir da qualidade destas relações que a escola poderá contribuir para o melhoramento da sociedade através da formação de cidadãos críticos, responsáveis. Tendo em conta que a

¹⁷⁵ Manuel MIGUÉNS, *Escola/Família/Comunidade* (org.) Conselho Nacional de Educação, Lisboa, 2008, 10.

¹⁷⁶ José MARIA ALVES, Maria JOÃO LEITE, *Sucesso na Escola – Um Guia para os Pais*, Coleção Saberes, Edições Asa, Porto, 2005, 9.

¹⁷⁷ *Ibidem*, 5.

¹⁷⁸ Ramiro MARQUES, *Educar com os Pais, ..., op. cit.*, 28.

¹⁷⁹ *Ibidem*, 12.

¹⁸⁰ FRANCISCO, *Discurso aos participantes do encontro mundial dos directores de "scholas occurrentes"*, de 4 de Setembro de 2014, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papafrancesco_20140904_dir-ettori-scholas-occurrentes.html, consultado em 2-03-2016.

escola e os professores devem afirmar abertamente “uma adesão a um projeto de sociedade e a valores sólidos, a serem os fiadores de uma sociedade igualitária e democrática à altura do século XXI”¹⁸¹ é fundamental que a escola, a família e a comunidade estreitem relações de comunicação e de partilha de crenças e de valores.

Assim, deve haver um ambiente familiar para que haja uma boa aprendizagem, tal como a escola deve desenvolver estratégias no sentido de aumentar o envolvimento individual de todos os pais, na vida escolar dos seus filhos.

“Quando a escola se aproxima das famílias, regista-se uma pressão positiva no sentido de os programas educativos escolares responderem às necessidades dos vários públicos escolares”¹⁸². Desta forma, a estreita colaboração entre os pais e os professores deve traduzir-se em comunicação, troca de informação, colaboração, desdobramento e aplicação de estratégias e critérios de atuação complementares.

É necessário que os pais se desloquem assiduamente à escola, que colaborem nas suas iniciativas e que dialoguem com os professores. A presença dos pais na escola pode constituir, por si só, um estímulo para o aluno. Assim, para que a presença efetiva e positiva dos pais na escola seja uma realidade, é preciso, num primeiro momento, um esforço de aproximação da escola à família, tal como à comunidade e vice-versa.

2.3. *Obstáculos ao envolvimento parental*

Sabemos que muita da investigação tem considerado o impacto positivo do envolvimento parental no desempenho escolar das crianças e dos alunos, pelo que as práticas de aproximação às famílias têm vindo a aumentar. Neste sentido, a corroborar esta ideia, vários estudos “revelam que o envolvimento das famílias na escola está positivamente relacionado com o sucesso educativo dos alunos e com o desenvolvimento de uma escola e de uma sociedade mais democráticas”¹⁸³. No entanto, também é verdade que esse diálogo é difícil.

Se a existência de espaços de intervenção comuns apontam para a união de esforços entre a escola, a família a comunidade, na prática existem muitas dificuldades e tensões. Autores como o sociólogo Silva falam de “uma relação complexa e multifacetada”¹⁸⁴. Os

¹⁸¹ Philippe PERRENOUD, *Escola e Cidadania – o papel da escola na formação para a democracia*, Artmed, Porto Alegre, 2005, 133. Documento disponível online em http://api.ning.com/files/cq9*iDXWXsPnZ8OEeUjl6p6fMRh73*qbVygUFfQxHy8AGdaEKmO5OFLSM8J2bWbdPV57e0jr*bdtrFkdaKc3noRSWFngVnu/Escola_e_cidadania.pdf, consultado em 2-02-2016.

¹⁸² Ramiro MARQUES, *Educar com os Pais, ...*, op. cit., 22.

¹⁸³ Pedro SILVA, (Org.) *Escolas, Famílias e Lares. Um caleidoscópio de olhares*, Profedições, Porto, 2007, 182.

¹⁸⁴ Pedro SILVA, *Escola - Família, uma Relação Armadilhada. Interculturalidade e Relações de Poder*,

vários estudos realizados mostram que há obstáculos à colaboração escola-família, sendo que, talvez o maior se relaciona com a tradição de separação entre as duas instituições. Os mesmos estudos também apontam a escassa preparação dos professores para lidarem com projetos de colaboração escola-família; a falta de preparação das famílias; a ausência de mecanismos escolares, de carácter informal, facilitadores de comunicação continuada; a ausência de estratégias escolares intencionalmente orientadas para o envolvimento das famílias difíceis de alcançar e a incapacidade dos professores para lidarem com as diferenças culturais, sociais e étnicas.

Apesar da fragilidade do diálogo, a escola não pode esquecer a opinião dos pais, uma vez que estes defendem os interesses dos seus filhos exercendo, por isso, uma certa influência no funcionamento das escolas, perspetivando-se desta forma que “o desafio é grande”¹⁸⁵.

De acordo com Marques, “a tradição de separação entre a escola e as famílias; a tradição de culpar os pais pelas dificuldades dos filhos; as mudanças nas estruturas das famílias e os constrangimentos culturais”¹⁸⁶, apresentam-se como as principais barreiras à participação dos pais e encarregados de educação.

No mesmo sentido, o sociólogo Silva, refere que há estudos que comprovam que existem muitos docentes que interpretam automática e erradamente a ausência na escola das famílias de meios socialmente desfavorecidos “como sinónimo de desinteresse pelo processo de escolarização dos filhos”¹⁸⁷. A ideia de culpabilizar os pais e a família pelo insucesso escolar deve ser desmontada e substituída por uma relação de cooperação e de diálogo, promotora de sucesso escolar e educativo. O Papa Francisco alerta-nos para um testemunho que aconteceu com ele próprio:

“Não podemos deixar os jovens sozinhos, (...) existem a família, a escola, a cultura, mas a criança está sozinha. Por quê? Porque o pacto educativo foi quebrado. Uma vez, na quarta classe, faltei de respeito à professora e ela mandou chamar a minha mãe. Ela chegou, eu fiquei na sala, a professora saiu. Depois chamaram-me, e a minha mãe, muito tranquila — eu temia o pior — disse-me: «tu fizeste isto, isso e aquilo? Disseste isto à professora?» «Sim» respondi. «Pede-lhe desculpa». E obrigou-me a pedir-lhe desculpa à sua frente. Eu estava feliz. Tinha sido fácil. Porém, houve o segundo acto, quando cheguei a casa! Hoje em dia, pelos menos em muitas escolas do meu país, uma professora escreve uma nota no caderno de um jovem e no dia seguinte o pai ou a mãe denunciam-na. Quebrou-se o pacto educativo. Já

Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, Porto, 2003, 349.

¹⁸⁵ Cléopâtre MONTADON, Philippe PERRENOUD, *Entre Pais e Professores – Um Diálogo impossível? Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola*, Celta Editores, Oeiras, 2001, 5.

¹⁸⁶ Ramiro MARQUES, *Educar com os Pai...*, *op. cit.*, 23.

¹⁸⁷ Pedro SILVA, *O contributo da escola para a actividade parental numa perspectiva de cidadania*, in Escola/Família/Comunidade (org.), Conselho Nacional de Educação, Lisboa, 2008, 121.

não estão todos juntos para o jovem. E assim falamos também da sociedade”¹⁸⁸.

Desta forma, é muito importante fortalecer os laços existentes através dos vínculos sociais, familiares e pessoais. Todos precisam de um contexto adequado, onde se verifiquem as condições para o seu desenvolvimento pessoal harmonioso e para a sua inserção na sociedade. Portanto, a colaboração, se não tiver por base o levantamento das características socioeconómicas e culturais da população escolar e não contemplar uma oferta diversificada de atividades que procure adequar-se aos diferentes extratos dessa população, poderá dirigir-se apenas a um público de classe média, contribuindo para acentuar ainda mais a clivagem existente entre as famílias mais desfavorecidas e a escola.

Sendo a escola o “elemento estruturalmente mais forte da relação, tem maior facilidade em ser ela a romper com a inércia e assumir uma atitude pró-activa na relação”¹⁸⁹. Assim, a diminuição da descontinuidade entre as culturas da família, da escola e da comunidade, fundamental para o sucesso educativo e académico das crianças, é um processo bilateral, que implica a aproximação da família à cultura da escola e a aproximação da escola à cultura da família.

Toda a aprendizagem deve estar enraizada nos valores da família e da sociedade, pelo que a “escola e os professores não formam apenas espíritos, mas identidades, ligadas a origens, culturas, crenças, e valores colectivos”¹⁹⁰.

Se é verdade que a escola sem a família não funciona, o inverso também é verdadeiro, isto é, só numa interação criativa de colaboração entre a escola e a família é possível chegar ao sucesso educativo da criança e do jovem.

Em suma, só o esforço concertado de todos os intervenientes no processo educativo, passando necessariamente pelos professores, pais e encarregados de educação, alunos, comunidade e poder político poderá levar à alteração de mentalidades e de novas formas de encarar o ensino-aprendizagem.

3. O perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica

Ser professor é fomentar um mundo melhor a cada dia. É saber que a sociedade é feita por cada um e com cada um, provocando uma metamorfose diária. É encarar a vida como um

¹⁸⁸ FRANCISCO, *Discurso aos participantes do encontro mundial dos ...*, op. cit..

¹⁸⁹ Pedro SILVA, *O contributo da escola para a actividade parental numa ...*, op. cit., 127.

¹⁹⁰ Philippe PERRENOUD, *Escola e Cidadania – o papel da escola na formação ...*, op. cit., 133.

barco que navega por vezes em águas calmas, outras agitadas, mas com a certeza e confiança de que chegará ao destino.

Ao olharmos para a nossa vida de estudantes temos um professor que nos marcou pela positiva, que nos inspirou, que nos levou a quereremos ser como ele.

Apesar de a nossa profissão ser a área de ensino, não foi esta a disciplina pela qual enveredámos, sendo outro grupo de recrutamento. No entanto, a EMRC bateu-nos à porta, tendo aceiteado, primeiro por um ano, depois por dois e fomo-nos apaixonando pela profissão. Ao fim de um ano de lecionação da disciplina de EMRC, voltámos a estudar, para sermos melhor naquilo que fazíamos, para aprendermos e podermos ensinar mais, encontrando-nos agora, nesta fase final de mestrado. E, como ninguém nasce professor, é necessário aprender-se a ser. No caso da disciplina de EMRC, ser professor não é uma profissão, mas uma vocação. É uma resposta a um chamamento de alguém que nos convida a colaborar e orientar a formação e educação das gerações futuras. Apesar de ser uma tarefa aliciante e arriscada, no qual o professor ensina, forma, educa, aprende, reflete, apoia, comunica, partilha, acima de tudo, o professor é um educador. E para realizar esta tarefa não basta possuir um diploma de habilitações para ensinar.

Quando preparamos as aulas e entramos na sala ou nos cruzamos com os nossos alunos, desejamos inspirá-los e motivá-los a serem cada vez melhores, de modo a perceberem o verdadeiro sentido de amar e a terem orgulho em serem cristãos. É muito enriquecedor ver a transformação a acontecer, ver um obrigado nuns olhos brilhantes, receber o afeto sincero de quem nos vê como um grande amigo em quem podem confiar.

“Hoje, já não se pretende que o professor seja apenas um eficaz e competente transmissor de conhecimentos. O seu papel é mais complexo e exigente que nesses dias passados”¹⁹¹. O ensino deve ser, simultaneamente, o trabalho do coração (da emoção, da empatia) em conjunto com o trabalho da razão (da racionalidade, do intelecto). E diz-se, por vezes, que o ensino é um trabalho de resistência, a contracorrente das urgências de uma sociedade do espetáculo, da competição, do consumo. Temos de dar tempo à reflexão e à consciência, uma reflexão e uma consciência como pessoas, uma reflexão e uma consciência partilhadas, uma reflexão e uma consciência prudentes.

“O Professor é uma Pessoa – um ser único e irrepetível, com sentimentos e emoções, cognições e percepções, motivações e reacções que lhe são próprias e que advêm de todo o conjunto de experiências, em parte idiossincráticas, que lhe são inerentes”¹⁹². Ser professor,

¹⁹¹ Ricardo VIEIRA, *Ser Igual, Ser Diferente. Encruzilhadas da Identidade*, Edição Profedições, Porto, 2000², 72.

¹⁹² *Ibidem*, 71.

hoje, é recusar as modas, a novidade pela novidade, e construir um caminho pedagógico com os colegas, um caminho que busca a sensatez e a coerência.

Os professores são cada vez mais responsabilizados pelos métodos de ensino que utilizam e por aquilo que os seus alunos efetivamente aprendem. Este aspeto é uma novidade, uma vez que até há pouco tempo, à baixa preparação dos professores juntava-se uma baixa expectativa da sociedade em relação ao desempenho dos mesmos. O ensino é alimentado por diversas áreas do conhecimento, as quais derivam ora da investigação, ora da própria experiência do exercício desta profissão. A propósito disto, o Professor Arends afirma: “todos devemos ser cautelosos e recordar que o ensino é um processo tremendamente complexo, que desafia constantemente fórmulas ou receitas rígidas”¹⁹³. Assim, também deverão ser tidos em conta os limites da investigação sobre a educação e o conhecimento atual sobre o ato de ensinar.

Simultaneamente foram surgindo planos específicos para o ensino, denominados como modelos, os quais têm o objetivo de ajudar os alunos a aprender determinados tipos de conhecimentos, atitudes ou competências. Cada um deles difere nas suas bases racional ou filosófica e nos objetivos que pretende alcançar. Esses modelos, apesar das diferenças, têm em comum alguns procedimentos e estratégias como é o caso da necessidade de abordar e motivar diferentes alunos. É por esse motivo que o Professor Arends refere que: “a utilização de uma abordagem ou método único já não é suficiente. Quando existem várias opções, os professores podem selecionar a abordagem que melhor serve um determinado objetivo ou turma, assim como os modelos que podem ser utilizados para promover a motivação, o envolvimento e o sucesso dos alunos”¹⁹⁴. Tal, verifica-se que existem vários modelos de ensino: alguns centrados no professor, outros nos alunos.

O trabalho de equipa também é uma faceta importante do trabalho do professor, uma vez que é desenvolvido com os colegas e restantes adultos que compõem a comunidade educativa. A capacidade de desempenhar papéis organizacionais e de liderança também é necessária, dado que se trata de uma dimensão mais visível e valorizada do que as aulas. Arends considera que o professor eficaz é “aquele que possui um repertório que lhe permite estabelecer um diálogo amplo dentro da escola e da comunidade sobre questões educacionais importantes, e é capaz de se juntar e constituir uma equipa com colegas com o objetivo de trabalharem em grupo para melhorar a aprendizagem dos alunos”¹⁹⁵.

Os professores experientes e os professores principiantes têm abordagens e necessidades de planificação diferentes, dado que:

¹⁹³ Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008⁷, 22.

¹⁹⁴ *Ibidem*, 25.

¹⁹⁵ *Ibidem*, 27.

“esta tarefa não é fácil, pois há muito para ensinar sobre cada tópico e pouco tempo para o fazer (...) Como tal, a maior parte das escolas parte do princípio de que os professores principiantes não conseguem, por si só, tomar decisões sobre os conteúdos mais importantes, mas que podem ser conduzidos por manuais e guias curriculares. Assim, as decisões sobre os conteúdos são, regra geral, tomadas por professores experientes ou especialistas em currículo”¹⁹⁶.

Assim, os docentes em início de profissão têm dificuldades em “aprenderem algumas competências de planificação importantes”¹⁹⁷, pois têm o hábito de planear diariamente, assim como, planificarem as suas aulas à semelhança da sua própria experiência como alunos. Já, os professores experientes preocupam-se mais com o estabelecimento antecipado de estruturas para condução das atividades da sala de aula e planificam previamente as adaptações necessárias, à medida que as aulas decorrem. Estes, excecionalmente consideram os objetivos de uma forma rigorosa, visto que se “centram frequentemente no conteúdo a ser ensinado e em actividades de instrução específicas”¹⁹⁸.

O Professor Arends deixa um conselho relevante: “aqueles que hoje aprendem a ensinar devem entrar nesse processo valorizando as experiências que já tiveram e reconhecendo que já sabem bastante sobre o ensino. Ao mesmo tempo, devem também aceitar que ainda têm muito que aprender”¹⁹⁹. O futuro docente deve estar em formação contínua, fazendo-se educador, construindo e reconstruindo aprendizagens, de maneira a promover uma ação pedagógica com qualidade tendo como objetivo o desenvolvimento integral da criança. Deste modo, podemos dizer que esta formação contínua leva a uma constante atualização em serviço, onde o educador/professor repensa e refaz a sua prática profissional.

Portanto, considerando que a formação dos futuros docentes é um elemento fundamental para uma educação com qualidade é preciso que eles recebam uma formação inicial adequada, para depois continuar a sua formação procurando conhecimentos que levem a uma melhoria na sua prática.

O professor de EMRC, a nível de perfil é igual a todos os outros professores, independentemente do nível de ensino ou do grupo disciplinar. No entanto, o que o faz distinguir dos outros professores?

Um professor de EMRC é muito mais do que um professor e tem como missão inspirar os seus alunos. A Conferência Episcopal Portuguesa defende que os professores de EMRC devem ter um “jeito e gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e

¹⁹⁶ Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lisboa, 1995, 62-63.

¹⁹⁷ *Ibidem*, 47.

¹⁹⁸ *Ibidem*.

¹⁹⁹ *Ibidem*, 32.

comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino”²⁰⁰.

Deve ser um adulto, tanto na fé, como no testemunho que partilha dessa fé,²⁰¹ a qual serve de sinal de orientação na sua ação enquanto professor. Como educador cristão, deve colaborar “por inerência, da missão santificadora e educativa da Igreja”²⁰². A Igreja, quando envia o professor nesta tarefa, pede-lhe que dê um testemunho cristão coerente e seguro, devendo ser “excelente pela recta doutrina, pelo testemunho cristão e pela capacidade pedagógica”²⁰³.

Contudo, o perfil do professor, de acordo com a legislação nacional, deve assentar nas dimensões profissional, social, ética, no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, na participação na escola e na relação com a comunidade educativa, no desenvolvimento e na formação profissional ao longo da vida.²⁰⁴ Posto isto, a especificidade do professor de EMRC, resume-se em três funções inseparáveis: professor, testemunha e educador, devendo ser sempre inspirador para os seus alunos.

O papel principal do professor de EMRC é de proporcionar, apesar das dificuldades que por vezes surgem na sua lecionação, aos alunos e jovens um espaço de reflexão e de partilha nas atitudes e comportamentos que estes têm e de toda a comunidade educativa.

4. Síntese

Ao debruçarmo-nos, no presente capítulo, verificámos que, tanto a religiosidade e a espiritualidade se alicerçam na abertura ao sagrado. A partir do mesmo, conseguimos, melhor compreender a espiritualidade dos jovens, bem como as motivações que os fazem seguir em direção às Jornadas Mundiais da Juventude e aos diferentes locais de culto divino.

Cada vez mais, em virtude da pluralidade e multiplicidade de crenças que caracterizam atualmente as culturas juvenis, há necessidade de fazer com que os jovens vão ao encontro de Cristo. Somente Ele é o Pão da Vida, e por isso mesmo deveremos reconhecê-LO nos diversos lugares e nos outros Irmãos, partilhando experiências positivas em Cristo e conseqüentemente fazendo novas aprendizagens. Também a escola, se deverá enquadrar nesses lugares, devendo ser um lugar privilegiado para partilha e aquisição de novos conhecimentos.

²⁰⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa ...*, *op. cit.*, n. 5.

²⁰¹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação direito e dever missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2002, n. 5.

²⁰² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a Escola em ...*, *op. cit.*, n. 20.

²⁰³ CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1993⁴, Cânone 804, 2.

²⁰⁴ Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho nº 16034/ 2010, de 22 de Outubro de 2010 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2ª série nº206, 22 de Outubro de 2010.

A escola deverá articular com a família, traçando os objetivos da intervenção, os procedimentos e as estratégias a adotar, e fazendo com que o nível de participação das famílias possa inscrever-se numa política educativa de escola ou agrupamento, onde todos os atores se sintam valorizados e possam intervir na construção de uma escola melhor. Deverá existir uma partilha de responsabilidades que se fundamente no pressuposto de que a escola, a família e a comunidade têm uma responsabilidade sobreposta e partilhada no que respeita ao desenvolvimento integral, educativo e social, das crianças e jovens.

Não obstante, as fragilidades de que se reveste a relação escola-família, é passível de se constituir uma relação entre ambas, que se torne potenciadora e promotora de uma verdadeira escola, onde todos se sintam acolhidos e sejam respeitadas as diferenças.

Desta forma, se as barreiras ao envolvimento parental são uma realidade, também temos consciência que o professor de EMRC poderá desempenhar aqui um papel preponderante, com vista a tornar o diálogo e cooperação, entre os diversos atores e instituições, possível.

CAPÍTULO III – A UNIDADE LETIVA “A PARTILHA DO PÃO”. DISPOSITIVO PEDAGÓGICO E DIDÁTICO

Neste terceiro capítulo e último, iremos debruçar-nos, no âmbito da Prática do Ensino Supervisionada (PES), sobre a contextualização do local de estágio, fazendo uma breve descrição do Agrupamento de Escolas de Mundão e a caracterização da turma onde foi feita a lecionação.

Posteriormente, será apresentada a planificação e a lecionação da unidade letiva “A Partilha do Pão”, justificando as opções metodológicas adotadas, seguida de uma avaliação da referida unidade.

1. Caracterização do contexto escolar

Neste ponto, pretendemos começar por uma breve descrição do local de estágio, Agrupamento de Escolas de Mundão, e pela caracterização da turma de estágio, sendo esta lecionada na turma C do sexto ano de escolaridade, levada a cabo com a Prática do Ensino Supervisionada (PES) concretizada.

1.1. Descrição do agrupamento

O núcleo da Prática de Ensino Supervisionada teve lugar na escola básica dos 2º e 3º ciclos de Mundão, sendo a sede de Agrupamento que existe desde 1995, estando situada a 8 Km de Viseu. É uma C.18, que se encontra preparada apenas para dezoito turmas. Esta rege-se pelo Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho. Integra o programa de intervenção designado por “Territórios Educativos de Intervenção Prioritária” (TEIP), desde o ano letivo de 2009-2010, considerando “esta continuidade e integração no TEIP 3/ Contrato de Autonomia, como uma oportunidade muito importante, para desenvolver ferramentas e estratégias consideradas necessárias para enfrentar o conjunto de problemas socioeducativos, bem como económicos com que este Agrupamento/território se debate”²⁰⁵.

A escola sede, como já foi mencionado, é um edifício onde funciona o 2º e 3º ciclo do ensino básico, da qual dependem quatro escolas básicas com educação pré escolar/1º ciclo, três escolas do 1º ciclo e dois jardins de infância.

²⁰⁵ AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MUNDÃO, *Projeto Educativo*, Documento disponível online no site do Agrupamento de Escolas de Mundão, em <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=YWVtdW5kYW8ubmV0fGVzY29sYXxneDo0Njk4Mjc3YjQyYmRiMmUy>, a 30 de março 2016, 3.

O Agrupamento de Escolas abrange alunos de cinco freguesias, incluindo a freguesia de Mundão, por serem as mais povoadas e é de salientar que, também é frequentada por alunos provindos de Viseu e dos Concelhos do Sátão e Aguiar da Beira.

Estas freguesias são caracterizadas por um ambiente tipicamente rural.

O lema do Projeto Educativo do Agrupamento é “Trabalho, Empenho, Inclusão e Progresso”. Segundo Jorge Costa, o Projeto Educativo é um “documento pedagógico que, elaborado com a participação da comunidade educativa, estabelece a identidade própria de cada escola através da adequação do quadro legal em vigor à sua situação concreta, apresenta o modelo geral de organização e os objetivos pretendidos”²⁰⁶.

Este tem como objetivos principais:

“encorajar os alunos a aprender aquilo que se considera indispensável para o seu desenvolvimento cognitivo e social. preparando-os para, mais tarde, enfrentarem a vida adulta com mais capacidades, maior autonomia e, concomitantemente, menos dificuldades. Pretende-se uma escola inclusiva, que dê resposta à diversidade, garantindo a todos as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal, que permita a cada um descobrir os seus talentos, capacidades e promova a solidariedade e a cooperação. Almeja-se uma escola atenta aos problemas atuais das crianças, jovens e adolescentes. Uma escola aberta a todos, que assuma as suas responsabilidades nos sucessos e nos fracassos, que saiba refletir criticamente sobre o trabalho realizado aos diferentes níveis, para que, em consciência, consiga procurar novos caminhos e progredir de forma gradual e segura.

Como escola integrada no Projeto TEIP, detém responsabilidades específicas e metas de aprendizagem e comportamentais definidas que se pretendem alcançar, cumprindo o plano de melhoria traçado”²⁰⁷.

Os níveis de escolaridade dos pais e encarregados de educação têm uma maior percentagem no terceiro ciclo e quanto à caracterização socioprofissional evidenciam-se mais os setores secundário e terciário.

A participação dos pais na vida da escola é referida como uma mais-valia para o sucesso dos alunos e como tal, tem implicações em todos os atores educativos. “Para tornar esta participação mais eficiente e real, existe uma Associação de Pais e Encarregados de Educação de todo o Agrupamento a qual é constituída, nos termos da lei, pelos seguintes órgãos: Assembleia-geral, Direção e Conselho Fiscal. Esta tem representação no Conselho Geral do Agrupamento e no Conselho Pedagógico, sempre que convocado”²⁰⁸.

²⁰⁶ Jorge COSTA, *Gestão Escolar: Participação, Autonomia, Projeto Educativo da Escola*, Texto, Lisboa, 1991, 10.

²⁰⁷ AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MUNDÃO, *Projeto Educativo*, ..., *op. cit.*, 15-16.

²⁰⁸ *Ibidem*, 9.

Desta maneira, os pais veem reforçado o direito a estarem presentes e a tomar parte ativa na vida da escola, pois a importância da presença da família na escola é reconhecida. “Os pais e encarregados de educação têm também representação nos Conselhos de Turma/ Conselho de docentes (reuniões de avaliação intercalar) e participam em festas, ações de formação/informação e outras atividades culturais que a Escola proporcione”²⁰⁹. A escola sede do Agrupamento, bem como as restantes escolas que dele dependem, preveem, aumentar o número de contactos voluntários entre os pais e\ou encarregados de educação e a escola em 2% e enfatizar a colaboração dos pais nas tomadas de decisão do percurso dos alunos. Cabe à Escola assumir um papel mais amplo na educação dos alunos e, não menos importante, manter uma boa relação com a família, porque daí advém, muitas vezes, o êxito escolar dos alunos.

No agrupamento, a disciplina de EMRC, está verdadeiramente enraizada e tem um lugar evidentemente decidido no seio deste agrupamento de escolas, uma vez que possui um grupo disciplinar docente de dois professores. Neste aspeto, tendo em conta os princípios descritos no Projeto Educativo verifica-se que existe uma grande sintonia com a identidade de EMRC, a qual se adequa aos objetivos específicos desta escola.

Num universo de 473 alunos do agrupamento, encontram-se inscritos 81% na disciplina de EMRC, no ensino básico. No 6º ano, que perfazem o total de 71 alunos, estão inscritos à disciplina 90%.

Quanto à percentagem de sucesso interno, na Avaliação Interna, pretende-se atingir 95% de sucesso na disciplina de EMRC no 2º e 3º ciclos, como é referido no Projeto Educativo²¹⁰.

Nesta perspetiva, consideramos que é uma escola onde nos sentimos em segurança. Há a tentativa de construir um ambiente acolhedor, desde a portaria, ao ambiente decorado com trabalhos realizados pelos alunos. A grande maioria do corpo docente conhece muito bem a escola porque leciona aí há vários anos. Neste sentido, respira-se uma certa estabilidade.

Na sala de professores existe um ambiente descontraído, entre docentes que trocam impressões sobre as turmas e os alunos, como professores que encontram aí um ambiente de descontração e recuperação de energias para a aula seguinte. Verifica-se um esforço de integrar todos os professores o mais possível, uma vez que há iniciativas extracurriculares que promovem esse envolvimento.

²⁰⁹ *Ibidem*.

²¹⁰ Cf. *Ibidem*, 21.

1.2. Caracterização da turma

A PES decorreu, conforme já referido, na turma C do 6.º ano de escolaridade, na Escola Básica 2, 3 de Mundão, do Agrupamento de Escolas de Mundão. Para realizar a caracterização da turma, recorri a informações facultadas pelo diretor de turma, através do professor cooperante, dado já ser professor destes discentes desde o 2.º ano, e ainda à observação atenta que se foi fazendo ao longo do processo de ensino/aprendizagem.

Esta turma é constituída por 18 alunos (10 rapazes e 8 raparigas). No entanto, só frequentam 17 alunos, dado um aluno ter sido transferido para uma escola da Suíça. Têm idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos.

Na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica do total de alunos que constituem a turma, apenas um não se encontra inscrito.

Os alunos pertencem a famílias de nível socioeconómico médio, com profissões e habilitações literárias bastante distintas.

Em relação às expectativas referentes à profissão que os alunos gostariam de ter, estas são muito diversificadas, demonstrando uma autoestima média/alta.

Ao nível do percurso escolar, existem cinco alunos com retenções. Há um aluno que está referenciado com Necessidades Educativas Especiais e portanto, integrado no decreto-lei 3/2008.

No âmbito da PES, face ao acolhimento que o núcleo de estágio teve, apesar de em contexto de sala de aula, ter-se limitado a seis aulas de quarenta e cinco minutos considera-se que, na sua generalidade é um grupo assíduo e pontual, à exceção de três elementos. Revelam uma postura positiva, apesar de serem alunos que apresentam ritmos de trabalho diferentes, dado uns concluírem mais rápido os trabalhos, comparativamente a outros, necessitando de mais tempo para o fazerem, dando-se mais ênfase à diferenciação pedagógica. Demonstram interesse na realização das atividades propostas, tal como o gosto em explorar, como se pôde verificar na atividade do caça ao tesouro, realizada na segunda aula da unidade letiva.

Este grupo tem a peculiaridade de manifestar uma maior concentração e motivação aquando da utilização de recursos mais atrativos promovendo, de uma forma geral, o debate e a troca de ideias. No entanto, ao nível de comportamento, alguns têm dificuldade em cumprir regras, quer dentro, quer fora da sala de aula. São alunos ativos, dinâmicos e empenhados, são comunicativos, mas por vezes, não participam e nem colaboram de uma forma organizada e ordeira, o que dificulta o trabalho do professor para manter a ordem dentro da sala de aula.

Durante a Prática Supervisionada tentou-se manter sempre um bom ambiente de trabalho, respondendo sempre que possível às necessidades dos alunos com um nível de disciplina e ordem favoráveis para o bom funcionamento das aulas.

Nas relações estabelecidas entre os alunos, que foram observadas, tanto na leção, como no recinto escolar, constata-se que, de uma forma geral, o grupo manifesta interajuda, responsabilidade e espírito de solidariedade, apesar de se notar e verificar, por vezes, alguns conflitos de pares.

2. Planificação e leção da Unidade Letiva “A partilha do pão” do 6.º ano de escolaridade

Após a reflexão sobre os conteúdos abordados anteriormente, apresentaremos, em seguida, a planificação, tal como a leção da Unidade Letiva 3 “A partilha do pão”. Esta é uma das três unidades letivas que integra o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica do 2.º Ciclo do Ensino Básico - “Estou contente”²¹¹. Será lecionada, como já foi mencionado, na turma C do sexto ano de escolaridade, do Agrupamento de Escolas de Mundão.

2.1. A planificação e a sua contextualização

O pedagogo Fernando Savater diz que “o processo de ensino nunca é uma pura transmissão de conhecimentos objectivos ou de destrezas práticas, mas é sempre acompanhado de um ideal de vida e de um projecto de sociedade”²¹².

Planificar é um processo que está orientado para a ação, pré-ativo, onde se pensa a prática antes de a realizar, no qual estão refletidas as decisões do planificador. Portanto, “a organização racional de uma actividade educativa, como do resto de qualquer actividade, requer necessariamente uma planificação”²¹³.

Desta forma, etimologicamente, planificar provém do latim, *planum facere*, que significa tornar evidente, apresentar mais claro²¹⁴. O conceito de planificação didáctica foi evoluindo ao longo dos tempos, uma vez que no ensino também é preciso saber o que pretendemos enquanto educadores, no qual se propõe “uma construção de comportamentos”²¹⁵ na pessoa, para onde devem caminhar os alunos, como os devemos

²¹¹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014.

²¹² Fernando SAVATER, *O valor de Educar*, Editorial Presença, Lisboa, 1997, 102.

²¹³ Guido GIUGNI, *Il corpo e il movimento nel processo educativo della persona*, Torino: Società editrice internazionale, Scuola Viva, 1991, 167.

²¹⁴ Cf. Lino SILVA, *Planificação e metodologia: O sucesso escolar em debate*, Porto Editora, Porto, 1983.

²¹⁵ Marcel POSTIC, *A relação pedagógica*, Coleção Psicopedagogia, Coimbra Editora Limitada, Coimbra, 1990, 10.

conduzir em determinado sentido. Sem estas indicações a nossa prática poderá falhar e o nosso objetivo não ser cumprido. Assim, poderemos comparar a planificação a uma casa no qual terá que ter toda uma estrutura para chegarmos a um produto final. Como nos diz o pedagogo Fernando Savater “o processo de ensino nunca é uma pura transmissão de conhecimentos objectivos ou de destrezas práticas, mas é sempre acompanhado de um ideal de vida e de um projecto de sociedade”²¹⁶.

No âmbito da conceção de planificação, o espanhol Miguel Zabalza menciona que a planificação didáctica poderá ser entendida como “uma previsão do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e de, alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo”²¹⁷. Segundo esta perspectiva, uma boa planificação envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino adequados, a criação de interesses nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo.

Os professores experientes e os professores principiantes têm abordagens e necessidades de planificação diferentes, dado que como demonstra o Professor Richard Arends:

“esta tarefa não é fácil, pois há muito para ensinar sobre cada tópico e pouco tempo para o fazer (...) Como tal, a maior parte das escolas parte do princípio de que os professores principiantes não conseguem, por si só, tomar decisões sobre os conteúdos mais importantes, mas que podem ser conduzidos por manuais e guias curriculares. Assim, as decisões sobre os conteúdos são, regra geral, tomadas por professores experientes ou especialistas em currículo”²¹⁸.

Assim, os docentes em início de profissão têm dificuldades em “aprenderem algumas competências de planificação importantes”²¹⁹, pois têm o hábito de planear diariamente, assim como, planificarem as suas aulas à semelhança da sua própria experiência como alunos. Já, os professores experientes preocupam-se mais com o estabelecimento antecipado de estruturas para condução das actividades da sala de aula e planificam previamente as adaptações necessárias, à medida que as aulas decorrem. Estes, excepcionalmente consideram os objetivos de uma forma rigorosa, visto que se “centram frequentemente no conteúdo a ser ensinado e em actividades de instrução específicas”²²⁰.

²¹⁶ Fernando SAVATER, *O valor de Educar ...*, op. cit., 102.

²¹⁷ Miguel ZABALZA, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições ASA, Porto, 1994, 48.

²¹⁸ Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lisboa, 1995, 62-63.

²¹⁹ *Ibidem*, 47.

²²⁰ *Ibidem*.

A planificação e tomada de decisão do professor é uma das competências do professor em que a investigação constitui um auxiliar para o professor em início de carreira onde aprende algo sobre os processos mentais não visíveis do professor mais experiente.

No entanto, a planificação docente inclui vários tipos de planificação que variam de acordo com os diferentes momentos do processo de ensino-aprendizagem. Cada um destes instrumentos de planificação apresenta objetivos, nível de detalhe e formatos distintos. Assim, é essencial que os docentes procurem uma articulação e interdependência entre os diversos planos, criando uma maior consistência no processo ensino-aprendizagem.

Desta forma, iremos debruçar-nos sobre a planificação a curto prazo que define os planos para cada aula sobre a mesma unidade. Esta unidade letiva será lecionada em seis aulas conforme se poderá verificar pelos planos de aula que se encontram neste capítulo, no ponto 2.2. Este esquema, sob a forma de tabela com sete colunas, contém os diversos elementos estruturantes: metas de aprendizagem, os objetivos a atingir, os conteúdos a desenvolver, as estratégias de ensino, os recursos, o tempo e a avaliação formativa dos alunos da turma. O esquema da planificação também contém um espaço para registo do sumário.

Apoiando-nos no programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, que foi reorganizado em 2014, este tem como “finalidade a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa”²²¹. Desta forma, apresenta onze finalidades:

“apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; adquirir uma visão cristã da vida; entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; apreender o fundamento religioso da moral cristã; conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”²²².

Para além das finalidades da disciplina, “o desenvolvimento do ensino será orientado por Metas Curriculares nas quais são definidos, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade ou

²²¹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação ...*, op. cit., 5.

²²² *Ibidem*.

ciclos e nos conteúdos dos respetivos programas curriculares”²²³. Assim, para as metas foram definidos os seguintes domínios de aprendizagem: “Religião e Experiência Religiosa; Cultura cristã e visão cristã da vida; Ética e moral”²²⁴.

A unidade letiva “A partilha do pão”, no que concerne aos conteúdos, bem como às metas e objetivos a alcançar, será lecionada num total de seis tempos letivos de quarenta e cinco minutos. A lecionação da mesma decorre às terças-feiras, das 11h55m às 12h40m, no fim do 2.º e início do 3.º períodos, do ano letivo 2015/2016. Estes conteúdos foram organizados de forma clara, de modo a serem apreendidos mais facilmente pelos alunos.

Quanto aos recursos e metodologias pedagógico-didáticas utilizadas, estas são de uma grande diversidade, uma vez que se deve proporcionar um maior enriquecimento e desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem. Esta unidade letiva divide-se em três grandes temas:

1. A alimentação e o seu significado simbólico-religioso;
2. A fome e a injusta desigualdade alimentar;
3. A partilha de bens, reconhecendo o outro como irmão.

A partir destes três temas, nos quais assenta toda a planificação e concretização da lecionação desta unidade letiva, foi feita uma seleção dos conteúdos a desenvolver que permitisse alcançar os objetivos propostos.

Nas duas primeiras aulas, dá-se especial importância ao pão como alimento essencial à vida da pessoa humana, reforçando o significado simbólico-religioso dos alimentos. Na terceira aula refere-se a importância do comércio justo, o qual, apesar da produção de bens ser suficiente para todos os seres humanos, continua a existir a fome e a pobreza no mundo que será lecionada na quarta aula.

Para combater esta injustiça do desequilíbrio alimentar e da existência de pessoas com fome, nas últimas aulas programadas procura-se aprender como se pode partilhar reconhecendo os outros como irmãos.

2.2. A lecionação das aulas

Nesta segunda parte do capítulo iremos descrever o itinerário prévio à lecionação, ou seja, a planificação da unidade letiva implementada na Prática de Ensino Supervisionada, tendo em conta as estratégias, metas e objetivos a alcançar.

²²³ *Ibidem*, 6.

²²⁴ *Ibidem*, 8.

Em seguida, serão apresentados os planos de aula, bem como a avaliação formativa e sistematização das aprendizagens desenvolvidas e adquiridas.

2.2.1. Aula 1 - A importância da alimentação no nosso dia-a-dia e na perspectiva cultural

A primeira aula da unidade letiva em como sumário: “Introdução à unidade letiva ‘A partilha do pão’. A importância da alimentação no nosso dia a dia e na perspectiva cultural”.

As metas de aprendizagem a alcançar pretendem amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, no domínio da ética e moral. Os objetivos a atingir são os seguintes: reconhecer a importância da dimensão simbólica da alimentação e da refeição; reconhecer a alimentação como elemento importante na expressão cultural e compreender a importância da reprodução nas sementes.

Os primeiros momentos da aula destinam-se ao acolhimento dos alunos, à apresentação da professora, seguida da projeção do sumário e ao registo do mesmo nos cadernos diários.

Esta aula tem, principalmente, uma função introdutória ao tema em estudo. Desta forma, partindo de situações concretas da realidade quotidiana dos alunos e criando uma participação ativa dos mesmos, apresento, em primeiro lugar, a importância da alimentação no nosso dia a dia, que surge como necessidade biológica, uma vez que é indispensável ao ser humano e à sua sobrevivência. Em segundo lugar é apresentada como lugar de confraternização/encontro, entre as pessoas que partilham as mesmas refeições, pois os laços humanos reforçam-se com a participação à mesma mesa. É um lugar onde se partilham experiências do dia a dia, as dúvidas, onde se dão conselhos e repreensões.

Depois com recurso a uma projeção em PowerPoint, faço uma breve alusão à importância da roda dos alimentos, temática relacionada com a disciplina de Ciências Naturais, fazendo interdisciplinaridade, enriquecendo, desta forma, o processo ensino-aprendizagem do aluno. Assim, menciono que deve ser variada e diversificada, destacando principalmente o grupo dos cereais e derivados e tubérculos.

Ainda neste âmbito, refiro a importância da alimentação na identidade cultural, explicando que as diferentes comunidades humanas começaram a transformar os alimentos. Os nossos hábitos alimentares são a expressão de um património cultural antigo, resultado da acumulação de diferentes culturas. Introduziram-se novos alimentos, condimentos e formas de os preparar, trazidos de vários países.

Em seguida, recorrendo ao mesmo programa do PowerPoint, exponho alguns pratos típicos de Portugal, tais como: cozido à portuguesa, caldo verde, feijoada, leitão, bacalhau à

Brás e o famoso pastel de natas, para que os alunos tenham consciência que dependendo da região que se viva, assim os pratos são diferentes.

Reforçando que alguns dos pratos são preparados com pão, apresento em PowerPoint, diapositivos sobre o ciclo do pão, realçando a sua importância. Desta forma, os alunos iniciam uma visita de estudo, sem saírem do lugar, a um Museu do Pão. É certo que neste âmbito, justificava-se a realização de uma visita de estudo ao Museu do Pão, sendo o mais próximo da nossa localidade, o de Seia, mas como a distância e os constrangimentos em termos de tempo são poucos, não será possível concretizar-se.

Após a sua visualização, é feito um pequeno diálogo sobre o mesmo, perguntando se têm algum conhecimento do moinho, ou se já viram algum e os materiais necessários para o processo do pão.

Dado que alguns alunos não têm contacto com a agricultura, e nem têm conhecimento dos diferentes tipos de grãos existentes: centeio, trigo, milho, sendo estes os mais utilizados para o fabrico do pão, decidi que deveriam ser apresentados, tal como a farinha, fermento e os vários tipos de pão existente na gastronomia portuguesa, salientando o pão de trigo, de centeio e de milho. Farei passar estes ingredientes, tal como os pães por todos os alunos estando atenta às conclusões resultantes da atividade.

Posteriormente, recapitulo o procedimento do pão, tal como foi visualizado no PowerPoint que, dos grãos surge a farinha que é moída, e depois na padaria, juntamente com o fermento e água é amassado e cozido o pão. O objetivo é que os alunos percebam que existem diferentes tipos de pão, e é necessário valorizar quem os prepara e confeciona. Se ainda houver tempo no final da aula, o pão será partilhado por todos os elementos da turma.

Depois, para que os alunos possam presenciar o crescimento dos grãos, e tenham contacto com a terra, entrego a cada aluno, 2 grãos para semear em copos de iogurte reutilizáveis, na sala de aula. Com esta atividade, pretendo que os alunos acompanhem o processo de crescimento e desenvolvimento dos grãos ao longo das seis aulas letivas. De forma a dar continuidade à unidade letiva anterior: “A Pessoa Humana”, também a semente terá que ser tratada e cuidada para que esta cresça, se desenvolva e dê fruto.

Considerarei pertinente colocar esta atividade no final da aula tendo como objetivo servir de motivação aos alunos e sendo uma forma de descompressão depois da apropriação dos conteúdos planificados para esta aula.

Para concluir a aula, reforço que a produção dos alimentos é necessária para o nosso dia a dia e valorizo também o trabalho que é dispensado para a preparação das refeições.

No fim, alerto que a próxima aula será no recreio da escola, junto ao pavilhão gimnodesportivo, para o qual se terão de dirigir. Para além disso, relembro que no dia

seguinte, dia 18 de março, será realizada a atividade tendo como lema: “Páscoa na Escola” ao qual devem comparecer e participar.

Para efeitos de avaliação, será tida em conta a assiduidade e pontualidade, cumprimento das regras na sala de aula, participação ativa e organizada, atenção e concentração, respeito pelos outros, participação organizada, cumprimento das tarefas propostas e capacidade de síntese.

2.2.2. Aula 2 - O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição

A segunda aula da unidade letiva tem como sumário: “Realização de um caça ao tesouro sobre o significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.”

O papel dos jogos na educação é de grande importância, visto que através do jogo o aluno adquire competências e ao mesmo tempo desenvolve-se a nível social, cognitivo, afetivo e motor. Utilizar jogos em contexto escolar pode criar um ambiente atraente e prazeroso e ao mesmo tempo promover a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Deste modo, com o objetivo de os alunos descobrirem novos sentidos e valores que os façam crescer em humanidade, vivendo a alegria e beleza do encontro e da partilha, lembrei-me de realizar um jogo denominado “Caça ao Tesouro”. Esta atividade implica muita reflexão e preparação para se conseguir obter um jogo perfeitamente equilibrado.

No entanto, para que os jogos sejam considerados ferramentas eficazes para o ensino-aprendizagem é preciso uma planificação organizada, contendo objetivos e metas bem delineadas para que o jogo não passe a uma atividade perdida e sem fundamentos.

Assim, as metas de aprendizagem a alcançar pretendem conhecer a mensagem e cultura bíblicas e descobrir a simbólica cristã, no domínio da cultura cristã e visão cristã da vida. Os objetivos a atingir são os seguintes: Compreender o significado simbólico-religioso na cultura judaico-cristã da alimentação; compreender o significado simbólico do pão, azeite, vinho, água, cordeiro e Última Ceia; reconhecer, na Última Ceia, o seu significado essencial para a mensagem cristã; saber trabalhar em grupo e saber partilhar.

Para começar a aula, os alunos são encaminhados para o recreio da escola, dado já terem sido avisados na aula anterior. Depois faço uma breve abordagem à maneira como decorreram as férias da Páscoa, valorizando o facto de alguns alunos terem participado, com empenho na Celebração Eucarística da escola, no último dia de aulas do 2.º período.

Desta forma, para dar continuidade à temática, menciono que, como se viu na aula anterior, o alimento é essencial à vida e de acordo com a Bíblia os alimentos são uma dádiva de Deus e a refeição é um espaço de relação entre pessoas e de ação de graças.

Para que os alunos compreendam melhor este tema referente ao significado de cada símbolo religioso do alimento e da refeição, explico que o objetivo da aula é descobrirem os seis símbolos e a sua importância.

Para isso, divido a turma em 4 grupos e escolho 4 alunos, onde cada um terá que selecionar outros três para formarem os grupos, havendo um que ficará com cinco elementos, sendo-lhes atribuída uma cor que os identificará. Reforço que todos os alunos devem usar a tira da fita de seda da cor escolhida, no braço, durante o jogo. Cada grupo, em seguida, indica uma pessoa para ser o líder, no qual será o guardião do mapa.

No fim de ter explicado as regras do jogo, entrego o mapa do tesouro a cada grupo, onde o ponto de partida do jogo é, sem dúvida, o mapa, no qual estará desenhado o plano do local onde irá ter lugar o jogo, e o trajeto a percorrer, sendo este diferente para cada um.

Informo que em cada local estão escondidos envelopes, identificados com a cor correspondente ao grupo e que só poderá pegar no envelope da cor do seu grupo, sendo penalizado, caso não o faça.

Assim, encontrada a primeira pista que conterá um texto e um enigma, os participantes depois de a decifram, irão em busca da próxima, e assim sucessivamente, até à última etapa que será o local do tesouro. Todas as atividades realizadas dos envelopes terão que ser entregues à professora no fim do jogo.

O vencedor será o grupo que encontrar o tesouro e o prémio será o conteúdo do próprio tesouro. No entanto, como todos são vencedores e gostam de partilhar, serão distribuídos os ovos de chocolate por todos os elementos participantes.

Desta maneira, este mapa é constituído por sete locais.

No primeiro local, os alunos terão que descobrir o envelope que contém um pequeno texto relativamente ao significado simbólico do pão, uma vez que está associado ao alimento essencial, constituindo um elemento preponderante na cultura bíblica. É um dos elementos visíveis da relação: de Deus com os seres humanos, como dádiva divina; entre as pessoas e Deus, como forma de agradecimento; entre os próprios seres humanos, que, em torno da refeição, criam e reforçam as relações interpessoais. Segue-se de uma atividade com palavras recortadas para construir a frase com sentido: “O pão nosso de cada dia”.

O envelope do segundo local tem uma adivinha referente ao símbolo do azeite. “Sou sinal de bênção divina (missão importante e sacramentos). Simbolizo a alegria, fraternidade, riqueza e abundância. Tenho como fim curar, temperar e iluminar. Quem sou eu?”

No terceiro local encontra-se o envelope numa videira onde terão que ler um texto relativo ao símbolo do vinho e, em seguida, completar a frase: “Seguindo o exemplo de Cristo, a Igreja utilizou sempre o pão e o vinho com água para celebrar a Ceia do Senhor”.

O envelope do quarto local contém um texto sobre o símbolo da água e depois terão que descodificar a frase, “Jesus, a água viva”.

Seguidamente, dando continuidade ao percurso, os alunos terão que ler o texto sobre os diferentes símbolos da Páscoa, com especial realce ao símbolo do cordeiro, que se encontra no quinto local. A atividade a desenvolver é um desenho sobre os mesmos símbolos no qual terão que pintar apenas o cordeiro.

No sexto local, o texto é sobre a Última Ceia e tem como atividade dar um abraço a todos os elementos do grupo, uma vez que Jesus encontra-se em cada um de nós, em cada pessoa.

Para finalizar este jogo, os alunos terão que encontrar o sétimo local, onde se encontra escondido o tesouro, contendo um ovo de chocolate para cada elemento. Apesar de ter uma equipa vencedora, o resultado não é o mais importante, mas, sim, o processo da vivência do próprio jogo.

De modo a concluir a aula, a professora convida os alunos a sentarem-se em roda, onde terão que comentar e partilhar o que sentiram durante a procura do tesouro e o que aprenderam com o jogo.

Nesta aula para a realização da avaliação, será tida em conta a assiduidade e pontualidade, o cumprimento das regras no recreio da escola, a atenção, a participação ativa e organizada no jogo, valorizando o respeito pelos outros, a responsabilidade e o empenho, tal como a curiosidade e o seu envolvimento.

2.2.3. Aula 3 - O comércio justo

O terceiro tempo letivo da unidade lecionada tem como sumário: O significado de comércio justo. Jogo: “ O meu desejo”.

As metas de aprendizagem a alcançar pretendem amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, no domínio da ética e moral. Os objetivos a atingir são os seguintes: reconhecer situações sociais nos quais esteja patente a injusta na distribuição dos bens e refletir sobre as noções de desejo, necessidade essencial, importante ou excessiva.

Os primeiros momentos da aula destinam-se ao acolhimento dos alunos, seguida do registo dos sumários no quadro e dos mesmos no caderno diário por dois alunos, dado na aula anterior não se ter escrito, uma vez que esta foi realizada no recreio da escola. De seguida, a professora verifica se todos os alunos têm o material necessário à aula.

Do acolhimento consta a interpelação dos alunos sobre o que foi tratado na aula anterior (símbolos bíblicos do alimento e da refeição) e, em ligação, fazer referência à primeira aula sobre a experiência que fizeram acerca dos grãos, no qual, os alunos observam o processo de crescimento e desenvolvimento dos mesmos.

Seguidamente, no desenvolvimento da aula, com recurso a uma projeção em PowerPoint, começo por apresentar o significado de comércio que é a troca de bens e serviços. Como todos nós precisamos de comprar alimentos, medicamentos, calçado e vestuário, o comércio tem contribuído para o desenvolvimento de muitos países e do mundo. Assim, podemos contribuir para um mundo melhor comprando e ensinando os nossos familiares a comprar com responsabilidade. É desta maneira, que chego à definição de comércio justo: “É uma forma de garantir que os produtores recebem uma quantia monetária justa pelo seu trabalho e pelo seu produto, impedindo de agir com injustiça social.”

Após esta apresentação, na tentativa de a tornar mais dinâmica e manter a atenção dos alunos direcionada para o tema da aula, será feito um jogo intitulado: “O meu desejo”. Para isso, peço a um aluno que distribua a cada participante um pequeno papel. Cada um escreve no seu papel o desejo ou tentação (de compra) à qual não consegue resistir.

Depois cada aluno é solicitado a partilhar o desejo com a turma.

A participação ativa dos alunos será sempre uma preocupação na concretização desta proposta de planificação. Dando seguimento à mesma, e realçando esta perspetiva dialogante, constituem-se pares, onde um dos grupos terá 3 alunos e, para que não se gere agitação na sala de aula, ficarão com o colega da mesa. Assim, afixo no quadro as perguntas seguintes, no qual serão desafiados a responder, justificando as suas respostas:

- Será que todos os desejos são necessidades?
- Todas as pessoas têm as mesmas necessidades?
- Como se podem distinguir as necessidades importantes das excessivas?

Nesta atividade deseja-se que os alunos desenvolvam os seguintes conteúdos: os desejos como necessidade; as necessidades importantes são diferentes das excessivas; o consumo como uma necessidade emocional não satisfeita; a influência da sociedade na forma como vê as necessidades.

Depois, cada par é convidado a partilhar as suas reflexões pessoais apresentando-as aos restantes participantes, de modo a que os leve a intervir de forma personalizada e numa abordagem crítica, incorporando ideias e conceitos acerca dos desejos e necessidades no nosso dia a dia. No final, destacam-se as principais conclusões com todos os alunos.

Para concluir a aula, permito que os alunos façam uma síntese dos conteúdos, questionando-os sobre o que aprenderam com a aula, como a resumiam, o que consideraram

mais significativo, etc. Assim, é necessário que reconheçam e percebam que às vezes consumimos para responder a uma necessidade emocional não satisfeita, consciente ou inconsciente. A sociedade influencia a forma como vemos as necessidades, nossas e dos outros. O consumo é muito desigual a nível mundial, como também no interior de cada país ou região, pois um número crescente de pessoas não consome o suficiente para satisfazer as suas necessidades básicas, sendo justamente nisso que se centra a aula seguinte.

Mais uma vez, serão tidos em conta como elementos de avaliação a assiduidade e pontualidade, o cumprimento das regras dentro da sala de aula, a atenção, a participação ativa e organizada no jogo, valorizando as intervenções positivas e fundamentadas e o respeito pelos outros. Será dado especial realce à responsabilidade e ao empenho nas atividades propostas, tal como a curiosidade e o seu envolvimento.

2.2.4. Aula 4 - A fome e a distribuição injusta dos bens. As instituições vocacionadas para a eliminação da fome.

Após a planificação da terceira aula, e já interiorizada a importância da alimentação para o ser humano, tal como os símbolos religiosos do alimento e refeição e apesar da produção de bens ser suficiente para todos os seres humanos, ainda existe muita fome e pobreza no mundo. Desta forma, considere conveniente destacar a fome e a injusta distribuição de bens sendo estas injustiças sociais, combatidas através de instituições nacionais e internacionais.

A planificação desta quarta aula tem como meta de aprendizagem amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, no domínio da ética e moral, tal como na terceira aula.

Os conteúdos foram organizados tendo em conta a fome e a subnutrição, um direito de todos, a pobreza e a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade, a falta e o desperdício de comida, instituições nacionais e internacionais vocacionadas para o combate à fome tais como: Cáritas, Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e Banco Alimentar Contra a Fome.

A planificação e a sua execução têm como objetivos, reconhecer situações sociais nos quais esteja patente a injusta na distribuição dos bens e identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome.

Esta aula da unidade letiva tem como sumário: “A fome e a distribuição injusta dos bens. As instituições vocacionadas para a eliminação da fome.”

Em seguida, acolho os alunos amistosamente verificando se todos têm o material necessário à aula. Será solicitado um aluno para escrever o sumário no quadro, registrando, os restantes colegas o mesmo no caderno diário.

Depois, convido os alunos a refletirem sobre os conteúdos abordados na aula anterior, que servirá de contextualização e ponto de partida para a temática sumariada, nomeadamente acerca do comércio justo, necessidades e desejos de cada pessoa.

Dando seguimento às aulas anteriores, pretende-se que os alunos continuem a observar o processo de crescimento e desenvolvimento dos grãos que semearam na primeira aula.

Em seguida, uma vez que na unidade letiva “A pessoa humana” a professora abordou e explicou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, julguei conveniente fazer referência ao Artigo 25º: “Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários”.

Parto deste artigo, de modo a explicar que aquilo que deveria ser um direito de todos, nem sempre o é motivado por diferentes fatores, sendo a fome um dos maiores flagelos da humanidade. De maneira a alertar os alunos para a situação real da existente em todo o mundo, apresento um vídeo sobre “O Dia Mundial da Alimentação” celebrado a 16 de outubro, que pretende consciencializar a opinião das pessoas sobre as questões da fome e o desperdício de comida.

Após a visualização, os alunos são solicitados a partilharem a sua opinião, através de um breve diálogo, dado que a fome nos nossos dias tem causado milhões de mortes e em todo o mundo passam fome ou estão subnutridas. A escolha deste recurso enriquece a reflexão sobre o tema abordado.

Assim, cerca de um terço dos alimentos que são produzidos em todo o mundo são desperdiçados, o que daria para alimentar milhões de pessoas que não têm comida. Menciono que este facto também se reflete na escola, quando não aproveitamos o que temos, em vez de o repartirmos com os que mais precisam.

Para se colmatar este problema, julguei importante apresentar a preponderância das instituições de solidariedade na sociedade. Assim, inicio uma apresentação expositiva, com recurso à projeção de um suporte interativo, o Prezi, expondo a importância das instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome. Nesta aula limito-me a apresentar três exemplos: a Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO); o Banco Alimentar Contra a Fome e a Cáritas.

No decorrer da apresentação destas três instituições, pretende-se promover o debate de ideias com a participação ativa dos alunos que permitam a criação de um espaço de

sensibilização para a necessidade da solidariedade e da partilha. Menciono que estas contribuem para a defesa da qualidade de vida das populações desfavorecidas, prestam ajuda humanitária e auxiliam em caso de emergência. Para que os alunos as identifiquem, peço que as escrevam no caderno diário durante a sua apresentação.

No momento seguinte da aula, com o objetivo de chegar ao tema da justiça na repartição dos bens, distribuo a alguns alunos, aleatoriamente, um chocolate levantando a questão:

-“Fui justa com todos os alunos?”

Aguardo a resposta dos alunos e comenta-se a questão, no qual se verifica uma desigual e injusta distribuição. Espero que esta atividade seja motivadora e contribua para a concentração e atenção dos alunos. Pretendo também, proporcionar uma participação ativa dos alunos e também sensibilizá-los, de modo a que concluam que isto acontece com muitas pessoas que não conseguem ter acesso à habitação, à educação, à saúde e à alimentação e põem em causa a dignidade humana, pois todos os seres humanos têm direito a condições essenciais de vida.

Para colmatar a situação e havendo uma igual distribuição, entrego a quem ainda não tem o chocolate.

Para finalizar a aula, informo os alunos que, no dia 21 de maio de 2016, irá haver uma exposição sobre o Ano Nacional do Desperdício, na escola, no qual terão que apresentar, em grupo, um cartaz. Esta informação foi-me dada pelo Professor Cooperante, dado ser uma atividade do Agrupamento, envolvendo todos os alunos a participarem.

Apelo para que todos sejam sensíveis ao problema da injusta distribuição dos bens.

As estratégias de avaliação mantêm-se as mesmas utilizadas nas aulas anteriores, suscitando mais atenção às intervenções adequadas, oportunas e fundamentadas.

2.2.5. Aula 5 – Ser pão para os outros através da partilha

A quinta aula da unidade letiva tem como sumário: “Ser pão para os outros através da partilha”.

As metas de aprendizagem a alcançar pretendem, por um lado, amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, no domínio da ética e moral e por outro, conhecer a mensagem e cultura bíblicas no domínio da cultura cristã e visão cristã da vida.

Tem como objetivos a atingir, os seguintes: tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si, reconhecer o valor da solidariedade e apreender o conceito de

voluntariado e interpretar textos bíblicos sobre os diferentes carismas e o seu uso para bem da comunidade.

Tal como nas aulas anteriores, os primeiros momentos da aula destinam-se ao acolhimento dos alunos, seguida da escrita do sumário no quadro registando, os restantes colegas o mesmo no caderno diário. Depois, verifico se todos os alunos têm o material necessário à aula.

Do acolhimento consta a interpelação dos alunos sobre o que foi tratado na aula anterior, no qual se faz uma breve síntese referindo-se que a fome e a pobreza são manifestações graves provocadas pelo egoísmo da própria humanidade. Para combater estes problemas foram surgindo algumas instituições nacionais e internacionais que dão um forte contributo (Caritas, FAO Organização para a Alimentação e a Agricultura, Banco Alimentar Contra a Fome).

Posteriormente, faço a seguinte consideração: semear os grãos de cereais não chega, é preciso cuidar deles, tendo sido feito um acompanhamento do crescimento e desenvolvimento ao longo destas 5 aulas (os alunos visualizam as plantas). Mas para cuidar, implica “dar-se aos outros”, uma vez que, cada vez mais precisamos de pessoas que deem um pouco de si.

Para isso, proponho aos alunos que escutem a canção intitulada: “Dar mais”, no qual são convidados a cantar e serão solicitados para anotarem no caderno diário, uma palavra que lhes chamou mais atenção referente à mesma.

Com esta metodologia, pretendo entusiasmar os alunos a participarem na aula de uma forma ordenada e com oportunidade de todos, sem exceção, darem a sua resposta. Após isto, afixo no quadro, em cartolina, a palavra “partilha” e convido os alunos a dizerem a palavra escolhida, procedendo ao registo do que forem dizendo, salientando algum aspeto mais importante. Tem como objetivo fazer-se uma chuva de ideias, chegando-se à conclusão que a partilha é importante e pode significar a resolução de um problema que a todos nos deixa inquietos, quando sabemos que a fome continua a matar.

Para dar continuidade a esta temática, inicio a apresentação e projeção da “Parábola de Lázaro e do homem rico” (Lc 16,19-31), em vídeo recorrendo ao programa *media player*. A escolha deste recurso deve-se essencialmente ao facto de captar a atenção dos alunos, uma vez que é um método apelativo.

Imediatamente a seguir à conclusão da visualização, os alunos têm a oportunidade de explanarem e aprofundarem o seu ponto de vista sobre o vídeo, partindo-se para uma reflexão orientada sobre os bens materiais, pois amar os outros é mais do que partilhar bens materiais, é dar-mo-nos a nós mesmos. Desta forma, deveremos estar atentos e preocuparmo-nos com os seus sentimentos e o bem-estar dos outros que nos rodeiam.

Para complementar esta atividade, seguir-se-á a distribuição de uma ficha de trabalho que consiste em 4 questões de resposta rápida. Durante o momento da realização do trabalho estarei atenta, manifestando aos alunos a disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas que venham a surgir. Após a conclusão das tarefas propostas, darei início à correção da ficha, onde pedirei aos alunos, aleatoriamente, as respostas às questões.

Para concluir a aula, proponho a cada aluno, como sugestão para casa, encontrar uma forma de “ser pão para os outros”, (partilhar o nosso tempo, estar disponível) durante a semana que se segue, apresentando algumas sugestões: ajudar em casa, visitar um doente, apoiar um colega, partilhar o lanche, entre outras.

A avaliação continua a ser essencialmente formativa, valorizando particularmente nesta aula, a capacidade de comunicação e de partilha, o envolvimento e a participação em todas as atividades realizadas em contexto de sala de aula.

2.2.6. Aula 6 - A partilha como um dom de si

Chegados ao fim de mais uma etapa, a sexta e última aula da unidade letiva tem como sumário: “A partilha como um dom de si.”

A meta de aprendizagem a alcançar pretende promover o bem comum e o cuidado do outro, no domínio da ética e moral.

Neste contexto, os objetivos propostos para esta aula são os seguintes: valorizar a atitude de voluntariado, reconhecer a partilha dos bens como partilha de si, identificar a importância do serviço na relação com os outros e consolidar os conteúdos lecionados.

Os primeiros momentos da aula destinam-se ao acolhimento dos alunos, seguido da escrita do sumário, tanto no quadro, como no caderno diário.

Após o registo do sumário, questiono os alunos acerca dos conteúdos lecionados na aula anterior fazendo-se uma breve síntese sobre a partilha dos bens na sociedade. Dado na aula anterior, ter lançado o desafio de um trabalho de casa, questiono quem o realizou, tendo como objetivo partilhar o seu tempo ou estar disponível a ajudar os outros durante a semana. Este trabalho também tem como objetivo suscitar o diálogo com a família sobre o assunto, por forma a melhor consolidar as aprendizagens.

Após ouvir as intervenções dos alunos, dando um exemplo de vida cristã, projeto em PowerPoint a imagem de Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), explicando que foi fundadora das Irmãs Missionárias da Caridade, no qual entrega a sua vida aos mais necessitados. Refiro ainda que, hoje em dia, a pobreza encontra-se em todo o mundo e por vezes, mesmo ao nosso lado. No entanto, pessoas há que não têm fome de pão, mas sim de amor. Mas, devido às

políticas de austeridade que temos vindo a assistir ao longo dos últimos anos, encontramos um número bastante expansivo de famílias que têm mesmo fome de pão.

Depois de explanada esta temática através da projeção do diapositivo sobre Madre Teresa de Calcutá, e com o objetivo dos alunos consolidarem e apropriarem o conceito de partilha, distribuo um coração em cartolina a cada aluno. Neste terão que completar a seguinte frase: “Ser pão para os outros é...”.

De forma a colmatar esta situação de pobreza que acontece à nossa volta e como todos nós teremos que contribuir para um mundo melhor, menciono que esse objeto não irá ficar para eles, mas irão partilhá-lo com um colega da sala.

No sentido de mobilizar todas as energias dos alunos para o contexto de sala de aula, de forma a consolidar os conteúdos adquiridos no decorrer desta unidade letiva “A partilha do pão”, proponho a realização de um jogo, intitulado: “Será que sei?”

Este é constituído por 12 questões relativas às temáticas lecionadas, tendo cada uma três respostas possíveis. Assim, divido a turma em quatro grupos, no qual terão que escolher um porta-voz. As questões serão projetados no quadro interativo e também serão distribuídas em folha de papel aos diversos grupos. Após a visualização de cada pergunta, cada grupo conferencia sobre a resposta correta e aguardam que sejam solicitados para responderem. A resposta dada será conferida no quadro interativo verificando se está correta. O grupo com mais respostas certas, será o vencedor.

Para concluir a aula menciono que, tal como se verificou ao longo das 6 aulas letivas, e reforçando o exemplo de Madre Teresa de Calcutá, todos teremos que partilhar e ajudar, descobrindo a alegria de podermos também “ser pão para os outros”, amparando os outros com os dons que Deus nos deu.

Dado os alunos terem acompanhado o desenvolvimento e crescimento das plantas ao longo das aulas, estas serão distribuídas a cada um, com o intuito de cuidarem delas.

Finalizada esta descrição detalhada das aulas da unidade letiva “A partilha do pão”, seguem-se os planos de aula lecionados.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 1/6

Ano: 6.º | Turma: C

Data: 17 de março de 2016

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
<p>SUMÁRIO: Introdução à unidade letiva “A partilha do pão”. A importância da alimentação no nosso dia a dia e na perspetiva cultural.</p>			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento aos alunos - Apresentação - Registo do Sumário 	<p>Quadro e caneta;</p> <p>Caderno diário;</p>	5 min.	
<p>Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. (Domínio: ÉTICA E MORAL)</p>	<p>Reconhecer a importância da dimensão simbólica da alimentação e da refeição.</p>	<p>A alimentação e a produção dos alimentos;</p> <p>A importância da alimentação no nosso dia a dia;</p> <p>A alimentação variada e diversificada;</p>	<p>- Motivação - A professora inicia a aula com a receção aos alunos e com o registo do sumário. Seguidamente faz a apresentação da Unidade letiva: “A Partilha do Pão” e explica a importância da alimentação no nosso dia a dia, que surge como necessidade biológica, uma vez que é indispensável ao ser humano, à sobrevivência e como lugar de confraternização/encontro.</p> <p>Em seguida, através do PowerPoint, faz uma breve alusão à importância da roda dos alimentos, mencionando que deve ser variada e diversificada, destacando</p>	<p>Computador;</p> <p>Videoprojetor;</p> <p>PowerPoint: Roda dos alimentos; alguns pratos</p>	<p>5 min.</p> <p>5 min.</p>	<p>Assiduidade e pontualidade;</p> <p>Cumprimento das regras na sala de aula;</p>

	Reconhecer a alimentação como elemento importante na expressão cultural.	<p>A refeição: a gastronomia como referência cultural;</p> <p>Pratos típicos de Portugal;</p>	<p>principalmente o grupo dos cereais e derivados e tubérculos. Refere ainda a importância da alimentação na identidade cultural, apresentando, em seguida, alguns pratos típicos de Portugal, tais como: cozido à portuguesa, caldo verde, feijoada, leitão, bacalhau à Brás e o famoso pastel de natas.</p> <p>Reforçando que alguns dos pratos são preparados com pão, a professora apresenta em PowerPoint o ciclo do pão, realçando a sua importância. Desta forma, os alunos iniciam uma visita de estudo, sem saírem do lugar, a um Museu do Pão.</p>	<p>típicos de Portugal; (Anexo 1)</p> <p>PowerPoint: “Museu do Pão”; (Anexo 2)</p> <p>Grãos de centeio, trigo, milho; Farinha; Fermento; Pães de diferentes qualidades; (Anexo 3)</p>	5 min.	Participação ativa e organizada;
		Os diferentes tipos de grãos: centeio, trigo, milho, cevada;	Após a sua visualização, e fazendo-se um pequeno diálogo sobre o mesmo, a professora apresenta e distribui os diferentes tipos de grãos (centeio, trigo, milho) e explica que destes grãos surge a farinha que é moída, e depois na padaria, juntamente com o fermento e água é amassado e cozido o pão, para que os alunos percebam que existem diferentes tipos de pão, e é necessário valorizar quem os prepara e confeciona.		10 min.	Atenção e concentração;
		Os diferentes tipos de farinha;				Respeito pelos outros;
	Compreender a importância da reprodução nas sementes.	O papel do fermento na confeção do pão;				
		O processo de reprodução e crescimento das sementes.	Para que os alunos possam presenciar o crescimento dos grãos, a professora entrega a cada aluno 2 grãos para semear em copos de iogurte reutilizáveis, na sala de aula.	Copos de iogurte reutilizáveis; Vaso; Terra para plantas; Água; (Anexo 4)	10 min.	Participação organizada; Cumprimento das tarefas propostas;
			Com esta atividade a professora pretende que os alunos acompanhem o processo de crescimento e desenvolvimento dos grãos			

			<p>ao longo das seis aulas letivas.</p> <p>Conclusão – Para finalizar a aula, a professora reforça que a produção dos alimentos é necessária para o nosso dia a dia e valoriza também o trabalho que é dispensado para a preparação das refeições.</p>	<p>Pá; Regador.</p>	<p>5 min.</p>	<p>Capacidade de síntese.</p>
--	--	--	--	-------------------------	---------------	-------------------------------

Interdisciplinaridade: Ciências da Natureza (alimentação e reprodução da semente); Português (leitura e interpretação de textos).’



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 2/6

Ano: 6.º | Turma: C

Data: 7 de abril de 2016

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos			
SUMÁRIO: Realização de um caça ao tesouro sobre o significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.			Breve referência a como correram as férias e manifestação de agrado pela participação de alguns alunos da turma na missa de Páscoa da escola.		2 min.	
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. (Domínio: CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA)	- Compreender o significado simbólico-religioso na cultura judaico-cristã da alimentação.	O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição: - a importância da alimentação/refeição como dádiva de Deus.	Motivação – Para iniciar a aula, os alunos serão encaminhados para o recreio da escola, dado já terem sido avisados na aula anterior, no qual será realizado um jogo denominado “Caça ao Tesouro”. Este jogo tem como objetivo descobrir a importância do significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. Desta forma, para dar continuidade à temática, a professora menciona que, como se viu na aula anterior, o alimento é essencial à vida e de	Espaço exterior da escola	5 min.	Cumprimento das regras; Respeito pelos outros;

<p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p>	<p>- Compreender o significado simbólico do</p>	<p>O simbolismo bíblico do pão, azeite, vinho, água, cordeiro e Última Ceia:</p>	<p>acordo com a Bíblia os alimentos são uma dádiva de Deus e a refeição é um espaço de relação entre pessoas e de ação de graças.</p> <p>Para que os alunos compreendam melhor este tema, terão que descobrir os símbolos religiosos através do jogo, sendo divididos em 4 grupos.</p> <p>Cada grupo terá que escolher um nome e uma cor que os identificará. Todos deverão usar a tira da fita de seda da cor escolhida, no braço, durante o jogo. Cada grupo, em seguida, terá que indicar uma pessoa para ser o líder, no qual será o guardião do mapa.</p> <p>No fim de ter explicado as regras do jogo, a professora entregará o mapa do tesouro a cada grupo, onde o ponto de partida do jogo é, sem dúvida, um mapa, no qual estará desenhado o trajeto a percorrer, sendo diferente para cada um. Em cada local estarão escondidos envelopes, estando cada um identificado com a cor correspondente ao grupo. Cada grupo só poderá pegar no envelope da cor do seu grupo, sendo penalizado, caso não o faça.</p> <p>Assim, encontrada a primeira pista que conterà um texto e um enigma, os participantes depois de a decifrarem, irão em busca da próxima, e assim sucessivamente, até à última etapa que será o local do tesouro. Todas as atividades realizadas dos envelopes terão que ser entregues à professora no fim do jogo.</p> <p>O vencedor será o grupo que encontrar o tesouro e o prémio será o conteúdo do próprio tesouro. No entanto, como todos são vencedores e gostam de partilhar, serão distribuídos os ovos de chocolate por todos os elementos</p>	<p>Mapa do tesouro (Anexo 5)</p> <p>Envelopes com enigmas (Anexo 6)</p> <p>Folhas</p> <p>Ovos de chocolate</p> <p>Tesouro (Anexo 7)</p> <p>Esferográficas</p> <p>Lápis de pintar</p>	<p>8 min.</p>	<p>Trabalho em equipa;</p> <p>Participação ativa e organizada;</p>
---	---	--	---	--	---------------	--

<p>(Domínio: CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA)</p>	<p>pão, azeite, vinho, água, cordeiro e Última Ceia.</p>	<p>- o pão como alimento essencial; o pão ázimo (sem fermento) no Antigo Testamento; Jesus, o novo maná, o pão que desceu do céu.</p> <p>- o azeite sinal de bênção divina. Símbolo da alegria, fraternidade, riqueza e abundância. Finalidade de curar, temperar e iluminar.</p> <p>- o vinho é associado ao sangue de Jesus. Na Bíblia é símbolo de alegria. Representa a vinda do Reino de Deus.</p> <p>- a água, fonte de vida. Símbolo da purificação da pessoa e da sua admissão num determinado grupo. O batismo cristão, como sinal sacramental fundamental.</p> <p>- o cordeiro como símbolo mais antigo da Páscoa. A aliança entre Deus e o povo judeu na páscoa da antiga lei. O cordeiro, como o próprio Jesus que</p>	<p>participantes.</p> <p>Assim, este mapa é constituído por sete locais. No primeiro local, os alunos terão que descobrir o envelope que contém um pequeno texto relativamente ao significado simbólico do pão, seguido de uma atividade com palavras recortadas para construir a frase com sentido: “O pão nosso de cada dia”.</p> <p>O envelope do segundo local tem uma adivinha referente ao símbolo do azeite. “Sou sinal de bênção divina (missão importante e sacramentos). Simbolizo a alegria, fraternidade, riqueza e abundância. Tenho como fim curar, temperar e iluminar. Quem sou eu?”</p> <p>No terceiro local encontra-se o envelope numa videira onde terão que ler um texto relativo ao símbolo do vinho e, em seguida, completar a frase: “Seguindo o exemplo de <u>Cristo</u>, a Igreja utilizou sempre o pão e o <u>vinho</u> com água para celebrar a <u>Ceia</u> do Senhor”.</p> <p>O envelope do quarto local contém um texto sobre o símbolo da água e depois terão que descodificar a frase, “Jesus, a água viva”.</p> <p>Seguidamente, os alunos terão que ler o texto sobre os diferentes símbolos da Páscoa, dando especial realce ao símbolo do cordeiro, que se encontra no quinto local. A atividade a desenvolver é um desenho sobre os mesmos símbolos no qual terão que pintar apenas o cordeiro.</p>	<p>Cola</p>	<p>30 min.</p>	<p>Responsabilidade;</p> <p>Atenção e empenho nas atividades propostas;</p> <p>Curiosidade e envolvimento;</p>
---	--	--	--	-------------	----------------	--

	<p>5. Reconhecer, na Última Ceia, o seu significado essencial para a mensagem cristã.</p> <p>Saber trabalhar em grupo. Saber partilhar.</p>	<p>foi sacrificado na cruz pelos nossos pecados. A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor (Mc 14, 12-25 e Jo 13,1-35). - Jesus, presente no pão e no vinho. - o amor - mandamento de Jesus Cristo.</p> <p>Trabalho de grupo. A importância da partilha.</p>	<p>No sexto local, o texto é sobre a Última Ceia e tem como atividade dar um abraço a todos os elementos de grupo, uma vez que Jesus encontra-se em cada um de nós, em cada pessoa.</p> <p>Para finalizar este jogo, os alunos terão que encontrar o sétimo local, onde se encontra escondido o tesouro, contendo um ovo de chocolate para cada elemento.</p> <p>Conclusão: Os alunos em roda, terão que comentar o que sentiram durante a procura do tesouro e o que aprenderam com o jogo.</p>			<p>Partilha do tesouro;</p> <p>Capacidade de síntese.</p>
--	---	--	--	--	--	---

Interdisciplinaridade: Português (leitura e interpretação de textos); Educação Visual (colagem e pintura), Ciências Naturais (natureza).



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 3/6

Ano: 6.º | Turma: C

Data: 14 de abril de 2016

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: O significado de comércio justo. Jogo: “ O meu desejo”.			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	Caderno diário; Quadro; Giz;	5 min.	
Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. (Domínio: ÉTICA E MORAL)	Reconhecer situações sociais nos quais esteja patente a injusta na distribuição dos bens.	A alimentação, a produção e o comércio dos alimentos;	Motivação - Para iniciar a aula e após o registo dos sumários, dado na aula anterior não se ter escrito uma vez que esta foi realizada no recreio da escola, a professora verifica se todos os alunos têm o material necessário à aula. Depois solicita os conteúdos lecionados na aula anterior sobre os símbolos bíblicos do alimento. Dado um dos símbolos ser o pão, e fazendo referência à primeira aula sobre a experiência que fizeram acerca dos grãos, os alunos irão ver o processo de crescimento e desenvolvimento dos mesmos. Seguidamente, a professora utiliza um suporte	Vasos com a sementeira dos grãos; (Anexo 8) Computador;	5 min. 10 min.	Assiduidade e pontualidade; Cumprimento das regras dentro da sala de aula;

	<p>Refletir sobre as noções de desejo, necessidade essencial, importante ou excessiva.</p>	<p>Os desejos como necessidade;</p> <p>As necessidades importantes são diferentes das excessivas;</p> <p>O consumo como uma necessidade emocional não satisfeita;</p> <p>A influência da sociedade na forma como vemos as necessidades;</p> <p>O consumo desigual a nível mundial.</p>	<p>interativo, o Programa PowerPoint, apresentando o significado de comércio (troca de bens e serviços) partindo para a definição de comércio justo: “É uma forma de garantir que os produtores recebem uma quantia monetária justa pelo seu trabalho e pelo seu produto, impedindo de agir com injustiça social.”</p> <p>Após isto, e no sentido de manter a atenção dos alunos direcionada para o tema da aula, será feito um jogo intitulado: “O meu desejo”.</p> <p>- A professora distribui a cada participante um pequeno papel. Cada participante escreve no seu papel o desejo ou tentação (de compra) à qual não consegue resistir.</p> <p>Depois cada aluno é solicitado a partilhar o desejo com a turma.</p> <p>Dando continuidade, a professora constitui grupos de dois elementos.</p> <p>Afixam-se no quadro as perguntas seguintes e pede-se a cada grupo para tentar responder, justificando as suas respostas:</p> <p>- Será que todos os desejos são necessidades?</p> <p>- Todas as pessoas têm as mesmas necessidades?</p> <p>- Como se podem distinguir as necessidades importantes das excessivas?</p> <p>Depois cada par partilha as suas reflexões apresentando-as aos restantes participantes.</p> <p>No final, destacam-se as principais conclusões com todos os alunos.</p> <p>Conclusão: Pretende-se que os alunos reconheçam e percebam que às vezes consumimos para responder a uma necessidade</p>	<p>Projektor;</p> <p>PowerPoint: O comércio; (Anexo 9)</p> <p>Pequenos papéis de cores diferentes;</p> <p>Cartolinas com as perguntas; (Anexo 10)</p> <p>Quadro;</p> <p>Bostik;</p> <p>Esferográficas.</p>	<p>5min.</p> <p>15 min.</p> <p>5min.</p>	<p>Atenção;</p> <p>Participação ativa e organizada;</p> <p>Respeito pelos outros;</p> <p>Responsabilidade;</p> <p>Empenho nas atividades propostas;</p> <p>Curiosidade e envolvimento;</p> <p>Capacidade de síntese.</p>
--	--	--	--	--	--	--

			emocional não satisfeita, consciente ou inconsciente. A sociedade influencia a forma como vemos as necessidades, nossas e dos outros. O consumo é muito desigual a nível mundial, como também no interior de cada país ou região; um número crescente de pessoas não consome o suficiente para satisfazer as suas necessidades básicas.			
--	--	--	---	--	--	--

Interdisciplinaridade: Português (leitura e interpretação de textos).



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 4/6

Ano: 6.º | Turma: C

Data: 21 de abril de 2016

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: A fome e a distribuição injusta dos bens. As instituições vocacionadas para a derrota da fome.			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	Quadro e giz, Caderno diário, Esferográfica;	5 min.	
Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. (Domínio: ÉTICA E	Reconhecer situações sociais nos quais esteja patente a injusta na distribuição dos bens.	Um direito de todos;	Motivação – Para iniciar a aula, a professora acolhe os alunos amistosamente e solicita um para escrever o sumário no quadro, registando, os restantes colegas o mesmo no caderno diário. Convida-os a refletirem sobre os conteúdos abordados na aula anterior, nomeadamente acerca do comércio justo, necessidades e desejos de cada pessoa. Dando continuidade à experiência que os alunos fizeram acerca dos grãos, estes irão observar o processo de crescimento e desenvolvimento dos mesmos.	Vasos com a sementeira dos grãos; (Anexo 11)	5 min. 3 min.	Assiduidade e pontualidade; Cumprimento das regras dentro da sala de aula;

MORAL)	Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome.	<p>A fome e a subnutrição;</p> <p>- A falta e o desperdício de comida;</p> <p>Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para o combate à fome (Caritas, FAO, Banco Alimentar Contra a Fome);</p>	<p>Em seguida, a professora refere que segundo o Artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aquilo que deveria ser um direito de todos, nem sempre o é motivado por diferentes fatores, sendo a fome um dos maiores flagelos da humanidade.</p> <p>Para isso, a professora apresenta um vídeo sobre “O Dia Mundial da Alimentação” celebrado a 16 de outubro, que pretende consciencializar a opinião das pessoas sobre as questões da fome e o desperdício de comida.</p> <p>Após a visualização, os alunos são solicitados a partilharem a sua opinião, através de um breve diálogo, dado que a fome nos nossos dias tem causado milhões de mortes e em todo o mundo passam fome ou estão subnutridas.</p> <p>Cerca de um terço dos alimentos que são produzidos em todo o mundo são desperdiçados, o que daria para alimentar milhões de pessoas que não têm comida.</p> <p>A professora menciona que isto também se reflete na escola, quando não aproveitamos o que temos, em vez de o repartirmos com os que mais precisam.</p> <p>Depois, a professora utiliza um suporte interativo, o Prezi, apresentando a importância das instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome. Estas contribuem para a defesa da qualidade de vida das populações desfavorecidas, prestam ajuda humanitária e auxiliam em caso de emergência, tendo como exemplos: a Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO); o</p>	<p>Computador;</p> <p>Projektor de vídeo;</p> <p>Vídeo: “O Dia Mundial da Alimentação”; (Anexo 12)</p> <p>Prezi: “Instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome”; (Anexo 13)</p>	<p>10 min.</p> <p>10 min.</p>	<p>Participação ativa e organizada;</p> <p>Responsabilidade;</p> <p>Atenção e empenho nas atividades propostas;</p>
--------	--	---	---	--	-------------------------------	---

		<p>- A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.</p>	<p>Banco Alimentar Contra a Fome e a Cáritas.</p> <p>Para que os alunos as identifiquem, a professora pede que as escrevam no caderno diário durante a sua apresentação.</p> <p>No momento seguinte da aula, a professora distribui a alguns alunos, aleatoriamente, um chocolate e levanta a questão: “Fui justa com todos os alunos?” O objetivo é chegar ao tema da justiça na repartição dos bens.</p> <p>Aguarda a resposta dos alunos e comenta-se a questão, no qual se verifica uma desigual e injusta distribuição, tal como acontece com muitas pessoas que não conseguem ter acesso à habitação, à educação, à saúde e à alimentação e põem em causa a dignidade humana, pois todos os seres humanos têm direito a condições essenciais de vida.</p> <p>Para colmatar a situação e havendo uma igual distribuição, a professora entrega a quem ainda não tem.</p> <p>Conclusão - Para finalizar a aula, a professora informa os alunos que, no dia 21 de maio de 2016, irá haver uma exposição sobre o Ano Nacional do Desperdício, no qual terão que apresentar, em grupo, um cartaz. A professora apela para que todos sejam sensíveis ao problema da injusta distribuição dos bens.</p>	<p>Chocolates.</p>	<p>7 min.</p>	<p>Respeito pelos outros;</p> <p>Curiosidade e interesse.</p>
					<p>5 min.</p>	

Interdisciplinaridade: Português (leitura e interpretação de textos e de documentos visuais).



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas de Mundão

Ano letivo 2015/2016



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 5/6

Ano: 6.º | Turma: C

Data: 28 de abril de 2016

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Ser pão para os outros através da partilha.			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	Quadro e giz, Caderno diário,	5 min.	
Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.	Fraternidade, amor partilhado;	Motivação – Para iniciar a aula, a professora acolhe os alunos e solicita um para escrever o sumário no quadro, registando, os restantes colegas o mesmo no caderno diário. De modo a dar uma sequência à temática desenvolvida, a professora em diálogo com os alunos, fazem uma breve síntese sobre a aula anterior, referindo-se que a fome e a pobreza são manifestações graves provocadas pelo egoísmo da própria humanidade. Para combater estes problemas foram surgindo algumas instituições nacionais e internacionais que dão um forte contributo (Caritas, FAO, Banco Alimentar Contra a Fome).		5 min.	Assiduidade e pontualidade; Cumprimento das regras na sala de aula;

<p>(Domínio: ÉTICA E MORAL)</p>	<p>Reconhecer o valor da solidariedade;</p> <p>Apreender o conceito de voluntariado;</p>	<p>Solidariedade e voluntariado.</p>	<p>Em seguida, a professora faz a seguinte consideração: semear os grãos de cereais não chega, é preciso cuidar deles, tendo sido feito um acompanhamento do crescimento e desenvolvimento ao longo destas 5 aulas [visualizam as plantas]. Mas para cuidar, implica “dar-se aos outros”, uma vez que, cada vez mais precisamos de pessoas que deem um pouco de si.</p> <p>No momento seguinte da aula, a professora propõe aos alunos que escutem a canção intitulada: “Dar mais”, no qual são convidados a cantar e serão solicitados para anotarem no caderno diário, uma palavra que lhes chamou mais atenção referente à mesma.</p> <p>Após isto, afixa no quadro, em cartolina, a palavra “partilha” e convida os alunos a dizerem a palavra escolhida, de modo a ser feito uma chuva de ideias, chegando-se à conclusão que a partilha é importante e pode significar a resolução de um problema que a todos nos deixa inquietos, quando sabemos que a fome continua a matar.</p>	<p>Vasos com o cultivo de cereais; (Anexo 14)</p> <p>Computador;</p> <p>Projektor de Vídeo;</p> <p>Canção: “Dar mais”; (Anexo 15)</p> <p>Caderno diário; Esferográfica;</p> <p>Cartolina com a palavra “partilha”;</p>	<p>3 min.</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	<p>Respeito pelos outros;</p> <p>Participação ativa e organizada;</p>
<p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. (Domínio: CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA)</p>	<p>Interpretar textos bíblicos sobre os diferentes carismas e o seu uso para bem da comunidade.</p>	<p>A vida em comum e a partilha dos bens;</p>	<p>Para dar continuidade a esta temática, a professora apresenta a “Parábola de Lázaro e do homem rico” (Lc 16,19-31), em vídeo. Depois da visualização, os alunos são solicitados a dar a sua opinião, partindo-se para uma reflexão orientada sobre os bens materiais, pois amar os outros é mais do que partilhar bens materiais, é dar-mo-nos a nós mesmos. Desta forma, deveremos estar atentos e preocuparmo-nos com os seus</p>	<p>Vídeo: “Parábola de Lázaro e do homem rico” (Lc 16,19-31); (Anexo 16)</p> <p>Esferográfica;</p>	<p>10 min.</p>	<p>Atenção;</p>

			<p>sentimentos. Seguir-se-á a distribuição de uma ficha de trabalho que consiste em 4 questões de resposta rápida.</p> <p>Conclusão - Para concluir, a professora propõe a cada aluno, como sugestão para casa, encontrar uma forma de “ser pão para os outros”, (partilhar o nosso tempo, estar disponível) durante a semana que se segue, apresentando algumas sugestões: ajudar em casa, visitar um doente, apoiar um colega, partilhar o lanche, entre outras.</p>	<p>Ficha de trabalho policopiada. (Anexo 17)</p>	<p>5 min.</p> <p>2 min.</p>	<p>Cumprimento das tarefas propostas;</p> <p>Capacidade de síntese.</p>
--	--	--	--	--	-----------------------------	---

Interdisciplinaridade: Português (leitura e interpretação de textos); Educação Musical (canção).



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 6/6

Ano: 6.º | Turma: C

Data: 12 de maio de 2016

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A partilha como um dom de si.			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	Quadro e giz; Caderno diário	5 min.	
P. Promover o bem comum e o cuidado do outro. (Domínio: ÉTICA E MORAL)	Valorizar a atitude de voluntariado. Reconhecer a partilha dos bens como	Ser pão para os outros: - a doação de si mesmo; - Madre Teresa de Calcutá, um exemplo de	Motivação – Para iniciar a aula a professora faz a habitual receção aos alunos. Após o registo do sumário, solicita os conteúdos lecionados na aula anterior referentes à partilha dos bens na sociedade. Dado na aula anterior, a professora ter lançado o desafio de um trabalho de casa, questiona quem o realizou. Tinha como objetivo partilhar o seu tempo ou estar disponível a ajudar os outros durante a semana. Depois de ouvir as intervenções dos alunos, a professora dando um exemplo de vida cristã, projeta em PowerPoint a	Projektor de vídeo; Computador;	5 min.	Assiduidade e pontualidade; Cumprimento das regras dentro da sala de aula;

	<p>partilha de si.</p> <p>Identificar a importância do serviço na relação com os outros.</p>	<p>entrega de si mesmo;</p> <p>- o amor partilhado com os mais necessitados.</p>	<p>imagem de Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), que foi fundadora das Irmãs Missionárias da Caridade, no qual entrega uma vida aos mais necessitados. Refere ainda que, hoje em dia, a pobreza encontra-se em todo o mundo. No entanto, as pessoas não têm fome de pão, mas de amor.</p> <p>Seguindo o exemplo de Madre Teresa de Calcutá e para reforçar a matéria dada, a professora distribui um coração em cartolina a cada aluno, no qual terão que completar a frase: “Ser pão para os outros é...”.</p> <p>Posteriormente, menciona que esse objeto não irá ficar para eles, mas irão partilhá-lo com um colega da sala.</p> <p>Depois de tudo o que foi referido, para consolidar os conteúdos adquiridos no decorrer desta Unidade letiva “A partilha do pão”, a professora propõe a realização de um jogo, intitulado: “Será que sei?” Este é constituído por 12 questões relativas às temáticas lecionadas tendo cada uma três respostas possíveis. A professora divide a turma em quatro grupos, no qual terão que escolher um porta-voz. As questões serão projetadas no quadro interativo e também serão distribuídas em folha aos diversos grupos. Após a visualização de cada pergunta, cada grupo conferencia sobre a resposta correta e aguarda que a professora os solicite para responderem. A resposta dada será conferida através do quadro</p>	<p>PowerPoint: Imagem de Madre Teresa de Calcutá; (Anexo 18)</p> <p>Coração em cartolina; (Anexo 19)</p> <p>Canetas;</p> <p>Jogo: “Será que sei?” (Anexo 20)</p>	<p>7 min.</p> <p>5 min.</p> <p>15 min.</p>	<p>Participação ativa e organizada;</p> <p>Respeito pelos outros;</p> <p>Responsabilidade;</p> <p>Atenção e empenho nas atividades propostas;</p>
--	--	--	---	--	--	---

			<p>interativo verificando se está correta.</p> <p>Depois, de forma a concluir a unidade letiva, a professora menciona que tal como se verificou ao longo das 6 aulas letivas, e reforçando o exemplo de Madre Teresa de Calcutá, todos teremos que partilhar e ajudar, contribuindo para um mundo melhor.</p> <p>Conclusão – No final da aula dado os alunos terem acompanhado o desenvolvimento e crescimento das plantas ao longo das aulas, estas serão distribuídas a cada um, com o intuito de cuidarem delas.</p>	<p>Vasos com o cultivo de cereais.</p>	<p>8 min.</p>	<p>Capacidade de síntese.</p>
--	--	--	---	--	---------------	-------------------------------

Interdisciplinaridade: Português (leitura e interpretação de textos).

2.3. Avaliação da unidade letiva lecionada

Após a planificação e leção da unidade letiva 3 “A partilha do pão”, do 6.º ano de escolaridade, faremos uma avaliação das aulas lecionadas.

Em primeiro lugar, abordaremos o conceito de avaliação em geral, o qual é um processo que tem como finalidade obter informação, formular juízos e tomar decisões, seja qual for o ponto de vista que se adote relativamente a ela.

Quando se reflete sobre a avaliação da aprendizagem, a questão colocada incide necessariamente sobre a subjetividade e a objetividade na avaliação. Na prática escolar a avaliação é o processo que determina até que ponto os objetivos educacionais são realmente alcançados. Para esse efeito, o trabalho do professor na sala de aula é recolher informação diversa sobre o aluno e registá-la para que a avaliação seja um processo de controlo, através de técnica de medição.

O debate sobre a avaliação nas escolas é determinar a qualidade das mesmas. Segundo Pacheco “a qualidade de uma escola não se obtém somente pela eficácia e eficiência, mas, essencialmente, pela capacidade de inovação e reflexão”²²⁵.

Assim, definimos avaliação como processo complexo e global, que tem como função atribuir valor sobretudo na avaliação das aprendizagens do aluno.

Por conseguinte, a avaliação é o momento em que o professor se apercebe se as suas estratégias surtiram efeito positivo nos alunos ou se deveriam ser alteradas. Serve para fornecer indicações sobre os alunos de forma a ajudá-los a conduzir o seu trabalho, contemplando positivamente as necessidades, curiosidades e solicitações dos mesmos, na medida em que, quando avaliamos, reconhecemos o progresso de cada aluno e as suas características.

Desta forma, todas as seis aulas lecionadas foram planificadas de acordo com o programa de EMRC, sendo sempre feita, posteriormente, uma avaliação reflexiva sobre as mesmas, pelo núcleo de estágio da PES. A planificação foi sempre cumprida, fazendo uma gestão do tempo e as aulas foram centradas nos alunos, tentando tornar o papel do aluno mais ativo no processo de ensino-aprendizagem, no qual os objetivos propostos, de uma forma geral, foram atingidos. Houve sempre a preocupação de se adaptar a planificação à realidade da turma. Também tentou-se fazer a ligação dos temas e das estratégias utilizadas, de modo a haver uma coerência e estas serem acessíveis aos alunos. Para além disso, foi feita a interdisciplinaridade com outras áreas disciplinares e situações do quotidiano enriquecendo, desta forma, o processo ensino-aprendizagem do aluno. Dado a colega de núcleo ter lecionado

²²⁵ José PACHECO, *Currículo: Teoria e Práxis*, Porto Editora, Porto, 2001, 132.

na mesma turma, a unidade letiva “A pessoa humana”, fez-se a ligação com alguns conteúdos abordados.

Desde o início de cada aula até à conclusão da transcrição do sumário, todas as aulas foram planejadas de forma semelhante, com exceção da segunda aula, que não foi escrito o sumário, dado ter sido lecionada no recinto da escola, pelo que foi escrito na aula seguinte.

Em cada aula houve um momento para o acolhimento e diálogo com os alunos. Apesar de este ser curto, teve uma importância fulcral por coexistir a possibilidade de desenvolver relações humanas entre professor/aluno.

Quanto ao registo do sumário, na primeira aula, tendo planejado ser projetado no quadro interativo, surgiram imprevistos, pois o projetor de vídeo não funcionava. Para remediar a situação foi escrito no quadro preto de giz, sendo adotada esta estratégia para as restantes aulas. Em cada aula, o sumário foi escrito por um aluno, de modo a despertar empenho, interesse e participação por parte dos mesmos, e predisposição para as tarefas da aula, sendo em seguida, transcrito para o caderno diário. Dado haver dois alunos que, por vezes, não se faziam acompanhar do caderno diário, foi-se facultando folhas.

Após o sumário, fez-se sempre uma síntese dos conteúdos lecionados na aula anterior, introduzindo-se o tema da aula atual. Na nossa opinião, pensamos ser a metodologia mais adequada, permitindo que houvesse uma maior articulação e melhor compreensão dos conteúdos, uma vez que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, ocupa apenas um tempo semanal, de quarenta e cinco minutos. Dado o período entre as aulas, ser no mínimo de uma semana, torna-se um dos obstáculos à aprendizagem dos alunos, pelo que a metodologia adotada valoriza este momento.

Ao nível dos recursos utilizados, segundo a perceção que tivemos pelas atitudes que foram demonstradas pelos alunos no decorrer das aulas, destacam-se pela positiva os seguintes: diapositivos em PowerPoint, sobre o Museu do Pão²²⁶, reforçando-se o ciclo do pão. Também a apresentação dos diferentes tipos de grãos²²⁷ existentes: centeio, trigo, milho, tal como a farinha, fermento e os vários tipos de pão, ao passarem por todos os alunos, originaram curiosidade e interesse, dado que alguns alunos não conheciam os diferentes grãos.

A atividade, do semear os diferentes grãos²²⁸ em copos de iogurte reutilizáveis, para que os alunos acompanhassem o processo de crescimento e desenvolvimento dos grãos ao longo das seis aulas letivas, esta suscitou muito interesse e admiração ao longo do seu

²²⁶ Cf. Anexo 1 – PowerPoint - Museu do Pão.

²²⁷ Cf. Anexo 2 – Tipos de sementes e pães.

²²⁸ Cf. Anexo 3 – Os diferentes grãos semeados.

crescimento, tendo-se verificado o seguinte comentário por parte dos alunos: “Quando dá espiga?” Ao longo desta atividade surgiram, observações reveladoras de grande sentido crítico. O jogo do “Caça ao Tesouro”²²⁹, no recreio da escola, contribuiu para que houvesse uma socialização de todos os alunos, desenvolvendo as suas capacidades e melhorar a sua auto estima. O vídeo sobre “O Dia Mundial da Alimentação” pretendeu consciencializar a opinião dos alunos sobre as questões da fome e o desperdício de comida.

A apresentação expositiva no Prezi, dando a conhecer as instituições nacionais e internacionais²³⁰ que lutam contra a fome, contribuiu para que os alunos ficassem sensibilizados para esta situação. Ficámos surpresos com as atitudes dos alunos, uma vez que na aula seguinte sabiam os nomes das instituições, mesmo aqueles que se encontravam distraídos.

A distribuição aleatória de um chocolate referente ao tema da justiça na repartição dos bens, causou alguma agitação e revolta, o que contribuiu para que os alunos manifestassem as suas opiniões.

Quanto à chuva de ideias sobre a palavra “partilha”, a mesma tinha como objetivo fazer com que os alunos concluíssem que a partilha é importante e pode significar a resolução de um problema que a todos nos deixa inquietos, quando sabemos que a fome continua a matar.

A projeção da “Parábola de Lázaro e do homem rico”²³¹ (Lc 16,19-31), captou a atenção dos alunos sobre as atitudes que temos uns para com os outros.

A realização do jogo, intitulado: “Será que sei?”, realizado na última aula, que teve como objetivo consolidar os conteúdos adquiridos no decorrer desta unidade letiva, suscitou bastante empenho e concentração nos alunos, verificando-se que, de um modo geral, os mesmos apreenderam os conteúdos lecionados.

Para além destes, foram usados outros recursos, procurando-se utilizar estratégias diferenciadas, embora algumas delas não tenham surtido o efeito desejado. Os conteúdos foram apresentados utilizando uma linguagem clara de acordo com o nível etário dos alunos e não esquecendo o rigor científico. Procurámos também, fazer uma movimentação correta na sala de aula, implementando um clima favorável às aprendizagens dos alunos.

Os alunos participaram ativamente, embora, por vezes, de forma desordeira, com algumas intervenções inoportunas. No entanto, procurámos detetar os comportamentos inadequados e chamar os alunos à atenção, impondo a colocação da voz e usando outras estratégias, as quais, concluímos que nem sempre foram as melhores. Assim, reconhecemos

²²⁹ Cf. Anexo 4 – Mapa do tesouro.

²³⁰ Cf. Anexo 5 – Imagens - Instituições Nacionais e Internacionais.

²³¹ Cf. Anexo 6 – Imagens do Vídeo: “Parábola de Lázaro e do homem rico”.

que alguns dos alunos nas primeiras aulas, não se mostraram muito motivados para a realização das atividades, mas foram evoluindo ao nível do comportamento e atitudes em sala de aula, havendo uma interação positiva entre alunos-professor.

No final das aulas foi sempre feita uma conclusão dos conteúdos abordados para a consolidação dos mesmos. Porém, isto não é o fim, mas simplesmente um começo para melhorar a lecionação das aulas, tal como a sua preparação. Esta Prática de Ensino Supervisionada foi uma experiência muito enriquecedora para o desenvolvimento no desempenho de docente.

Assim, avaliar é um ato pedagógico que requer uma atitude e um saber específico que permitam desenvolver estratégias adequadas, tendo em conta os contextos de cada aluno e do grupo, no respeito pelos valores de uma pedagogia diferenciada.

Posto isto, no momento da avaliação devemos analisar cada situação, tendo em conta, nomeadamente a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências de cada aluno, tanto na fase inicial da aprendizagem como no seu desenvolvimento.

Para efeitos de avaliação, foi feita uma observação direta, com carácter formativo, tendo em conta a assiduidade e pontualidade, cumprimento das regras na sala de aula, participação ativa e organizada, atenção e concentração, respeito pelos outros, participação organizada, cumprimento das tarefas propostas e capacidade de síntese.

Salienta-se que nesta turma do 6º ano, a maior parte dos alunos, participaram na atividade inserida no Plano Anual de Atividades, tendo como tema: “Páscoa na Escola”. Esta foi realizada na escola sede do Agrupamento, no dia quinze de março de dois mil e dezasseis (sexta-feira), no último dia do segundo período, com a participação e colaboração do núcleo de estágio. Tinha como objetivo principal envolver toda a comunidade educativa, uma vez que o Agrupamento de

Escolas comemorava vinte anos. A programação das atividades foi a seguinte: nove horas e trinta minutos, confissões para a comunidade educativa, facultativa, seguida da celebração eucarística, às onze horas. Esta celebração teve uma parte multilingue,



por forma a que os alunos estrangeiros se sentissem incluídos e mais próximos das vivências

dos seus países, destacando-se uma das leituras e a oração dos fiéis, lidas em diferentes línguas, mas simultaneamente projetadas na língua Portuguesa, para que as pessoas compreendessem. Também foi realizada a bênção dos finalistas do nono ano, como uma nova etapa da sua vida. Como era a comemoração do Dia do Agrupamento, foi uma forma de se promover a união de todo o Agrupamento, pelo que esta atividade foi participada, verificando-se também um certo dinamismo. A comprovar esse facto, apresentamos a imagem na página anterior.

No fim da celebração eucarística, foi distribuído um pequeno postal, elaborado pelo núcleo de estágio, a todos os presentes.



3. Síntese

A planificação surge como o modo mais eficaz que cada docente tem de preparar o seu trabalho, organizar o tempo das suas aulas e garantir uma melhor aprendizagem por parte dos seus alunos. Apesar da planificação ser um processo exigente que apela para a compreensão e competência, não deverá levar a que o professor em início de carreira se sinta ultrapassado e incapaz, visto que tem pouca experiência e torna-se muito difícil aprender competências de planificação a partir dos professores experientes, que muitas vezes se socorrem de esquemas mentais que não são transpostos para o papel. Desta forma, a planificação é um aspeto crucial do ensino, visto que determina em grande parte a forma, como o conteúdo que é ensinado nas escolas.

Por isso, um bom professor terá de saber escolher situações de aprendizagem válidas, isto é, situações que provocarão modificações nos comportamentos dos alunos, como, também, deverá saber fazer ajustamentos quando os planos se mostram ineficazes ou inapropriados. Julgamos que as planificações que apresentamos têm como preocupação base motivar os alunos, através da seleção de temas do seu agrado e através da seleção de atividades que possibilitarão a sua participação ativa e a emissão de opiniões e sugestões.

CONCLUSÃO

Ao iniciarmos o ano letivo 2015/2016 sentíamos-nos um pouco angustiadas, pois sabíamos que nos esperava um ano muito trabalhoso. Sentíamos que esta tarefa não seria fácil, uma vez que teríamos que conciliar a parte profissional, pessoal e académica. Temos noção de que não foram raras as vezes em que nos esquecemos da família e dos afazeres pessoais em prol desta causa. Apesar de terem ocorrido alguns imprevistos, tentámos sempre fazer o melhor que sabíamos e podíamos.

No início da realização deste Relatório, uma das tarefas solicitadas, foi a revisão bibliográfica, a qual tivemos alguma dificuldade, principalmente por não sabermos bem para onde encaminhar a nossa pesquisa. Assim, convém referir neste tipo de trabalhos não há um caminho único a percorrer, mas antes uma variedade, onde o mais importante é seguirmos um e termos consciência que poderá não ser o melhor e que poderemos ter que recuar, estando abertos a críticas e a sugestões. Ultrapassada esta etapa, o principal obstáculo com que nos deparámos foi a escassez de tempo para os muitos afazeres que tínhamos em mãos. Mas, pensamos nós, tudo foi feito com afinco e perseverança e da melhor forma que conseguimos, sem nunca descuidarmos as nossas responsabilidades.

Salientamos, também, que esta experiência da PES não foi totalmente novidade para nós, pois já a tínhamos, em parte, adquirido anteriormente, aquando da profissionalização noutra grupo de recrutamento e também na lecionação da disciplina de EMRC ao longo dos últimos anos. Vimo-la, antes como uma forma de refletirmos sobre as nossas práticas pedagógicas para tentarmos melhorar as mesmas, sem nunca nos esquecermos que o objetivo central que regula o processo de ensino-aprendizagem é ajudar os alunos a tornarem-se o mais autónomos possível, e educando-os para darem um pouco mais de si, dando-se aos Irmãos de forma livre e desinteressada, seguindo o exemplo de Jesus.

No decurso da PES, para além da lecionação da disciplina, realizámos também planificações a longo, médio e a curto prazo, com rigor e correção científica e pedagógica, e utilizando sempre que nos foi possível dinâmicas diferenciadas e motivadoras.

No primeiro dia de lecionação, contudo, sentimo-nos nervosas, pois várias foram as perguntas que sobre nós recaíram, pelo que destacamos algumas delas: Será que vamos ser capazes de criar empatia com a turma? Será que vamos sentir segurança a dar a aula e conseguir transmitir o que temos de ensinar? E os alunos com comportamentos menos apropriados, como poderemos resolver a situação?

No entanto, e como tínhamos feito um trabalho sério aquando da realização das planificações, esse nervosismo foi-se esvaecendo no decurso da lecionação das aulas. Tudo

estava planeado, apenas nos restava respondermos aos imprevistos que pudessem vir a ocorrer e a que já nos vínhamos habituando ao longo dos anos em que temos lecionado.

Na fase da operacionalização, cujo centro foi a aula, apostámos na diferenciação pedagógica, tendo implícito um carácter analítico, reflexivo e de questionamento, planificando para o nível/contexto do aluno, adaptando-o àquela turma em particular e sempre que possível ao aluno na sua singularidade.

Referimos, aqui, que ao longo da leção da PES, para que conseguíssemos captar a atenção dos alunos o mais possível e por forma a que eles fossem o mais interventivos, fomos encorajando os alunos a participar na aula, de diversas formas: criando e realizando atividades diversificadas, disponibilizando materiais didáticos adequados às tarefas práticas, adequando os tempos e espaços à natureza das atividades de aprendizagem e lançando questões para os ajudar a recordar conhecimentos anteriormente adquiridos.

Por forma a adequar a aprendizagem a alunos com características diferentes, tentámos ao longo das aulas variar os tempos de concretização das tarefas, utilizar imagens e ilustrações para polir ideias e conceitos, dar pistas e exemplos variados para tornar a informação mais significativa, explicar as ideias de forma concreta, tendo em consideração a experiência e motivação e ritmo do aluno. De realçar que, também, fomos fazendo a monitorização das aprendizagens em cada aula, e dando *feedback* aos alunos para que pudessem melhorar atempadamente os seus comportamentos e atitudes.

Temos bem presente que, apesar do esforço feito ao longo das aulas, nem sempre conseguimos materializar a aquisição das competências na íntegra, mas ficámos com a certeza de que para lá do ensinamento dos conteúdos, fizemos eco às novas funções que nos são exigidas, nomeadamente no domínio do desenvolvimento pessoal e social.

Ficamos entusiasmados, pois alguns alunos conseguiram, relacionar os conteúdos abordados nas nossas aulas com os conteúdos lecionados noutras disciplinas, corroborando o objetivo para o qual nos propusemos aquando da planificação e posterior leção das aulas.

Concluindo, somos de opinião, que as escolas devem pautar-se por uma cultura que promova bons relacionamentos, que preconize a partilha voluntária, que promova o espírito de entajuda e que se baseie numa informação positiva, resultando na mudança, na inovação e no progresso educacional. Mas, se não existir partilha, se houver rivalidades e excesso de informação e de conflitos, a consequência será uma paragem educacional, um retrocesso e estagnação.

O professor necessita, neste novo cenário, de envolver os alunos e fazer com que eles se seduzam com o saber.

Salientamos que a concretização da realização deste Relatório apenas foi possível graças ao apoio de Deus, das pessoas que nos acompanharam, especialmente a família, os amigos, os professores orientadores e os colegas que conosco compartilharam esta experiência.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Missionários Capuchinhos.

1) Documentos do Magistério da Igreja

BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) in *AAS* 101 (2009) 641-709.

BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005) in *AAS* 98 (2006) 217-252.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática. A Revelação Divina *Dei Verbum*, Editorial A.O., Braga, 1983.

CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, Principia, Estoril, 2005.

FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si*, Editorial A.O., Braga (24 maio de 2015).

FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013) in *AAS* 105 (2013) 555-596.

FRANCISCO, *Escola, lugar de crescimento* in *L'Osservatore Romano*, dia 15 de maio de 2014.

FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Lætitia*, Paulus Editora, Lisboa, 2016.

2) Documentos da Conferência Episcopal Portuguesa

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2006.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2002.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a Escola em Portugal. Educação Integral da Pessoa Humana*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2008.

3) Legislação

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1993⁴, Cânone 804, 2.

Lei nº 46/86 de 14 outubro, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Artigo 2.º, 4.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho nº 16034/ 2010, de 22 de Outubro de 2010 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2ª série nº206, 22 de Outubro de 2010.

4) Dicionários e Enciclopédias

CREMASCHI, Lisa, *A Páscoa de Jesus e a Páscoa na Igreja* in Gianni AMBROSIO (coord.), *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.

DELLA TORRE, Luigi, *Eucaristia* in Gianni AMBROSIO (coord.), *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.

DELLA TORRE, Luigi, *O significado da Eucaristia* in Gianni AMBROSIO (coord.), *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.

MAGGIONI, Bruno, *Pai-Nosso* in Gianni AMBROSIO (coord.), *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.

OLIVEIRA, A. de, *Pão*, in João BIGOTTE CHORÃO (dir.), *Enciclopédia Verbo. Luso Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 2002.

Pão in AMBROSIO, Gianni (coord.), *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.

5) Bibliografia complementar

ARENDS, Richard, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lisboa, 1995.

ARENDS, Richard, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008⁷.

ALVES, Herculano, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006.

- BALLENATO, Guillermo, *Educar sem Gritar*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2009.
- BARROS, Nazaré, *Violência nas escolas – Bullying*, Bertrand Editora, Lisboa, 2010.
- BENTO XVI, *Luz do Mundo. O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos – Uma Conversa com Peter Seewald*, Lucerna, Cascais, 2010.
- BERTRAND, Yves, GUILLEMET, Patrick, *Organizações: Uma abordagem sistémica*, Piaget, Lisboa, 1988.
- BUENO SÁNCHEZ, Manuel, BUENO LOZANO, Manuel, *Aceite, pan y vino. La trilogía de la dieta mediterránea*, Ilusbooks, Madrid, 2015.
- CEEC, *Palavra de Deus verdade que dá sentido*, Ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2008.
- CHORÃO, Fátima, *Cultura Organizacional – Um paradigma de análise da realidade escolar*, G.E.F., Ministério da Educação Lisboa, 1992.
- COLUNGA, Alberto (coord.), *Bíblia Comentada I*, La Editorial Católica, Madrid, 1967
- CORDEIRO, José, *A Árvore do Pão*, Edição Diocese de Bragança-Mirandela, 2014.
- COSTA, Jorge, *Gestão Escolar: Participação, Autonomia, Projeto Educativo da Escola*, Texto, Lisboa, 1991.
- DELORS, Jacques, *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, Cortez, São Paulo, 2000⁴.
- DUQUE, Eduardo, *Os jovens e a religião na sociedade atual: comportamentos, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga*, Instituto Português da Juventude, Braga, 2007.
- EDUARD JACOB, Heinrich, *6000 anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003.
- ESPEJA, Jesús, *Para Compreender os Sacramentos*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2003.
- ESTRELA, Maria, *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*, Porto Editora, Porto, 2002.
- FERREIRA, Pedrosa, *A beleza da Oração*, Edição do Cavaleiro da Imaculada, Porto, 2013.

GIUGNI, Guido, *Il corpo e il movimento nel processo educativo della persona*, Torino: Società editrice internazionale, Scuola Viva, 1991, 167.

GOMES, Marco, *Competências em Educação Moral e Religiosa Católica e desenvolvimento de capacidades e atitudes*, in Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica, SNEC, Lisboa, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle, *O Peregrino e o Convertido – a religião em movimento*, Gradiva, Lisboa, 2005.

MARIA ALVES, José, JOÃO LEITE, Maria, *Sucesso na Escola – Um Guia para os Pais*, Coleção Saberes, Edições Asa, Porto, 2005.

MARQUES, Ramiro, *A direcção de turma, integração escolar e ligação ao meio*, Texto Editora, Lisboa, 1992.

MARQUES, Ramiro, *Educar com os Pais*, Colecção Ensinar e Aprender, Editorial Presença, Lisboa, 2001.

MARTO, António, *Eucaristia e Beleza de Deus*, Fundação Jornal da Beira, Viseu, 2005.

MIGUÉNS, Manuel, *Escola/Família/Comunidade* (org.) Conselho Nacional de Educação, Lisboa, 2008.

MILTON, Jaime, *Interdisciplinaridade e Transversalidade em Educação Moral e Religiosa Católica*, in Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica, nº 8, SNEC, Lisboa, 2007.

MONTADON, Cléopâtre, PERRENOUD, Philippe, *Entre Pais e Professores – Um Diálogo impossível? Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola*, Celta Editores, Oeiras, 2001, 5.

PACHECO, José, *Currículo: Teoria e Práxis*, Porto Editora, Porto, 2001, 132.

PEREIRA DE MATOS, Manuel Alberto, *Interpretação Trinitária do Pai Nosso. O Espírito Santo e Espírito de Filiação à Luz do De Trinitate e de Outros Escritos de Santo Agostinho*, Universidade Católica Editora, Coimbra, 2004.

PEREIRA DE MATOS, Manuel Alberto, *O Pai Nosso. A oração trinitária dos filhos de Deus*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007.

- PEREIRA-MÜLLER, Margarida, *Pão feito em casa*, Feitoria dos livros, 2011.
- POSTIC, Marcel, *A relação pedagógica*, Coleção Psicopedagogia, Coimbra Editora Limitada, Coimbra, 1990.
- RATZINGER, Joseph, *La Eucaristía centro de la vida*, Edicep, Espanha, 2005.
- ROCHA E MELO, Luís, *O Vento Sopra onde Quer - Notas de Espiritualidade*, Editorial A. O., Braga, 2001.
- ROCHA, Natércia, *Contos e lendas de Portugal* in Cristina SÁ CARVALHO (coord.), *Estou Contigo, Manual do Aluno – EMRC, 6.º Ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015.
- SÁ CARVALHO, Cristina (coord.), *Estou Contigo, Manual do Aluno – EMRC, 6.º Ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015.
- SAVATER, Fernando, *O Valor de Educar*, Editorial Presença, Lisboa, 1997.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014.
- SILVA, Pedro, (Org.) *Escolas, Famílias e Lares. Um caleidoscópio de olhares*, Profedições, Porto, 2007.
- SILVA, Pedro, *Escola - Família, uma Relação Armadilhada. Interculturalidade e Relações de Poder*, Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, Porto, 2003.
- SILVA, Limo, *Planificação e metodologia: O sucesso escolar em debate*, Porto Editora, Porto, 1983.
- SILVA, Pedro, *O contributo da escola para a actividade parental numa perspectiva de cidadania*, in Escola/Família/Comunidade (org.), Conselho Nacional de Educação Lisboa, 2008, 121.
- TAVARES, José, *Dimensão pessoal e interpessoal na formação*, Cadernos Cidine, Aveiro, 1992.

TEIXEIRA, Alfredo, *Não sabemos já donde a luz mana – ensaio sobre as identidades religiosas*, Paulinas, Lisboa, 2004.

URRA, Javier, *Educar com Bom Senso*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2010, 322.

VIEIRA, Ricardo, *Ser Igual, Ser Diferente. Encruzilhadas da Identidade*, Edição Profedições, Porto, 2000².

ZABALZA, Miguel, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições ASA, Porto, 1994.

ZANON, Darlei, *Parábolas sobre a Fé*, Paulus Editora, Lisboa, 2008.

6) Artigos de Revistas

CANTERAS MURILLO, Andrés, “Los nuevos modos de creer de los jóvenes: una interpretación sociológica”, in *Revista de Estudios de Juventud*, 53 (2001) 9-18

FRANCISCO AMBROSIO, Juan, “A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública”, in *Communio*, XVIII, 5 (2001) 437-449.

MARCELINO, António, “Educação Moral e Religiosa nas Escolas Católicas”, in *Pastoral Catequética. Revista de Catequese e Educação*, nº 5, SNEC, Lisboa, (2006) 83-87.

ROCHA E MELO, Luís, “Que é a Espiritualidade”, in *Communio*, 11, 3 (maio-jun 1994) 197-203.

MESSIAS, Teresa, “Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis”, in *Communio*, 29, 1 (janeiro 2012) 113-128.

MARTIN VELASCO, Juan, “Religião e dimensão humana de transcendência”, in *Communio*, 6 (1989/1) 5-14.

VILAÇA, Helena, “Recomposições dos rituais contemporâneos: a peregrinação”, in *Sociologia – Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto*, 17/18 (2007/08) 55-67.

7) Netgrafia

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MUNDÃO, *Projeto Educativo*, Documento disponível online no site do Agrupamento de Escolas de Mundão, em <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=YWVtdW5kYW8ubmV0fGVzY29sYXxneDo0Njk4Mjc3YjQyYmRiMmUy>, consultado em 30-02-2016.

BENTO XVI, *Audiência Geral* de 3 de outubro de 2012, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121003.html, consultado em 12-02-2016.

BENTO XVI, *Homilia do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor* de 12 de Abril de 2009, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090412_pasqua.html, consultado em 02-04-2016.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar juntos na escola católica missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos* de 8 de Setembro de 2007, Texto disponível online em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20070908_educare-insieme_po.html, consultado em 02-02-2016.

FRANCISCO, *Discurso aos participantes do encontro mundial dos directores de "scholas occurrentes"*, de 4 de Setembro de 2014, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papafrancesco_20140904_direttori-scholas-occurrentes.html, consultado em 2-03-2016.

FRANCISCO, *Respostas às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia* de 7 de Junho de 2013, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papafrancesco_20130607_scuole-gesuiti.html, consultado em 20-03-2016.

JOÃO PAULO II, *Santa Missa "In Coena Domini" Homilia* de 3 de Abril de 1980, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800403_cena-domini.html, consultado em 10-02-2016.

Lista de provérbios populares sobre o pão, Texto disponível online em <http://portugalfoodstories.com/2013/10/22/lista-de-proverbios-pao/>, consultado em 31-03-2016.

Pão Ázimo, Texto disponível online em <http://www.audacia.org/v2/article/pao-azimo/>, consultado em 31-03-2016.

PERRENOUD, Philippe, *Escola e Cidadania – o papel da escola na formação para a democracia*, Artmed, Porto Alegre, 2005, Documento disponível online em: http://api.ning.com/files/cq9*iDXWXsPnZ8OEeUjl6p6fMRh73*qbVygUFfQxHy8AGdaEKmO5OFLSM8J2bWbdPV57e0jr*bdtrFkdaKc3noRSWFngVnu/Escola_e_cidadania.pdf, consultado em 2-02-2016.

Série I-B, Portaria 425/98, Texto disponível online em <http://publicos.pt/documento/id428627/portaria-425/98>, consultado em 31-03-2016.

ANEXOS

Visita de Estudo Museu do Pão



Agrupamento de Escolas de Mundão

17 de março 2016

Depois de uma longa viagem de autocarro, chegamos finalmente ao Museu onde... o “pão” quando nasce é para todos.



Fomos, calorosamente, recebidos pela Dina que nos tratava por “caras lindas”.



Conhecemos os vários tipos de pão existentes no nosso país e detivemo-nos, especialmente, nos pães típicos da nossa região.



Chegámos à quinta mágica.... Portas abertas e conhecemos o ciclo do pão: todas as tarefas e alfaia necessárias para termos o pão na nossa mesa.



Na eira o cereal é malhado e ventilado e nós estávamos muito atentos a todas as explicações.



Enquanto o Fábio guardava o gado, o Sr. Manuel levava o cereal até ao moinho.



Ora cá está o moinho de água do Sr. Manuel.



Depois... diretos para a padaria: amassar, levedar, tender, cozer e o pão fica pronto.



Está na hora da distribuição... cá vamos nós....



Está na hora da distribuição... cá vamos nós....



E assim nos despedimos com vontade de voltar.



Anexo 1 – PowerPoint: Museu do Pão.

Apresentação em PowerPoint sobre o Museu do Pão, realçando a importância do fabrico do pão. Desta forma, os alunos iniciam uma visita de estudo, sem saírem do lugar.



Figura 1- Grãos de centeio, milho e trigo.



Figura 2 – Farinha do trigo.



Figura 3 – Fermento.



Figura 4 – Pão de mistura com sementes.



Figura 5 – Pão de trigo.



Figura 6 – Pão com chocolate.



Figura 7 – Pão de milho do “Museu do Pão de Seia”

Anexo 2 – Para o fabrico do pão, a professora apresentou aos alunos diferentes tipos de grãos (centeio, trigo, milho). Depois explicou que destes grãos surge a farinha que é moída, e posteriormente na padaria, juntamente com o fermento e água é amassado e cozido o pão, apresentando diferentes qualidades de pães.



Figura 1- O copo de iogurte reutilizável com as sementes.



Figura 2 - O crescer do trigo.

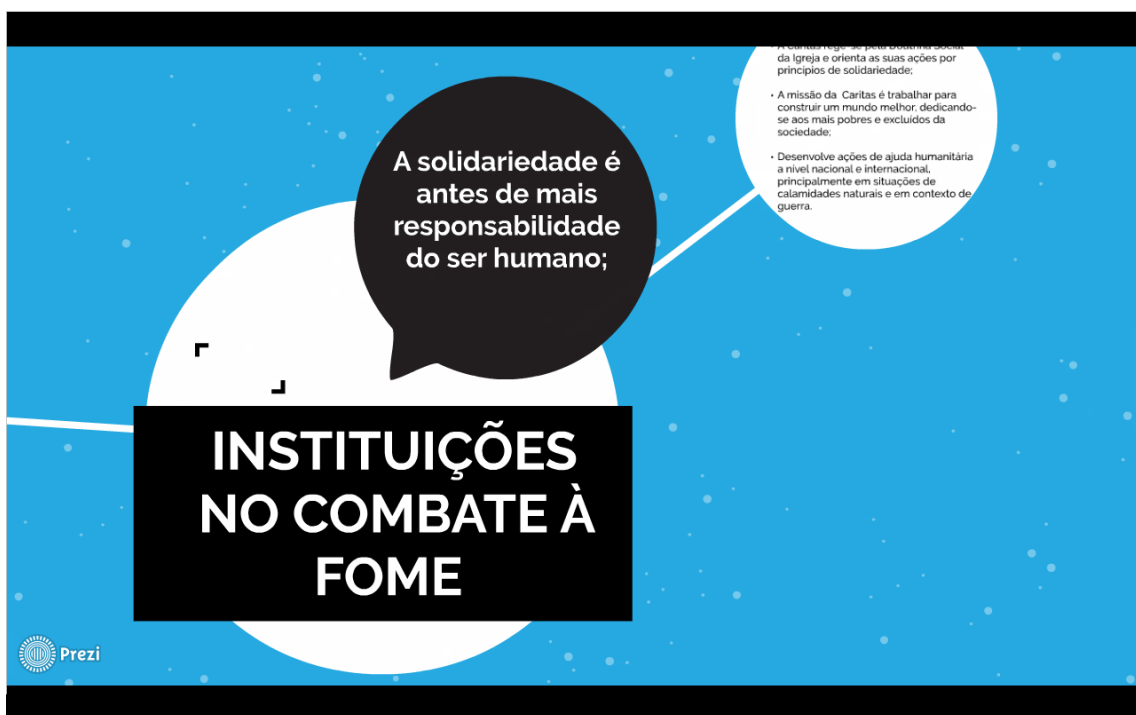
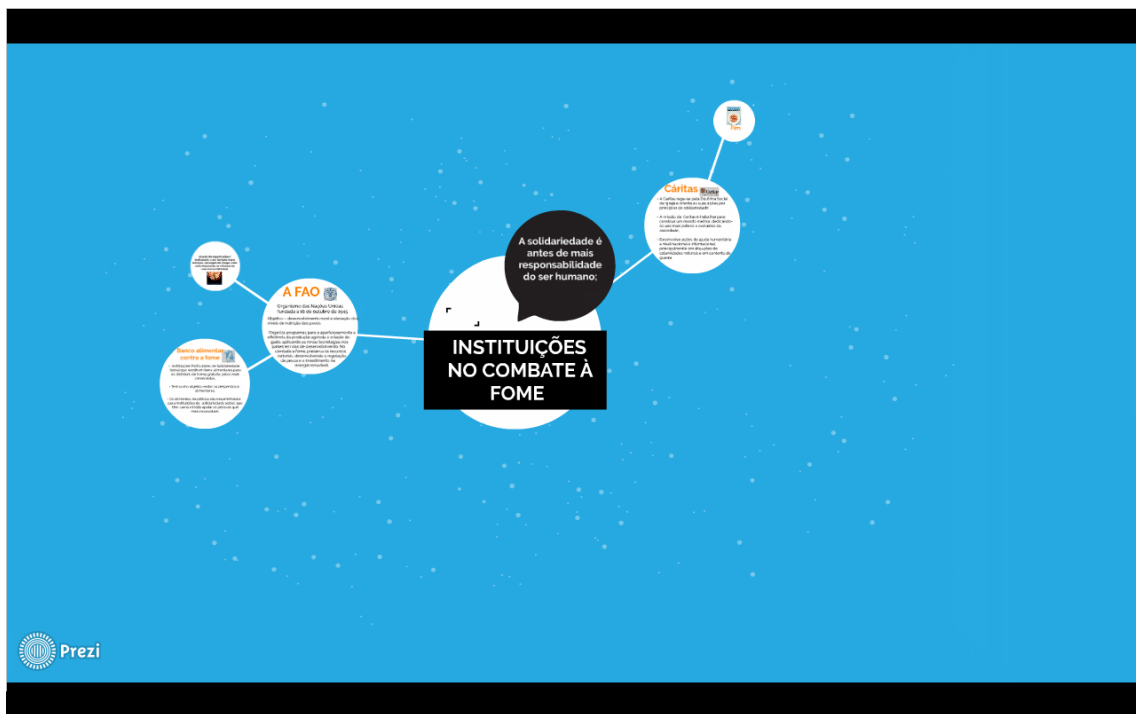


Figura 3 – Os copos dos alunos inseridos num vaso com os grãos a crescerem.



Figura 4 – O crescer dos grãos de outros alunos.

Anexo 3 – Para que os alunos pudessem presenciar o crescimento dos grãos, a professora entregou a cada aluno, dois grãos para semear em copos de iogurte reutilizáveis, na sala de aula.





Anexo 5 – Prezi - “Instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome”.

Suporte interativo, o Prezi, utilizado para apresentar a importância das instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome. Estas contribuem para a defesa da qualidade de vida das populações desfavorecidas, prestam ajuda humanitária e auxiliam em caso de emergência, tendo como exemplos: a Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO); o Banco Alimentar Contra a Fome e a Cáritas.



Anexo 6 – Vídeo “Parábola de Lázaro e do homem rico”.

Vídeo que retrata a “Parábola de Lázaro e do homem rico” (Lc 16,19-31), consultado em 28 de abril de 2016 in <http://www.educris.com/v2/tv/episodios-biblicos/864-parabola-do-rico-e-do-pobre-lazaro-lc-16-19-31>.

